



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**  
**MESTRADO EM SOCIOLOGIA**

**JOANA FERREIRA BORGES**

**O FUTURO É MULHER? O FEMININO NOS DISCURSOS E NA ASCENSÃO  
POLÍTICA DE BOLSONARO – APROXIMAÇÕES ENTRE SOCIOLOGIA E  
PSICANÁLISE**

**FORTALEZA**

**2024**

JOANA FERREIRA BORGES

O FUTURO É MULHER? O FEMININO NOS DISCURSOS E NA ASCENSÃO POLÍTICA  
DE BOLSONARO – APROXIMAÇÕES ENTRE SOCIOLOGIA E PSICANÁLISE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de mestra em Sociologia. Linha de pesquisa: Gênero e Diversidade, Cultura e Pensamento Social.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Cristian Saraiva Paiva

FORTALEZA

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Sistema de Bibliotecas

B732f Borges, Joana Ferreira.  
O futuro é mulher? : o feminino nos discursos e na ascensão política de Bolsonaro - aproximações entre sociologia e psicanálise / Joana Ferreira Borges. – 2024.  
106 f. ; il. color.

1. Autoritarismo. 2. Bolsonaro. 3. Neoconservadorismo. 4. Gênero. 5. Psicanálise. I. Título.  
CDD 301

JOANA FERREIRA BORGES

O FUTURO É MULHER? O FEMININO NOS DISCURSOS E NA ASCENSÃO POLÍTICA  
DE BOLSONARO – APROXIMAÇÕES ENTRE SOCIOLOGIA E PSICANÁLISE

Dissertação apresentada ao Programa de  
Pós-Graduação em Sociologia da Universidade  
Federal do Ceará, como requisito parcial à  
obtenção do título de Mestra em Sociologia.  
Linha de pesquisa: Gênero e Diversidade,  
Cultura e Pensamento Social.

Aprovada em: 29/11/2024.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Antonio Cristian Saraiva Paiva (Orientador)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Monalisa Soares Lopes  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Ana Carolina Borges Leão Martins  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Alice Chaves de Carvalho Gomes  
Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF)

À todas as crianças que perderam suas mães  
para a covid-19, sob o governo Bolsonaro.

## AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Por uma admiração muito profunda que sempre nutri à minha mãe e ao meu pai, a política sempre foi algo que me deslumbrou. Foi por intermédio deles e de vários de seus colegas de trabalho (aos quais eu chamo de “tios” e “tias”) que eu pude vivenciar desde muito cedo as movimentações eleitorais e sindicais. Por essa identificação, eu sempre soube que de alguma forma isso faria parte da minha vida. Por isso e por tudo, eu os agradeço profundamente.

À minha tia Diva, que me proporcionou participar de tantos encontros de psicanálise, o que me ajudou profundamente no percurso. À minha avó Luzia (*in memorian*), pelo porto seguro de sempre.

Às organizações políticas as quais fiz parte e que me ajudaram a não só ter uma formação teórica densa, mas que também me ensinaram os valores de um comunista, como a solidariedade e o amor ao povo. Agradeço também aos camaradas que personificaram essas organizações e deram corpo a tantas ações que me forjaram enquanto militante.

À Universidade Federal do Ceará, em especial ao PPGS, que me recebeu novamente nessa instituição que me proporcionou tantas experiências. Aos professores Leonardo Sá e Luiz Fábio, por terem me fornecido uma base sociológica que me faltava, e em especial ao meu orientador Cristian Paiva, com suas intervenções, paciência e sabedoria. No meio acadêmico, não é fácil achar pessoas tão humanas e leves assim, o que reforça a sorte de tê-lo em posição tão central nessa caminhada. Ainda no mestrado, aos colegas de turma, em especial Lucas e Renan, que fizeram cada momento mais divertido; e ao meu amigo de longa data, Lívio, com quem tive a sorte de construir mais essa memória cheia de amor e parceria, mesmo depois de tanta coisa já vivida e compartilhada.

Aos meus amigos Rafael Tatemoto e Lorena Aragão, pelo suporte cirúrgico no processo seletivo e por todos os apoios e auxílios teóricos necessários durante o mestrado, o meu muitíssimo obrigado.

Ao André, meu companheiro de longa data e pai da minha filha, que me deu todo o suporte durante a elaboração do projeto e em todas as vezes que precisei de mais tempo para a escrita. Obrigada pela generosidade.

E por fim, à Marina, minha fonte inesgotável de força e amor. Que essa trajetória um dia possa lhe dar um pouco de orgulho, como sinto pelos seus avós.

“Para cada um de nós, o destino toma a forma de uma mulher [ou de várias].” (FREUD, 1996, p. 183).

## RESUMO

A ascensão de governos autoritários no século XXI em diversos países vem suscitando uma série de discussões e produções acadêmicas na tentativa de identificar os elementos que convergem para esses resultados. Ainda que muitos debates ainda estejam em aberto, já é possível visualizar alguns indicativos de confluência em diferentes cenários, tais como a centralidade do debate de gênero e sexualidade, como também a crise da democracia liberal. Os discursos antissistema de figuras como Donald Trump e Jair Messias Bolsonaro vem acompanhado de uma agenda institucional antifeminista, racista e homofóbica, coesionando amplas parcelas da sociedade em torno de uma pauta cristã de controle dos desejos e dos corpos, em prol da defesa das estruturas familiares tradicionais e dos papéis de gênero tidos como naturais. No Brasil, tanto durante a campanha presidencial de 2018 como também durante o governo do presidente eleito Bolsonaro, pode ser percebido uma produção e intervenção pública de psicanalistas debatendo o fenômeno político à luz da Psicanálise. A partir dessa aproximação, surge para os fins desta pesquisa uma hipótese sobre como a Psicanálise e alguns de seus conceitos, em especial as elaborações acerca do mal-estar na civilização, de Freud, e o gozo não-todo em Lacan, poderiam oferecer mais elementos na tentativa de compreender esse processo, aliados a outros conceitos mobilizados nas Ciências Sociais, como o de socioanálise em Pierre Bourdieu. A partir do levantamento de mais de cinco mil matérias jornalísticas publicadas online pelo jornal Folha de S. Paulo, entre os anos de 2011 e 2018, o presente trabalho se esforça em demonstrar a preponderância da questão de gênero no discurso de Jair Bolsonaro, na observação do crescimento de sua figura política em paralelo com as suas investidas contrárias às pautas dos movimentos feministas e LGBTQIA+. Esse levantamento, em diálogo com a produção de sociólogos, filósofos e psicanalistas, exprime a relevância do sentido "feminino" contido nesse processo.

**Palavras-chave:** autoritarismo; bolsonaro; neoconservadorismo; gênero; feminino; psicanálise; gozo não-todo.

## ABSTRACT

The rise of authoritarian governments in the 21st century in several countries has given rise to a series of investigations and academic productions in an attempt to identify the elements that converge to these results. Although many debates are still open, it is already possible to see some indications of confluence in different scenarios, such as the centrality of the gender and sexuality debate, as well as the crisis of liberal democracy. The anti-system speeches of figures such as Donald Trump and Jair Messias Bolsonaro are accompanied by an anti-feminist, racist and homophobic institutional agenda, cohesuring broad sections of society around a Christian agenda of controlling desires and bodies, in favor of defending family structures. traditional and gender roles considered natural. In Brazil, both during the 2018 presidential campaign and also during the government of President-elect Bolsonaro, a public production and intervention by psychoanalysts can be seen debating the political aspect in the light of Psychoanalysis. From this approach, for the purposes of this research, a hypothesis emerges about how Psychoanalysis and some of its concepts, in particular the elaborations on civilization's malaise, by Freud, and non-total enjoyment by Lacan, could offer more elements in an attempt to understand this process, combined with other concepts mobilized in the Social Sciences, such as socioanalysis in Pierre Bourdieu. Based on a survey of more than five thousand journalistic articles published online by the Folha de S.Paulo newspaper, between 2011 and 2018, this work strives to demonstrate the preponderance of the gender issue in Jair Bolsonaro's speech, in observation the growth of his political figure in parallel with his attacks against the agendas of the feminist and LGBTQIA+ movements. This survey, in dialogue with the production of sociologists, philosophers and psychoanalysts, expresses the relevance of the "feminine" contained in this process.

**Keywords:** Authoritarianism; Bolsonaro; Neoconservatism; Gender; Feminine; Psychoanalysis; Malaise; Not-all enjoyment.

## LISTA DE FIGURAS

|          |   |                                                                                                                         |     |
|----------|---|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Figura 1 | - | Jair Bolsonaro apontando para cartaz em que acusa Fernando Haddad de ser o candidato do Kit Gay .....                   | 52  |
| Figura 2 | - | Manifestantes do União da Juventude Socialista dão beijo gay em protesto contra Bolsonaro.....                          | 59  |
| Figura 3 | - | A deputada Maria do Rosário (PT) protocola queixa-crime no Supremo Tribunal Federal contra o colega Jair Bolsonaro..... | 60  |
| Figura 4 | - | Figura 04 - Lugares de Discurso.....                                                                                    | 94  |
| Figura 5 | - | Tábua da Sexuação.....                                                                                                  | 96  |
| Figura 6 | - | Jair Bolsonaro fazendo gesto de armas com as mãos.....                                                                  | 100 |
| Figura 7 | - | Jair Bolsonaro fazendo gesto de armas com as mãos.....                                                                  | 101 |
| Figura 8 | - | Jair Bolsonaro fazendo gesto de armas com a mão de uma criança.....                                                     | 101 |
| Figura 9 | - | Jair Bolsonaro fazendo gesto de armas com as mãos ao lado de outras pessoas que sorriem.....                            | 102 |

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

|        |                                                                         |
|--------|-------------------------------------------------------------------------|
| CAPES  | Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior             |
| CQC    | <i>Custe o Que Custar</i> (Programa de TV)                              |
| DEM    | Democratas                                                              |
| DOI-CO | Departamento de Ordem Política e Social / Centro de Operações de Defesa |
| DI     | Interna                                                                 |
| EUA    | Estados Unidos da América                                               |
| ICMS   | Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços                      |
| LGBTQ  | Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Intersexo, Assexuais e |
| IA+    | outros                                                                  |
| PCdoB  | Partido Comunista do Brasil                                             |
| PP     | Partido Progressista                                                    |
| PPD    | Psicanalistas Pela Democracia                                           |
| PPGS   | Programa de Pós-Graduação em Sociologia                                 |
| PRTB   | Partido Renovador Trabalhista Brasileiro                                |
| PSC    | Partido Social Cristão                                                  |
| PSDB   | Partido da Social Democracia Brasileira                                 |
| PSL    | Partido Social Liberal                                                  |
| PSOL   | Partido Socialismo e Liberdade                                          |
| PT     | Partido dos Trabalhadores                                               |
| SESC   | Serviço Social do Comércio                                              |
| STF    | Supremo Tribunal Federal                                                |
| UFC    | Universidade Federal do Ceará                                           |
| UNIVA  | Universidade Federal do Vale do São Francisco                           |
| SF     |                                                                         |
| USP    | Universidade de São Paulo                                               |

## SUMÁRIO

|            |                                                                                |            |
|------------|--------------------------------------------------------------------------------|------------|
| <b>1</b>   | <b>INTRODUÇÃO .....</b>                                                        | <b>14</b>  |
| <b>1.1</b> | <b>Revisão de literatura .....</b>                                             | <b>21</b>  |
| <b>1.2</b> | <b>Referencial teórico.....</b>                                                | <b>25</b>  |
| <b>1.3</b> | <b>Roteiro de trabalho.....</b>                                                | <b>27</b>  |
| <b>1.4</b> | <b>Metodologia.....</b>                                                        | <b>28</b>  |
| <b>2</b>   | <b>GÊNERO E SEXUALIDADE COMO UMA AMEAÇA? .....</b>                             | <b>29</b>  |
| <b>2.1</b> | <b>A reação à ameaça .....</b>                                                 | <b>32</b>  |
| <b>2.2</b> | <b>O gênero, a democracia e a psicanálise na ascensão do bolsonarismo.....</b> | <b>40</b>  |
| <b>3</b>   | <b>ASCENSÃO DE BOLSONARO: DISCURSO E BASE .....</b>                            | <b>48</b>  |
| <b>3.1</b> | <b>Bolsonaro contra as minorias - 2011-2016.....</b>                           | <b>49</b>  |
| <b>3.2</b> | <b>A consolidação do Mito - 2016.....</b>                                      | <b>59</b>  |
| <b>3.3</b> | <b>O segundo turno.....</b>                                                    | <b>77</b>  |
| <b>4</b>   | <b>REFLEXÕES A PARTIR DA SOCIOLOGIA E A PSICANÁLISE.....</b>                   | <b>81</b>  |
| <b>4.1</b> | <b>A práxis da socioanálise.....</b>                                           | <b>87</b>  |
| <b>4.2</b> | <b>Uma perspectiva do não-todo.....</b>                                        | <b>92</b>  |
| <b>5</b>   | <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>                                               | <b>99</b>  |
|            | <b>REFERÊNCIAS .....</b>                                                       | <b>104</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

Estamos observando, no decorrer da última década, o despontar de figuras autoritárias vitoriosas em pleitos eleitorais em vários lugares do mundo. As Ciências Sociais seguem tentando identificar as características desses fenômenos e aproximações entre si. Este trabalho parte da ideia de que existe uma conexão entre as questões relacionadas ao gênero, a diferenciação sexual e a crise das democracias liberais nas causas desses acontecimentos.

Segundo Maria Rita Kehl (2016), psicanalista brasileira, todos quando nascemos somos inscritos no discurso do Outro, algo que nos é direcionado desde antes do nosso nascimento. Diz ela, em seu livro *Deslocamentos do feminino*, que “manuais de instruções existem, sim, na trama simbólica que constitui a cultura, que nos designa lugares, posições, deveres, traços identificatórios” (p. 23).

Esse ponto de partida é interessante para nos situar na complexidade do debate social sobre o que viria a ser homem ou mulher. Primeiro que embora aquele próprio sujeito ainda não esteja sequer no mundo, o que ela chama de “trama simbólica”, a nossa cultura, já se antecipa e constitui uma série de definições que tendem a moldar não apenas a vida do ser que chega ao mundo, mas também norteia e direciona aqueles que os definem. “Manual”, no sentido de que esse tipo de inscrição é a forma que permeia e permite que a sociedade no geral se organize.

As tentativas de questionar esses papéis, esses deveres, esses traços – todo o “manual” – seguem seu percurso há décadas, questionamentos esses especialmente liderados pelos movimentos feministas ao redor do mundo há mais de um século. E mesmo para a psicanálise essa trama não consegue se sustentar de forma tão impecável, visto que o simbólico não daria conta de condicionar ou satisfazer todas as pulsões.

Assim, podemos sugerir que acaba surgindo um encontro um tanto improvável entre as teorias feministas e a psicanálise ao longo do século XX e que se fortalece no século XXI: por um lado, algumas vertentes do pensamento feminista tentam desconstruir o gênero, outras equiparar os gêneros; para a psicanálise, a ideia de diferenciação existe no destino das pulsões, mas não por uma determinação biológica, e sim justamente pelo modo como somos inscritos nessa cultura que à priori nos diferencia. Dessa forma, a psicanálise teria mais condições, ou menos restrições, em lidar com a possibilidade do questionamento acerca do gênero, pois o que importaria está para além do simbólico?

Kehl, ainda no mesmo livro, diz: “A ética da psicanálise exige que o analista saiba que ‘homem’ e ‘mulher’ e ‘sujeito’ são construções datadas, contingentes: portanto,

mutantes. É preciso que ele saiba que não está lidando com conceitos transcendentais, mas com contingências”. Talvez seja essa assunção que faça com que a psicanálise tenha uma mobilidade entre os campos.

De um lado, no campo acadêmico, inúmeras produções acerca dos papéis de gêneros, suas quedas e suas permanências (sutis ou violentas); em outro campo, a política, com seus movimentos conflitantes e com a institucionalidade que possui o poder acerca das políticas públicas que acabam por produzir narrativas sobre o gênero; no jurídico, com normas e leis que conduzem a concretude ou não dos fatores determinantes, sejam sexuais ou de gênero nas sociedades contemporâneas. A questão que nos permite avançar no entrelaçar entre psicanálise e política nesse trabalho é em primeiro lugar essa estrada sinuosa de interseção sobre os questionamentos do próprio discurso sobre o gênero, ainda que de pontos de partida diferentes.

E, ainda mais, a interseção com os campos. Na apresentação do Dossiê *Psicanálise entre feminismos e femininos*<sup>1</sup>, o psicanalista Gilson Iannini afirma que a “Psicanálise e feminismo são discursos mais ou menos contemporâneos um do outro, correm como ondas paralelas: às vezes se cruzam, às vezes se distanciam, se confundem, se interpenetram, se separam, se chocam”. Da mesma forma que a psicanálise surge no final do século XIX para o século XX, a inserção progressiva e sistematizada das mulheres na vida pública e política segue no mesmo recorte. Nas democracias que se consolidam cada vez mais, as mulheres começam a reivindicar novas posições, diferentes destas definidoras pela então cultura vigente.

Existiria, pois, uma amálgama entre democracia/gênero que segue um caminho de avanços e retrocessos ao longo do último século. A hipótese desse trabalho é de que não apenas existe uma centralidade no uso dessa relação por parte dos discursos ultraconservadores que emergiram nas primeiras duas décadas do século XXI, mas que a psicanálise se alça como uma área de possíveis respostas para este fenômeno.

A perseguição às mulheres e a centralidade nas questões de gênero e sexualidade nos discursos de figuras autoritárias que despontam no espaço público, a exemplo de Bolsonaro e outros, podem indicar como a posição de discurso dita masculina não consegue conviver com a possibilidade de um sujeito não-todo, estruturada na posição de discurso do feminino. A marca dessa diferenciação formou um conjunto que se desenvolveu juntamente às erosões de democracias, entrelaçando ainda mais os elementos culturais (especialmente as

---

<sup>1</sup> Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/dossie-cult-psicanalise-e-feminismo/>. Acesso em: 02 jul. 2024.

mudanças) e a política. Assim, poderemos compreender a aproximação da psicanálise e psicanalistas no debate político e a procura nas redes sociais por leituras de conjuntura desses sujeitos de maneira muito mais massiva do que a procura por explicações ou reflexões de cientistas políticos.

Pela psicanálise ter, nela mesmo, a inscrição do debate sobre a formação do sujeito, suas posições de discurso e um entendimento da total conexão sobre a sexualidade e a construção da cultura, teria ela sido alçada como capaz de discutir sobre os pronunciamentos e posturas de Bolsonaro, como se os que procuram por análises políticas desconfiassem de que existe algo mais além da economia e das políticas sociais no espaço da política e no discurso dessas figuras?

A intenção desse projeto de pesquisa se iniciou ainda no ano de 2018, durante o fortalecimento da campanha do então candidato Jair Messias Bolsonaro à presidência da República. Frente às declarações caricaturais e postura notadamente antidemocráticas, surge uma pergunta: o que leva um candidato com postura anti establishment e que ataca diretamente tanto setores da sociedade a avançar nas pesquisas, e posteriormente ganhar as eleições?

Muitas respostas tentaram ser dadas à época e muitas ainda estão em construção, levando uma gama de cientistas políticos, filósofos e outros intelectuais a refletirem sobre um possível diagnóstico. Havia uma expectativa de que a candidatura de Bolsonaro se “desidratasse”<sup>2</sup> quando a campanha dos outros candidatos comesçassem oficialmente, com tempo de propaganda eleitoral na TV e rádio, com as aparições nos palanques nas principais capitais, nos debates ao vivo. No entanto, o que se notou foi um avanço contínuo do candidato do PL e, paralelamente, do enraizamento do seu discurso na sociedade.

A eleição de 2018 foi a primeira após o impeachment da primeira presidenta mulher do Brasil, Dilma Rousseff, que inclusive teve o voto do capitão Bolsonaro, então deputado federal, como um dos votos mais marcantes do processo de sua deposição. Na ocasião, Bolsonaro não só votou pelo impeachment, como em sua declaração de voto exaltou

---

<sup>2</sup> Diversos cientistas políticos, economistas e até mesmo o então chefe da casa civil do presidente Temer, Eliseu Padilha, deram declarações entre o final de 2017 e 2018, atestando a vindoura desidratação do candidato Bolsonaro. Disponível em: <https://jc.ne10.uol.com.br/canal/politica/nacional/noticia/2017/12/06/bolsonaro-e-uma-bolha-e-vai-desidratar-avalia-cientista-politico-318899.php>. Acesso em: 05 jul. 2024. Disponível em: [https://valor.globo.com/politica/noticia/2018/07/24/para-padilha-bolsonaro-desidrata\\_gh.html](https://valor.globo.com/politica/noticia/2018/07/24/para-padilha-bolsonaro-desidrata_gh.html). Acesso em: 05 jul. 2024.

a ditadura e um dos algozes da presidenta, Brilhante Ustra – “o terror de Dilma Rousseff”<sup>3</sup>, como gostou de ressaltar.

O processo político que culminou na saída da então presidenta do seu cargo foi marcado por várias declarações de baixo escalão. No entanto, Dilma sofreu diversos tipos de ataques desde o seu primeiro governo e o elemento “ser mulher” era central dentro do contexto. Durante a crise econômica que o Brasil enfrentava durante seus governos, na ocasião do aumento progressivo do preço dos combustíveis, foram produzidos adesivos de péssimo gosto que se espalharam pelo Brasil, onde Dilma aparece de pernas abertas justamente onde se insere a bomba de abastecimento nos automóveis.

Capas de revistas comentavam sobre sua aparência e temperamento<sup>4</sup>, o que parecia demonstrar uma vez mais como a avaliação política de mulheres nos espaços de poder institucional não as protege de serem questionadas por outras questões além de suas próprias decisões e condução em seus cargos<sup>5</sup>. Em um país com traços patriarcais tão profundos como o Brasil, não poderíamos dizer que havia algo de inédito ou surpreendente nessas confirmações por parte das mídias brasileiras e parte da população, mas a inserção mais profunda de Bolsonaro no cenário nacional e seu crescente fortalecimento inauguram um agravamento dessa postura e a disseminação de um discurso misógino de forma ainda mais ampla.

Desta forma, a pergunta “o que levaria um candidato como Bolsonaro avançar nesse percurso, dentro desse contexto”, se desdobraria para uma outra: como, depois de tantos avanços sociais e culturais acerca do papel da mulher na sociedade e na política, a demarcação conservadora se sobressaísse e se impusesse? O século XX foi o palco de algumas significativas mudanças em relação ao papel da mulher na sociedade desde a modernidade, tanto no que podemos considerar público como privado.

Conquistas políticas como direito ao voto e à licença maternidade são realidades na maioria dos países, e outras bandeiras igualmente importantes permanecem em voga, como

<sup>3</sup> Brilhante Ustra, chefe do DOI-CODI, comandou sessões de tortura de Dilma, quando esta era da organização revolucionária marxista Política Operária (POLOP).

<sup>4</sup> Um exemplo é a capa da revista IstoÉ de 01/04/2016, que traz a imagem de Dilma com a boca escancarada com se gritasse e com a seguinte manchete “As explosões nervosas da presidente: em surtos de descontrole com a iminência do seu afastamento e completamente fora de si, Dilma quebra móveis dentro do Palácio, grita com subordinados, xinga autoridades, ataca poderes constituídos e perde (também) as condições emocionais para conduzir o país”. Disponível em:

<https://www.brasildefato.com.br/2020/02/01/justica-concede-direito-de-resposta-a-dilma-contra-revista-istoe/>.

Acesso em: 15 mai. 2023.

<sup>5</sup> “The belief that women are prone to greater emotion may help explain and even justify why women continue to be underrepresented in positions of economic and political power that require a level head and a steady hand.” (BARRETT & BLISS-MOREAU, 2009, p. 649).

a equidade salarial e mesmo o direito ao próprio corpo, como o aborto legal e seguro provido pelo Estado. O impacto dos métodos contraceptivos e do avanço da mulher no mercado de trabalho modificou significativamente o que se entendia como o papel ou local da mulher na sociedade.

Simone de Beauvoir no seu famoso “O segundo sexo” discorre sobre o que poderíamos considerar um estudo profundo sobre a sociogênese do que significava ser mulher ao longo do tempo, a partir de um aforismo importante e muito conhecido: “não se nasce mulher, torna-se”, uma citação que coloca no centro da construção do gênero a cultura e a sociedade. O esforço era então cada vez mais “desbiologizar” a mulher, que era tomada por pressupostos da natureza, e começar a discutir as questões de dominação subjetiva e corporais que instituíram social e culturalmente o que é ser mulher – obviamente, em detrimento do papel do homem como dominante em uma sociedade patriarcal.

O começo do século XXI foi também tomado por diversos debates acerca do gênero, muito por influência de outra famosa filósofa, Judith Butler, que vinha desde os anos 90 debatendo como a produção social dos papéis de gênero tendem a se fragilizar, abrindo espaço para um mundo cada vez mais fluido e amplo nesse sentido. Todas essas mudanças práticas, que tais reflexões filosóficas tentam dar conta, têm impacto no modo como a nossa subjetividade lida com esse processo.

Há muitas décadas, desde a segunda onda do feminismo<sup>6</sup>, vêm se escutando a frase “o futuro é mulher”<sup>7</sup>, uma afirmação que certamente parece assombrar uma parte da população – especialmente as que se reconhecem nas figuras deste político. Mas o que essa frase de efeito pode significar, afinal?

Embora as mudanças sejam cada vez mais perceptíveis, é difícil ignorar que o modo como somos inscritos na trama social está diretamente ligado ao discurso hegemônico da cultura a qual pertencemos. Um grande exemplo disso é a inscrição que nos é dirigida desde que nascemos que é propriamente a marca da diferenciação sexual. No capítulo sobre a

---

<sup>6</sup> No Dossiê já citado sobre Psicanálise e Feminismos, Gilson Iannini e Carla Rodrigues relembram na apresentação a relação tensa que se configurou entre os dois campos na segunda onda do feminismo. “O acalorado debate acerca da diferença sexual e da feminilidade ocorrido nos anos 1920 foi reaberto nas décadas de 1960-1970, no que se convencionou chamar de ‘segunda onda feminista’, quando a discussão acerca das compatibilidades e incompatibilidades entre psicanálise e feminismo passou para o primeiro plano. Por um lado, diversas feministas criticaram aspectos centrais da psicanálise – muitas delas condenando-a inapelavelmente -, mas por outro lado, muitas outras se valeram de conceitos psicanalíticos como instrumentos de crítica feministas à sociedade”.

<sup>7</sup> Nos protestos estadunidenses, a frase era escrita como “The future is female”, que em tradução livre significaria “O futuro é fêmea”. Aqui no Brasil, as variáveis mais comuns dessa frase são “O futuro é mulher” e “O futuro é feminino”, o que demonstra a conexão comumente feita entre mulher/feminino.

constituição da feminilidade no século XIX, no livro *Deslocamentos do Feminino* da psicanalista Maria Rita Kehl, ela nos aponta:

Na falta de um Outro que toma a forma imaginária de um ser de amor para responder ao “che vuoi?” [o que queres?]. O sujeito está condenado a inventar os sentidos da sua existência. Invenção que não pode ignorar, entretanto, os modos de inscrição de cada sujeito no discurso do Outro (agora tomado na dimensão simbólica), que é o discurso da cultura a que pertence. A primeira dessas inscrições, que nos é dada assim que nascemos, é a marca da diferenciação sexual. A primeira definição de uma criança, dada mesmo antes que o feto complete sua evolução, graças aos métodos atuais de investigação ultrassonográfica, é que seja “menino” ou “menina”. Significantes que indicam não apenas uma diferença anatômica, mas o pertencimento a um de dois grupos identitários carregados de significações imaginárias. ( KEHL, 2016, p. 22).

Assim, quando as possibilidades de transformação do papel da mulher no século XX começam a aparentar criar fôlego, se modificam também uma série de relações de poder, incluindo o local do homem e como essa configuração é observada, sentida e vivida. Desde o estabelecimento do patriarcado enquanto estrutura de organização econômica e social, o lugar da mulher na sociedade, seus deveres e direitos e sua própria história foi orientada pelo jugo de homens<sup>8</sup>, se configura da maneira como encaramos a cultura hoje a partir do papel da mulher na modernidade.

A sensação de que esta estrutura pode começar a roer propicia o surgimento de uma onda conservadora, um verdadeiro *backlash* contra figuras de mulheres, movimentos feministas e dos próprios direitos já conquistados e assegurados. Mais: aparentemente, algumas práticas e técnicas da contemporaneidade deixam um grande contingente de pessoas incomodadas em relação ao papel da mulher e sobre as possibilidades da sexualidade.

Desde os métodos anticoncepcionais, a condição da mulher vem sofrendo transformações aceleradas: onde antes se encontrava uma pessoa destinada ao casamento e à criação de filhos, mantendo relações sexuais centralmente para procriação em diversos casos, com o advento da pílula e de outros métodos as mulheres assumem uma condição de seres sexualmente ativos por prazer e com mais tempo para trabalhar (já que com menos ou nenhum filho), ou seja, um ser com condições objetivas para cultivar autonomia e liberdades.

Possuir a técnica, que impede a reprodução e devolve em partes o corpo da mulher para ela mesma, retira esse sujeito socialmente estabelecido do local histórico que vinha ocupando. Maria Rita Kehl faz um resgate interessante sobre essa condição, dizendo:

---

<sup>8</sup> “Engels via assim, no advento do patriarcado, a grande derrota do sexo feminino e a criação da luta de classes — a mulher se tornando, na família burguesa, ‘o proletário do homem’”. (ROUDINESCO, 2003, p. 23).

Como vimos em Rousseau, o percurso do modelo familiar oitocentista, a sexualidade feminina teria aspectos ameaçadores para o homem: por isso estes deveriam ser reprimidos desde cedo pela educação para que a mulher pudesse, por um lado, estimular a virilidade masculina e, por outro, desempenhar a contento os papéis de esposa e mãe. Os defensores da sujeição feminina no século XIX seguiram os argumentos de Rousseau e Kant, segundo os quais a mulher é um animal selvagem que é preciso domar com mão de ferro para que ela possa, pacificada, encarregar-se da paz doméstica. (KEHL, 2016, p. 58).

Quando o papel da mulher começa a se modificar, se coloca em questionamento se isso também significa uma fragilidade de outros elementos, como os paradigmas de família e masculinidade. Se um homem se reconhece homem a partir do que é a mulher (como um papel de sustentação de sua virilidade), haveria então um embaraço frente a possibilidade de as mulheres começarem a se comportar de outra forma, abalando assim a seguridade sobre a própria condição de homem.

Dentre os vários discursos utilizados na campanha de Bolsonaro, a centralidade na estrutura familiar e a tentativa de delimitação dos papéis ditos de gênero, podem ajudar a entender o fenômeno de sua vitória. O corpo ministerial do presidente Jair Bolsonaro reforçava essa base ideológica em algumas pastas, como na figura da ministra Damares, que possuiu alta popularidade, inclusive se elegendo senadora posteriormente, e que defendia as condições mais tradicionais em relação aos papéis de gênero, como cores de vestimentas designadas para cada gênero infantil.

Além disso, um dos elementos do discurso de denúncia contra a esquerda está baseado na suposta tentativa de grupos deste espectro político de acabar com a família e com os pressupostos culturais que definem homens e mulheres, instituindo assim uma base de apoio que tem como fator de unidade e coesão o combate às organizações que prezam pela emancipação social das mulheres e pela equidade entre os gêneros.

A sexualidade acaba por também perpassar muitas das polêmicas e fake news elaboradas para confundir a sociedade, sempre em uma direção de relacionar um espectro político (a esquerda) e grupos específicos (feministas e LGBTQIA +) às posições de perversidades sexuais. A criação desse “fantasma” (BUTLER, 2024) que é a ameaça que a “ideologia de gênero” permite com que os medos se conjuguem e que uma massa de pessoas se unam em prol do combate à essa ameaça, afinal, isto estaria mexendo com algo que de alguma forma condicionaria cada sujeito em sua própria existência. Por ter sido, ela mesma, alvo de denúncias durante sua passagem pelo Brasil em 2017, Butler se dedicou a

compreender como o gênero permeia esse cenário político, e é também uma autora que mobiliza a Psicanálise em suas reflexões, como afirma:

A tarefa, então, não é ver como a psicanálise pode ser aplicada a fantasmas culturais como ‘gênero’, mas como uma série de elementos culturais e sociais são reorganizados por meio de trajetos ou arranjos que já operam no nível do inconsciente. Segundo essa lógica, o movimento antigênero é guiado por uma sintaxe inflamada: ou seja, uma forma de ordenar o mundo e absorver e reproduzir ansiedades e medos sobre a permeabilidade, precariedade, deslocamento e substituição; perda do poder patriarcal tanto na família quanto no Estado. (BUTLER, 2017, p.18).

A hipótese desse trabalho é que o uso da relação entre gênero e crise da democracia por parte dos discursos neoconservadores que emergiram nas primeiras duas décadas do século XXI encontram, não apenas na ciência política, mas também na psicanálise um local de reflexão para este fenômeno, a partir da leitura sobre o mal-estar em Freud e sobre o feminino/masculino em Lacan. Assim, o presente trabalho tentará enxergar como esse discurso é utilizado, as potencialidades propiciadas pela interdisciplinaridade e principalmente como a psicanálise pode ajudar a compreender essa reação conservadora, a partir da análise de elementos no discurso de Bolsonaro que versem sobre gênero e sexualidade.

### 1.1 Revisão de literatura

De modo central, as categorias de neoconservadorismo, gênero, crise das democracias e feminino/masculino em psicanálise serão as mais mobilizadas nesse trabalho, especialmente de modo relacionado. Nas Ciências Sociais há vasta produção sobre cada uma dessas temáticas, algumas paradigmáticas, algo que nos ajuda na medida em que essas contribuições são relevantes o suficiente para serem amplamente conhecidas.

Nesse sentido, Simone de Beauvoir seria um ponto de referência no que tange às elaborações acerca do gênero na metade do século XX. Os crescentes questionamento acerca do “destino” das mulheres, chocando os ideais sociais da mãe e esposa com as pautas por mais espaço no meio público, fez com que Beauvoir se colocasse na discussão sobre o que afinal determinaria, social e psiquicamente, o “ser mulher”.

Em um de seus mais famosos aforismas, Beauvoir (1980) em uma tentativa de desbiologizar a discussão, diz “Não se nasce mulher, torna-se”. A autora dedicaria boa parte do primeiro capítulo do seu famoso “O Segundo Sexo” para travar um debate crítico com Freud, que durante toda a sua produção teve sérias dificuldades em lidar com a questão da

mulher em seu desenvolvimento teórico. A autora crítica, reconhece e tenta ultrapassar Freud neste sentido:

Freud não se preocupou muito com o destino da mulher; é claro que calçou a descrição do destino feminino sobre o masculino, restringindo-se a modificar alguns traços. Antes de Freud, o sexologista Marañon declara: ‘enquanto energia diferenciada, a libido é, pode-se dizer, uma força de sentido viril. Diremos o mesmo do orgasmo’. Na sua opinião, as mulheres que alcançam o orgasmo são mulheres “virilóides”; o impulso sexual tem uma ‘única direção’ e a mulher encontra-se ainda no meio do caminho. Freud não vai tão longe; admite que a sexualidade da mulher é tão evoluída quanto a do homem; mas não a estuda, por assim dizer, em si mesma. (BEAUVOIR, 1980, p.60).

Beatriz Santos (2019) lembra que o sentido da crítica que Beauvoir apresenta está calcada nas reflexões feministas de que a saída edipiana desenvolvida por Freud dava forma para a dominação masculina. No seu artigo *Sexualidade se traduz? Um diálogo entre a Psicanálise e os Estudos de Gênero*, ela reforça que:

As descrições do Édipo a partir da sexualidade masculina, assim como a insuficiência dos trabalhos sobre a sexualidade feminina como tal - isto é, concebida independentemente de uma libido masculina – são associadas a uma naturalização da organização patriarcal da sociedade. Esse é, então, o sentido da crítica da psicanálise que se encontra, por exemplo, em *O Segundo Sexo*. (p. 25).

Embora a crítica de Beauvoir seja correta, a declaração de Freud a qual ela fazia referência na crítica foi uma modificação realizada na conferência de 1933, justamente intitulada “Feminilidade”, apenas seis anos antes de sua morte, onde ele ratifica o elemento da libido feminina depois de três décadas. A crítica é correta pois Freud passou a maior parte da sua produção sustentando que a libido teria uma natureza masculina, e se vendo às voltas com a questão das mulheres durante todo o seu percurso<sup>9</sup>, tendo apenas quase no fim da vida modificado essa conceituação.

No entanto, tudo isso parecia se dar justamente pela dificuldade que o próprio Freud admitia ter sobre as mulheres, e não sobre uma suposta ideia que Freud poderia ter sobre inferioridades ou sobredeterminações das mulheres. Como Gilson Iannini (2018)

---

<sup>9</sup> Como lembra Roudinesco (2003) em “Família em desordem”, “Com relação à mulher em geral, e com relação à sexualidade feminina em particular, Freud sempre teve uma atitude interrogativa: Embora se perguntando “O que quer a mulher?”, e embora vendo a sexualidade feminina como um “continente negro”,<sup>17</sup> preconizava a complementaridade de uma — unidade, de essência masculina, e de uma diferença, de essência feminina. A seus olhos, com efeito, o domínio do masculino estava associado a um desejo ativo de dominação, amor, conquista, sadismo ou transformação dos outros e de si mesmo, ao passo que o pólo do feminino se caracterizava pela passividade, a necessidade de amor, a tendência à submissão e ao masoquismo”. (p. 61).

ressalta no final do seu artigo intitulado *Freud e a emancipação das mulheres*<sup>10</sup>, depois de fazer referência ao aforismo de Beauvoir: “É inegável que, quase duas décadas antes, Freud tenha contribuído a aplinar o terreno: ‘corresponde à singularidade da Psicanálise não querer descrever o que a mulher é, isso seria para ela uma tarefa quase impossível de responder – mas sim, pesquisar como ela se torna mulher’ ”(IANNINI, , 2018, p. 24-25).

Ainda nos estudos sobre o gênero, temos a contribuição central de Judith Butler que tem uma produção identificada com o resgate e reflexão sobre os usos do conceito desde a década de 1960. Além disso, é outra autora de grande relevância que se utiliza da relação entre o tema e a psicanálise. Segundo Rafael Cossi e Christian Dunker (2019) “Butler, principalmente nos trabalhos da década de 1990, reconhece uma forte ligação entre psicanálise e feminismo, inspirando a retomada da obra de Lacan para um novo conjunto de autoras feministas [...]”. (p. 130).

Relacionando a questão de gênero com as crises políticas que aparentam se alastrar pelo mundo, podemos observar em Birolli (2020) que “As campanhas contra o gênero colaboram para a erosão das democracias na medida em que comprometem valores e requisitos institucionais fundamentais como pluralidade, laicidade, proteção a minorias, direito à livre expressão e à oposição” (p. 137).

O forte retorno da defesa da família, com suas hierarquias e papéis de gênero bem definidos, é usada como justificativa para restringir esses avanços e para mobilizar uma base social que se encontra fragilizada em outros níveis, como na esfera econômica. Em um capítulo “Gênero, ‘valores familiares’ e democracia”, Birolli ressalta que durante o transcorrer do século XX, “o Estado foi um ator e um espaço de mediação desses conflitos”, sugerindo que por algumas décadas as democracias liberais conseguiram gerenciar os anseios por direitos tanto das alas conservadores como das agitadoras de pautas progressistas.

No entanto, esse cenário se modifica profundamente no século XXI, onde o neoconservadorismo se utilizaria do embate com as políticas ditas “de gênero” para tentar consolidar um discurso autoritário que coloca em xeque o papel de mediação e de promoção de direitos por parte do Estado. Autoras consagradas como Nancy Fraser e Wendy Brown também destinaram diversas produções as temáticas que envolvem os eixos de democracia, neoliberalismo, conservadorismo e a relação com as reivindicações das chamadas minorias.

Poderíamos aqui rememorar a elaboração habermasiana sobre democracia, especialmente sobre o que ele chama de mudança estrutural na esfera pública, como aporte

---

<sup>10</sup>Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/freud-e-a-emancipacao-das-mulheres/>. Acesso em: 12 mar. 2024.

para avançarmos em pontos centrais da pesquisa, como na integração do elemento digital, utilizando outros autores que nos permitem dialogar sobre o tema com o descontentamento generalizado de parcela da população nesse cenário, como Manuel Castells.

Na teoria de Habermas, uma democracia só pode funcionar sob a égide de alguns elementos, dentre eles a noção de seus cidadãos de que estão envolvidos em um processo de constituição ou consolidação de direitos – ou seja, se vejam participantes na escolha da representação e que esta culmine na resposta de anseios acerca do fortalecimento ou de novos direitos. No entanto, presenciamos a vitória dos discursos antissistema, como no caso de Trump e Bolsonaro, algo que sinaliza que existe uma fragilidade na conexão desses cidadãos com a expectativa no sistema democrático. Habermas (2023) comenta em uma de suas elaborações que:

O eco positivo que a invasão do Capitólio encontrou entre os eleitores de Trump provavelmente também deve ser entendido como a manifestação expressiva dos eleitores que por décadas não foram mais capazes de reconhecer uma percepção politicamente importante e tangível de seus interesses negligenciados. A regressão política, na esteira que quase todas as democracias do Ocidente caíram desde o final do século passado, é medida pelo declínio dessa força racionalizadora das controvérsias públicas – que em alguns países já está quase seca. (p. 44).

Manuel Castells (2018) questiona a capacidade de uma democracia ser realmente representativa neste momento histórico, privilegiando a reflexão subjetiva desse mecanismo. Para ele, essa representatividade não depende apenas de dispositivos jurídicos e princípios constitucionais, quando afirma que “a força e a estabilidade das instituições dependem de sua vigência na mente das pessoas” (p. 12).

Surge, então, em sua visão uma crise de legitimidade dos mecanismos e da estrutura democrática. Esse rompimento entre o que se espera do sistema político, a partir da ideia que as democracias liberais vêm gestando ao longo das décadas, e o que efetivamente acontece, faria surgir uma espécie de desencanto – e seria a partir desse indicativo que figuras autoritárias, que parecem revelar cruamente em seus discursos a falência dos estados democrático, crescem.

Segundo uma recente publicação do cientista político estadunidense Yascha Mounk (2019), esse tipo de desencanto (que ele caracteriza como “desilusão”) já vem sendo gestada, pelas demonstrações não apenas raivosas, como desdenhosas, na participação política, fazendo crescer em diversas localidades do mundo plataformas autoritárias, demonstrando que a maioria ou uma parcela considerável desses países estavam em dissonância com a democracia liberal.

Na seara da psicanálise como interlocutora dentro das análises de contextos políticos, especialmente os atrelados aos fenômenos de autoritarismos e neoliberalismo, temos também vasta produção. O clássico de *Freud Psicologia das massas e análise do Eu* aparece certamente como um marco e um ponto inicial. Logo de início, Freud afirma que a “psicologia das massas trata do indivíduo de uma tribo, de um povo, uma casta, uma classe, uma instituição ou como elemento de um grupo de pessoas que, em certo momento e com uma finalidade determinada, se organiza numa massa” (FREUD, 2016, p. 36-37).

Adorno, em *Ensaio sobre psicologia social e psicanálise* (2015), trabalha diversos elementos entre a produção sociológica (evocando diversos nomes renomados da área, como Durkheim e Parsons) e psicanalítica, em diálogo crítico com Freud e outros, mas centralmente pontuando acerca da necessidade de não se aprofundar no meio acadêmico a cisão entre objetividade e subjetividade.

Elisabeth Roudinesco também figura como uma das autoras mais consagradas da área, fornecendo rico material sobre a questão familiar. Aqui no Brasil, psicanalistas e pesquisadores como Christian Dunker e Vladimir Safatle se debruçam sobre o mal-estar contemporâneo, seja na esfera da disputa da democracia, seja sublinhando a economia dos desejos no neoliberalismo.

## 1.2 Referencial Teórico

Para melhor entendimento, neste trabalho usaremos com frequência alguns conceitos que sustentam a hipótese defendida. Para a compreensão dessa fase conservadora de direita no Brasil no século XXI usaremos o conceito de neoconservadorismo como utilizado pela autora Marina Basso Lacerda. Em seu livro intitulado *O novo conservadorismo brasileiro*, de 2019, a autora traça um paralelo com o que a filósofa e cientista política estadunidense Wendy Brown chama de neoconservadorismo em suas análises sobre os Estados Unidos sob a guerra fria.

Para os estadunidenses, a experiência de se voltar contra inimigos estrangeiros (“a ameaça comunista”) e de barrar os avanços no terreno da igualdade de direitos promovido pela Emenda de Direitos Iguais, culminou em uma aliança neoconservadora que alçou os grupos religiosos como sustentadores de um discurso político encabeçado por um líder de direita, e que possibilitaram a eleição de Ronald Reagan à presidência dos Estados Unidos em 1980.

Para a autora, “uma das especificidades do neoconservadorismo em relação a outros movimentos de direita ou conservadores é que ele tem como cerne o ativismo pela regulação do desejo, associado à defesa dos valores da família tradicional e de valores religiosos cristão” (p. 61). Parece curioso que um dos elementos que podem identificar esse fenômeno seria a “regulação do desejo”, ainda mais se na prática os movimentos políticos alinhados a essa linha de pensamento estejam de forma recorrente se reorganizando em torno do combate à igualdade de gênero e dos avanços nas temáticas envolvendo sexualidade. A autora segue dizendo que:

Tal como nos Estados Unidos, aqui existe uma dinâmica de reação. Os movimentos LGBT e feministas vinham há décadas acumulando forças na sociedade; mas quando suas demandas passam a ser acatadas por poderes institucionais é que uma reação robusta se manifesta. Nos Estados Unidos o marco da coalizão neoconservadora foi a Emenda de Direitos Iguais. Aqui destacam-se os pronunciamentos do Ministro da Saúde do segundo mandato de Lula pela descriminalização do aborto, o 3º Plano Nacional de Direitos Humanos, o julgamento da constitucionalidade do casamento homoafetivo, a proposta de material contra a homofobia nas escolas e a proposta de menção ao gênero no Plano Nacional de Educação. (LACERDA, 2019, p. 92).

Dessa forma, o conceito ajuda a nos situar não apenas no tempo, mas nos paralelos em torno da reação conservadora frente aos avanços por direitos, com foco nisso que seria o traço distintivo do neoconservadorismo: a regulação dos desejos, mirando então nas pautas relacionadas à mulheres e comunidade LGBTQIA+.

Outro aspecto desse contexto seria o cenário de crise das democracias liberais, como desenvolvido pelo sociólogo espanhol Manuel Castells, em especial no seu recente trabalho intitulado “Ruptura: a crise da democracia liberal”, de 2018. A escolha desse autor e não de tantos outros que debatem sobre o tema se dá justamente pela diferenciação que Castells realiza acerca do que muitos chamam de “Crise das democracias” ou ainda de “Desdemocratização”. A reflexão central e de abertura da obra pontua que não há uma “rejeição à democracia, mas à democracia liberal tal como existe em cada país, em nome da ‘democracia real’, [...] um termo evocador que convida a deliberar e agir, mas que ultrapassada os limites da institucionalidade” (CASTELLS, 2018, p. 08). Essa análise nos parece decisória, visto que parece contemplar os fenômenos dos candidatos de extrema-direita que se colocam como antissistema e que tiveram sucesso em suas empreitadas nos últimos anos. Existe alguma crise dentro desse sistema onde operam e denunciam, ganhando eco em uma parcela considerável das sociedades.

Sobre gênero, nos apoiaremos nas reflexões de Judith Butler, que dedicou a maior parte da sua produção teórica ao assunto e que, de forma central, se debruçou sobre os elementos aliados ao tema aqui trazidos em sua recente publicação *Quem tem medo do gênero?*, no qual ela faz uma série de apontamentos da agenda global contra a chamada “ideologia de gênero”, por parte de instituições como a Igreja e líderes políticos ao redor do globo. Como nos aponta logo de início, “Se o gênero é uma bomba nuclear, precisa ser desativado. Se é o próprio diabo, todos aqueles que o representam devem ser expulsos da humanidade.” (BUTLER, 2024, p. 12). Além de ser uma referência no tema, Butler também alça a psicanálise como campo auxiliar nas recentes reflexões, o que nos possibilita uma maior interlocução com seu texto.

Sobre os conceitos de feminino e masculino na psicanálise, utilizaremos estes como desenvolvidos por Jacques Lacan a partir do desenvolvimento que o mesmo faz do Édipo em Freud em seus seminários, culminando na elaboração sobre “semblante”, no seminário 18, “de um discurso que não fosse semblante”; e na reflexão da lógica fálica no Seminário 20, “Mais, ainda”, que trabalha o processo de sexuação. Joana Souza e Denise Maurano irão nos auxiliar nas explicações dos motivos pelos quais a posição do “feminino” se destaca mais nas mulheres, embora também possa ser ocupada por homens. De forma mais comentada, utilizaremos também aportes de psicanalistas brasileiros, como Maria Rita Kehl, Christian Dunker, Maria Homem, Rafael Kossi, Pedro Ambra e Maria Cristina Poli.

### **1.3 Roteiro de Trabalho**

Este trabalho é dividido em quatro partes, além da seção seguinte onde se apresenta o processo metodológico da coleta e análise das informações. No segundo capítulo contextualizamos o patamar das disputas em torno das plataformas por direitos dos movimentos de mulheres e LGBTQIA+ em relação com o avanço e coesimento de uma reação neoconservadora na crise das democracias liberais, que tem como foco a manutenção dos papéis de gênero tais como estabelecidos pela modernidade – especialmente no que tange ao papel privado da mulher e sua posição de sustentação da família e da virilidade do homem.

Adentramos também nos modos como alguns psicanalistas se debruçaram sobre o tema da democracia, da figura do presidente e seus discursos e as proporções que essas análises alcançaram. O terceiro capítulo é destinado a visualizar e analisar, a partir de um apanhado jornalístico, a consolidação de Jair Messias Bolsonaro baseado no discurso do mesmo sobre gênero e sexualidade. No quarto capítulo e último capítulo faremos uma

reflexão sociológica à partir dos conceitos de habitus/campo e efeito de histerese em Bourdieu, e observaremos as reflexões sobre constituição da civilização e o seu mal-estar, posteriormente, acionando os elementos constitutivos de feminino e masculino sob a perspectiva da elaboração de Lacan.

#### **1.4 Metodologia**

Como relatado na introdução, o interesse por esse objeto se fortalece a partir dos questionamentos gerados quando da vitória do então candidato Jair Messias Bolsonaro à presidência do Brasil. Embora muitas leituras que culminaram no embasamento teórico e contextual do trabalho tenham se desdobrado ao longo da última década, em especial os da área da psicanálise, o material coletado para a demonstração empírica do objeto e da hipótese apresentada foram reunidos ao longo dos últimos três anos e se concentram entre o período de 2011-2022.

Foi escolhido o jornal Folha de S. Paulo como principal fonte pela relevância como veículo de mídia tradicional, para tratar sobre as declarações de Bolsonaro no terceiro capítulo. Além disso, vídeos do Youtube com Psicanalistas falando sobre política e Bolsonaro no segundo e sobre o Feminino no quarto capítulo. Os materiais se dividem nos seguintes tipos:

- a) matérias com manchetes em que Bolsonaro se manifesta diretamente sobre mulheres e comunidade LGBTQIA+, entre 2011 e 2017;
- b) matérias com manchetes em que Bolsonaro se manifesta diretamente sobre mulheres e comunidade LGBTQIA+, durante o ano eleitoral de 2018;
- c) matérias com manchetes relacionando as eleições presidenciais e a questão de gênero;
- d) vídeos do Youtube em que Psicanalistas analisam o cenário político e o fenômeno Bolsonaro, a partir de 50 mil visualizações;
- e) vídeos do Youtube sobre Psicanálise, gênero e relação sexual, a partir de 50 mil visualizações.

Foram analisadas mais de 6 mil matérias publicadas no site da Folha de S. Paulo, entre os anos de 2011 e 2018, a partir do filtro “Jair Messias Bolsonaro”.

## 2 GÊNERO E SEXUALIDADE COMO UMA AMEAÇA?

Para compreendermos melhor a relação entre a ascensão do Bolsonarismo e as questões de gênero, se faz necessário percorrer a última década para analisar o cenário sociopolítico e as reverberações institucionais consequentes. Como dito no primeiro capítulo, usaremos o conceito de Neoconservadorismo, como trabalhado por Marina Basso.

Partindo da análise que Wendy Brown fez do cenário estadunidense durante a década de 1970, com os avanços em políticas de direitos humanos, e a reação conservadora de base cristã que elegeu Ronald Reagan no começo dos anos 1980, Basso identifica um processo similar entre a institucionalização de demandas de movimentos progressistas no que tange às mulheres, população LGBTQIA+ e negros, com a reação conservadora de base cristã que se fortalece e se unifica para não apenas barrar os avanços, mas para se estruturar dentro do próprio aparelho estatal do Brasil.

O que se entende aqui por novo conservadorismo brasileiro é uma parcela dessa direita; é o ideário que hegemonizou a direita e levou Bolsonaro à presidência. A nova direita é aquela em torno da família tradicional, do anticomunismo e do militarismo. [...] Diferente de outras articulações conservadoras, o eixo de gravidade do neoconservadorismo norte-americano – e novo conservadorismo brasileiro – é a atuação da direita cristã baseada na ideia de que a família – e não o Estado – é a resposta para toda ordem de disfunções sociais. Outro diferencial é uma dinâmica específica de reação. Quando os movimentos feministas e LGBT ganharam espaço na sociedade e chegaram a ter algumas demandas institucionalizadas, a reação a essas pautas, justificadas na defesa da família tradicional, passaria a ser o eixo dessa ação política cada vez mais radicalizada. (LACERDA, 2019, p. 17-18).

Mas o que de fato ocorria no Brasil para que estes grupos se reunissem de forma tão rápida e orquestrada?

A década de 2010 foi marcada por uma série de instabilidades sociais, políticas e econômicas. Em um espaço de 10 anos tivemos: a eleição (e reeleição) da primeira presidenta mulher do Brasil; um fenômeno de atos de massas em 2013 que radicalizou as posições políticas e fez emergir uma polarização que cresceria continuamente; o impeachment de Dilma Rousseff; o assassinato de Marielle Franco; a prisão do primeiro presidente de esquerda do Brasil, Luís Inácio Lula da Silva; a eleição de uma figura controversa como Jair Bolsonaro e o início de uma pandemia mortal.

Tudo isso, atravessado por efeitos de uma crise econômica que tornava a vida das pessoas cada vez mais difícil. Aqui, precisamos sublinhar dois elementos de início: o primeiro diz respeito ao regime político sob o qual todos esses acontecimentos se deram – a saber, a

democracia liberal hegemônica no ocidente; e depois, a compreensão sobre os anseios que momentos de instabilidade causam em uma sociedade – especialmente aquelas marcadas pela desigualdade, como no caso brasileiro.

Em diálogo com o trecho destacado de Habermas no primeiro capítulo, a cientista política Luciana Fernandes Veiga nos diz, no artigo publicado no livro organizado por Avritzer, Kerche e Marona, que “o ponto é que, em uma democracia, espera-se que haja vínculos entre o que os cidadãos preferem e anseiam e o que os mandatários fazem e entregam, e que, ao final, o voto seja guiado pela satisfação com a performance dos políticos” (2021, p. 391).

Parece sintomático que uma das frases mais repetidas e características daqueles dias de 2013 tenha sido justamente “Não me representa!”. O que o Brasil experimentava era uma explosão de insatisfações diversas, onde as organizações políticas (até mesmo as de direita tradicional) se encontravam no centro dos problemas, na repetição de um modo de governar que não correspondiam às expectativas, abrindo margem para um sentimento de necessidade de mudança. Nas eleições de 2014, ainda que reeleita, Dilma ganhou por uma margem pequena de votos.

Diferente de 2010, quando Dilma ganhou de José Serra com uma diferença superior a 12% dos votos, em sua reeleição a diferença caiu para 3,28% dos votos – o que demonstra um acirramento entre os projetos e, principalmente, um maior apelo a mudanças, como dito por Angela Alonso (2023) em seu famoso *TREZE*:

Dilma contou com apoio de muitos dos ausentes das ruas de junho. Se em 2013 havia muita elite em protesto, em 2014 teve muito estrato baixo nas urnas, os beneficiários de políticas petistas. O suficiente para conceder o quarto mandato ao PT, não para acalmar quem protestava. Se um pedaço da sociedade endossou a presidente, outro, com seus movimentos organizados e suas redes cívicas, se empenhou em retirar-lhe a legitimidade. (p. 224).

Seu segundo mandato enfrentaria ainda mais desafios na esfera econômica e política, exemplificados pela escolha do nome de Joaquim Levy para a pasta da Fazenda e na eleição de Eduardo Cunha para a presidência da Câmara Federal. Esses dois acontecimentos ajudariam a concentrar a crise econômica e política, fortalecendo a instabilidade social e a polarização crescente.

Mas o elemento que iria “temperar” essa instabilidade econômica e política viria das pautas progressistas dos movimentos feministas, LGBTQIA+ e do movimento negro dentro das estruturas do governo. Esses são os elementos que viriam a ser explorados pelo

conservadorismo cristão brasileiro, gerando uma ofensiva de caráter neoconservador – incorporando o elemento da moral cristã como central na disputa da sociedade. Essas agendas percorreram um longo caminho até começarem a se integrar na política institucional a partir do primeiro governo Lula.

A politização progressista da agenda de direitos humanos, de modo que incluísse expressamente o enfrentamento ao sexismo e ao racismo, foi um componente do ciclo democrático – ainda que, é claro, isso não tenha se dado sem conflitos e resistências. Nos anos de 1980, com a transição da ditadura iniciada em 1964 para o regime democrático, os movimentos de mulheres e feministas encontraram uma nova estrutura de oportunidades, em um processo de construção do Estado no qual novas referências e demandas se desdobravam em instituições, legislação e políticas públicas. Sua atuação em um contexto internacional referenciado pela Convenção para a eliminação de todas as formas de discriminação contra as mulheres (CEDAW), de que é 1979, incidiu sobre os partidos políticos e sobre o Estado. A criação de conselhos estaduais a partir de 1982 e do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM), em 1985, assim como os percalços enfrentados para manter esses espaços, são uma parte importante dessa história. Houve um longo caminho entre a criação do CNDM e a instituição, em 2003, no primeiro governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, de uma Secretaria Especial de Políticas para Mulheres (SPM), com status de ministério, à qual o CNDM passaria a estar vinculado. (ALONSO, 2023, p. 344-345).

No ano de 2005, mais especificamente, a Secretaria Especial de Políticas para Mulheres tentaria colocar em revisão a legislação que punia as mulheres e profissionais que praticassem aborto. O ministério da saúde também lançou uma nota técnica intitulada “Atenção humanizada ao abortamento”, que seria posteriormente revogada pelo próprio governo depois das duras críticas em discursos no congresso. No segundo mandato, o então ministro da saúde de Lula, José Gomes Temporão, deu declarações sobre a questão do aborto ser uma matéria de saúde pública – como é tratada nos países onde esta prática é legalizada e regulamentada.

No tema da sexualidade, o ministério da saúde também publicou um documento elaborado pelo Conselho Nacional de Combate a Homofobia, intitulado “Brasil sem homofobia: programa de combate à violência e à discriminação e promoção da cidadania homossexual”. Em 2008 o avanço em termos de saúde pública no tema da transexualidade, onde o SUS teria agora uma regulamentação própria para lidar com esse tema e público. No entanto, as disputas começam a se acirrar a partir do primeiro mandato da presidenta Dilma Rousseff. Em 2011 o STF decide pela constitucionalidade da união homoafetiva. No mesmo ano, o governo proporia um componente didático de combate à homofobia nas escolas, o que viria a ser popularizado pela extrema direita e neoconservadores como “kit gay”. Novamente, frente às manifestações fervorosas contrárias à iniciativa, o governo recuou suspendendo a

distribuição de materiais e as orientações pedagógicas. Isso, no entanto, não faria com que esta proposta caísse no esquecimento, sendo amplamente mobilizada pelo discurso de Bolsonaro posteriormente em sua campanha, seis anos depois.

O chamado neoconservadorismo se estabeleceu numa junção de elementos conservadores que tem como alvo o combate político, na esfera da cultura e na esfera institucional, às pautas dos movimentos de mulheres e LGBTQIA+, dentro de um contexto neoliberal que montou, “para além das novas formas de regulação em favor do mercado e da redefinição da institucionalidade estatal diante da financeirização da economia global, uma nova racionalidade, baseada na competição, que constituiu as interações sociais e a própria subjetividade.” (BIROLI, 2020, p.142). Essa configuração se dá em meio à uma crise da democracia liberal que Castells delimita como uma crise de representatividade. Mas quem os governos não estariam representando?

Em situação de crise econômica, social, institucional, moral, aquilo que era aceito porque não havia outra possibilidade deixa de sê-lo. E aquilo que era um modelo de representação desmorona na subjetividade das pessoas. Só resta o poder descarado de que as coisas são assim, e aqueles que não as aceitam que saiam às ruas, onde a polícia os espera. Essa é a crise de legitimidade. (CASTELLS, 2018, p.14).

## 2.1 A reação à ameaça

Em março de 2024, Judith Butler lança seu mais recente livro com um título bastante interessante, “Quem tem medo do gênero?”, e segundo a própria autora “a obra foi desenvolvida ao longo de vários anos, começando com acontecimentos no Brasil em 2017”, se referindo à quando veio para participar sobre um seminário com a temática “Democracias em crise”, no qual que sua presença foi combatida (com direito a fotos suas queimadas) por ela ser vista como uma teórica da chamada “ideologia de gênero”, argumento muito presente nas falas de parlamentares e líderes políticos neoconservadores.

“Ao refletir quem eram aquelas pessoas furiosas que nos acusaram de um conjunto caótico e sinistro de crimes sexuais, decidi escrever sobre o movimento contra a ideologia de gênero” (BUTLER, 2024, contracapa). A autora tenta esclarecer algumas diferenciações:

Em grande parte da cultura popular contemporânea, entendemos ‘gênero’ como uma abreviatura de ‘identidade de gênero’, mas ‘identidade de gênero’ não é o único uso do termo, nem sequer o principal. ‘Identidade de gênero’ é um sentido profundo de como alguém se encaixa no contexto marcado pelo gênero, na realidade vivida de

seu próprio corpo no mundo. ‘Expressão de gênero’ refere-se a todas as características manifestas que são socialmente definidas como masculinas, femininas ou de outra categoria de gênero. Um problema da definição de tais termos é que determinada expressão de gênero que se lê em um lugar do mundo é lida de outro modo em uma região diferente, ou então está tão entranhada com classe ou raça que não se lê da mesma forma no mesmo lugar, dependendo da perspectiva a partir da qual é lida. Gênero, por outro lado, é um termo muito mais amplo e nem sempre se refere a uma pessoa em particular, a seu sentido profundo de si ou ao modo como manifesta certas características legíveis. De acordo com Joan W. Scott, por exemplo, dizer que o modo como percebemos o mundo é definido pelo gênero significa que fazemos suposições sobre como o mundo é ordenado de acordo com o gênero de que somos (o que estabeleceria o gênero como uma perspectiva, uma identidade ou um ponto de vista, precisamente o contrário da visão dela. (p. 192).

Cossi e Dunker (2019, p. 131) afirmam que “há algo de indiscernível, inerente ao conceito de gênero, que corrompe o fundamento identitarista das relações sociais”, justamente a partir da observação de Butler. A grande complexidade sobre o gênero seria a duplicidade entre o uso político feito de diversas formas, por movimentos tanto à esquerda como à direita, mas também em como o conceito suscita questões sobre o nosso “ser no mundo”, como Butler (2024) tenta apontar:

O gênero afeta a forma como entendemos a profissão médica; a vocação da ciência, a economia, especialmente a delimitação dos domínios público e privado, a organização do trabalho, a distribuição da pobreza e as desigualdades estruturais; e as modalidades de violência e de guerra. Mas também pode nomear um dos sentidos mais íntimos e duradouros de quem somos em relação às outras pessoas, à história e à linguagem. Se o gênero não levantasse essa questão íntima de quem somos e como nos relacionamos com outras pessoas, de permeabilidade e sobrevivência, não estaríamos tendo nenhuma dessas discussões, e elas não seriam tão urgentes quanto claramente são. (p. 193).

Embora esta pesquisa mobilize elementos acerca do gênero, o papel da mulher e da sexualidade no discurso político, os encontros entre esses mesmos elementos se deram de diversas maneiras ao longo da história. Para o que nos interessa, seria importante pontuar que o nascedouro da Psicanálise enquanto área se dá pelo tratamento de histéricas por parte do médico psiquiatra Sigmund Freud, no final do século XIX.

Não seria exagero dizer que a histeria que Freud observa se relaciona diretamente com o momento de fixação de ideais de feminilidade em um período histórico, um sintoma que expressava o descompasso entre os padrões de feminilidade e do papel da mulher a partir das necessidades aristocráticas, e os desejos dessas mulheres. Como nos aponta Kehl (2016), “[...] o sujeito moderno coincide com o neurótico ou, melhor, de que a neurose é a resposta possível para os impasses e as demandas conflitantes que incidem sobre o sujeito moderno.” (p. 31). O que está colocado é uma sobreposição conflitante de ideais da modernidade.

[...] a constituição deste lugar – a família nuclear e o lar burguês -, tributária da criação de um padrão de feminilidade que sobrevive ainda hoje, cuja principal função, como veremos, é promover o casamento, não entre a mulher e o homem, mas entre a mulher e o lar. A segunda função da feminilidade, nos moldes modernos, foi a adequação entre a mulher e o homem a partir da produção de uma posição feminina que sustentasse a virilidade do homem burguês. [...] “Mas, como o imaginário social nunca é unívoco – característica que se acentua intensamente na modernidade -, outros discursos e outras expectativas entraram em choque com os ideais predominantes de feminilidade. Assim, os ideais de submissão feminina contrapunham-se os ideais de autonomia de todo sujeito moderno; aos ideais de domesticidade contrapunham-se os de liberdade; à ideia de uma vida predestinada ao casamento e à maternidade contrapunha-se a ideia, também moderna, de que cada sujeito deve escrever seu próprio destino, de acordo com a sua própria vontade. [...] Para cada mulher nascida no século XIX, e ainda hoje, apresenta-se a questão de ser um sujeito ou colocar-se como objeto do discurso do Outro, segundo os ideais de feminilidade constituídos no mesmo período. ( KEHL, 2016, p. 38).

Enquanto que apenas dois séculos antes, as mulheres da alta sociedade não tinham como dever cuidar de seus filhos em uma supervalorização da família nuclear (KEHL, 2016)<sup>11</sup>, as famílias da alta sociedade burguesa do final do século XIX (de onde adivinham a maioria das pacientes de Freud) se encontravam na tensão entre o fortalecimento da ordem familiar burguesa e a ascendente aspiração das mulheres nos espaços públicos.

No século XVIII tivemos diversas expressões sobre a tentativa de remodelar a figura da mulher na sociedade ocidental européia, a exemplo de Rousseau, que atestava a obrigação da feminilidade em sustentar a virilidade do homem, atribuindo às mulheres uma série de características típicas obrigatórias que desembocaram no sucesso de um modelo familiar na sociedade. Passividade, repressão sexual e posturas servis estariam na base dessa “configuração feminina” por excelência, propiciando assim que o papel do homem se estabelecesse como a figura de dominação social.

Esse tipo de elaboração se dirigia diretamente ao papel educacional que Rousseau indicava para as mulheres. Mas já no final do século XIX e início do século XX começam a se fortalecer os debates sobre a participação das mulheres na vida pública nessa nova ordem. Em 1903, por exemplo, já havia uma organização de mulheres por direito a voto na Inglaterra. O desencaixe entre os desejos e o destino das mulheres como seres domésticos e de âmbito

---

<sup>11</sup> “Seja porque as mães pobres precisavam trabalhar e a industrialização incipiente criava postos de trabalho longe de casa, seja porque as aristocratas e as burguesas sentiam-se atraídas pela agitação da vida urbana, pelos ideais de esclarecimento possibilitados pelo Iluminismo, pelas ideias de emancipação que surgiram com a Revolução, o fato é que os filhos, no século XVIII, eram considerados um estorvo à saúde, à liberdade e à beleza das mães. A maternidade não era, como nos acostumamos a pensar hoje e desde o século XIX, um valor supremo: os filhos não tinham para as mães o valor narcísico a que estamos hoje acostumados.” (KEHL, 2016, p. 61).

privado, meras sustentadoras da virilidade dos homens, gestada como natural no pós-revolução burguesa, seria a desordem a qual as histéricas teriam vocalizado<sup>12</sup>.

Para os fins dessa pesquisa, embora seja sedutor revisitar percursos que outros autores já trilharam com maestria, nos interessa mais as ameaças que as mulheres e a sexualidade demonstram causar na normalidade sociopolítica a partir da segunda metade do século XX. Essa breve digressão nos serve para dois fins: demonstrar não apenas que essa tensão não é nova (se modificando os contextos), como também que existe talvez, afinal, uma possível ligação entre o descompasso dos ditos papéis de gênero na sociedade e os impactos na política.

A filósofa e cientista política Wendy Brown desenvolve em seu artigo intitulado *American Nightmare: Neoliberalism, Neoconservatism, and De-Democratization*, de 2006, reflexões acerca do neoliberalismo e do que ela chama de neoconservadorismo, apontando elementos do contexto estadunidense desde a guerra fria até o ápice do governo George W. Bush para ilustrar como a questão de gênero e familiar aparecem como centrais para a solidez de uma coesão social conservadora.

Coincidentemente logo no primeiro parágrafo, ao dialogar criticamente com uma sugestão irônica de Stuart Hall de que as racionalidades e poderes do presente seriam mais facilmente atrelados à uma lógica ligada a “obra de sonhos” do que com a filosofia, Brown evoca Freud para sinalizar que algo como “obra de sonhos” trariam algo não só da mediação da experiência vivida e o inconsciente, mas como matéria do que possivelmente queremos evitar de nos deparar de forma materializada na vigília. “Os sonhos muitas vezes nos dizem coisas que preferíamos não saber sobre nós mesmos, em particular revelando identificações e desejos que ignoramos conscientemente”, diz Brown logo no início.

Marina Basso Lacerda se utilizou das reflexões desse artigo de Brown, dentre outros autores, como David Harvey, para reunir essas análises sobre o contexto estadunidense, com o intuito de demonstrar o que seria essa peculiaridade neoconservadora: por mais “obra

---

<sup>12</sup> Não eram as indigentes de Viena, mas mulheres que, embora não pertencessem aos mesmos grupos sociais, possuíam recursos, sendo provenientes da “boa sociedade vienense”, ou ainda, da burguesia. Era uma sociedade repressora, no âmbito da moral e, especificamente, da sexualidade. Mas, por algum motivo, a repressão falhava: o sexual aparecia em fantasias, no caso das histéricas; ou nos muros pixados de Viena; ou, ainda, nos prostíbulos. Um período em que se cultuava o casamento monogâmico, mas ao mesmo tempo se permitia uma moral dupla no que concernia às relações entre sexualidade e gênero. O que as pacientes de Freud levavam ao seu consultório era o conflito entre desejo e culpa. Havia um “dever ser” esperado delas e havia um “querer ser” que irrompia. O recalcque que “jogava” esses desejos para os “abismos do inconsciente” se ligava, profundamente, à moral social à qual estavam submetidas suas pacientes. É a partir dessa reflexão que Freud passa então a articular psiquismo e cultura mais de perto. Uma moral específica (no caso, a Vienense) começou a ser entendida como favorecedora de várias formas de adoecer neurótico. (BLEICHER, 2007, p. 105-106). Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/236964137\\_Freud\\_e\\_a\\_histeria\\_do\\_biologico\\_ao\\_social](https://www.researchgate.net/publication/236964137_Freud_e_a_histeria_do_biologico_ao_social). Acesso em: 13 ago. 2023.

de sonho” que a realidade aparentasse ser, o foco desse segmento, em pleno século XXI, “seriam questões sexuais e reprodutivas”, com o especial papel da mulher na garantia da preservação da família e – ressuscitando Rousseau – na sustentação da virilidade do homem. Analisando algumas posições neoconservadoras, como Drury (1999), Marina aponta que essa corrente acredita que:

Além de ameaçar a vida, o feminismo seria o responsável pelas disfunções percebidas na sociedade. De acordo com o raciocínio, as feministas minam a família por se recusarem a aceitar as diferenças de gênero como naturais, rejeitando a autoridade do marido ou do pai, tentando mudar a divisão sexual do trabalho e propagando a ideia de que uma mulher pode cumprir o papel tradicionalmente desempenhado por um homem. (p. 40).

Seriam consideradas disfunções sociais quaisquer ações que fossem de encontro ao que a moral cristã aponta como desígnios dos papéis de gênero; mesmo depois de mais de um século de lutas feministas e de avanços significativos das mulheres no espaço público e político, o avançar das mudanças passa a causar uma espécie de pânico cultural, coesionando uma parcela considerável da sociedade em torno das pautas neoconservadoras.<sup>13</sup>

Para nós, é importante não perder de vista a conexão permanente entre gênero/sexualidade/corpo/família, todos esses significantes que norteiam o discurso autoritário e neoconservador. Biroli (2020) ressalta essa relação no capítulo “gênero, ‘valores familiares’ e democracia”, indicando que:

A centralidade da família e os posicionamentos contrários à ‘família democrática’ mostra que o problema se coloca em duas dimensões: uma delas é a fronteira entre autoridade estatal e familiar; a outra diz respeito às hierarquias intrafamiliares. Nos dois casos, o controle dos corpos está em disputa, mas estão em questão também os papéis desempenhados por mulheres e homens na esfera privada e na esfera pública. (p. 163).

A tentativa do retorno ao ideário construído pela nova ordem burguesa, de qual deveria ser o papel da mulher, se realiza no combate moral, mas a partir do século XXI também se dá de maneira expressiva no meio institucional da política, em especial no congresso nacional. Muito além de tentar construir apenas um consenso em torno de suas ideias em igrejas e no seio familiar, o neoconservadorismo se colocou fortemente na disputa eleitoral nas duas últimas décadas, modificando a configuração das disputas e se consagrando

---

<sup>13</sup> “A politização das relações de gênero encontrou uma ‘politização reativa’ desde o início, mas somente na década de 2000 ela se tornaria uma estratégia mais ampla para alianças conservadoras na política”. (BIROLI, 2020, p.145).

como uma força política indiscutível. Mas o que ocorreu durante as duas primeiras décadas do século XXI que poderia explicar o recrudescimento desse enfrentamento?

Enquanto as parcas políticas públicas voltadas para as mulheres foram conquistadas lentamente ao longo do século XX, fazendo com que o debate sobre o papel da mulher muitas vezes ficasse restrito à esfera dos movimentos sociais e partidos políticos, não conseguindo alcançar de forma massiva a sociedade, o embate poderia parecer um tanto quanto equilibrado. Biroli ressalta que antes desse contexto de crise da democracia:

[...] atores com agendas conflitantes se fortaleceram nas últimas décadas, em um contexto de democratização. Movimentos LGBTQI, de um lado, e segmentos católicos carismáticos e pentecostais, de outro, encontraram contextos favoráveis à promoção de suas agendas. A igualdade de gênero e os direitos sexuais reprodutivos foram mobilizados pelos primeiros, enquanto os segundos mobilizaram a defesa da liberdade religiosa, da família e da moral sexual cristã. O estado foi um ator e um espaço de mediação desses conflitos. (BIROLI, 2020, p.135).

O direito ao voto e o direito à pílula anticoncepcional foram conquistados há décadas, mas para demonstrar a dificuldade de avançar de modo profundo nos direitos das mulheres ainda hoje vemos a atualidade da luta pela igualdade salarial entre homens e mulheres que ocupam os mesmos postos de trabalho e a pauta do direito ao aborto, ainda negado no Brasil e permitido apenas em casos excepcionais – que aliás até mesmo estes casos estão sofrendo com a tentativa de serem revertidos pela onda neoconservadora no congresso.<sup>14</sup> Nota-se que embora organizados há mais de um século, os movimentos feministas e as pautas de direitos das mulheres não possuíam um ritmo acelerado de conquistas.

No entanto, as políticas envolvendo pautas dos “movimentos de gênero” seguem fortalecendo uma reação conservadora. A unificação de bases cristãs (evangélicas e católicas) demonstra que esse elemento vem sendo trabalhado como um farol para as posições neoconservadoras. A simplificação do que veio a se chamar de “ideologia de gênero” ajudou a costurar uma gama de organizações e figuras políticas, que usaram esse mote dentro do contexto mais amplo de instabilidades sociais. Afinal, como essa “ideologia de gênero” seria vista e propagada por esse setor, de modo a capturar os anseios e medos de uma população fragilizada?

O ‘movimento contra a ideologia de gênero’, no entanto, trata o gênero como um monólito, assustador em seu poder e alcance. O mínimo que se pode dizer é que os debates lexicais sobre o gênero não são realmente acompanhados por quem se se

<sup>14</sup> “Apoiadores do Estatuto do Nascituro defendem proibição do aborto mesmo em caso de estupro”. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/815442-APOIADORES-DO-ESTATUTO-DO-NASCITURO-DEFENDEM-PROIBI-CAO-DO-ABORTO-MESMO-EM-CASO-DE-ESTUPRO>. Acesso em: 26 ago. 2023.

opõe ao termo. Bem longe das formas mundanas e acadêmicas sob as quais circula, o gênero se tornou, em algumas partes do mundo, uma questão de extraordinário alarde. Na Rússia, tem sido chamado de ameaça à segurança nacional, ao passo que o Vaticano a declarou uma ameaça tanto à civilização quanto ao próprio ‘homem’. Em comunidades conservadoras evangélicas e católicas ao redor do mundo, ‘gênero’ é considerado o código para uma pauta política que busca não apenas destruir a família tradicional mas também proibir qualquer referência à ‘mãe’ e ao ‘pai’, em prol de um futuro sem gênero. Em contraposição a isso, nas recentes campanhas estadunidenses para manter o ‘gênero’ longe da sala de aula, o termo é tratado como um código para a pedofilia ou para uma forma de doutrinação que ensina criancinhas a se masturbarem ou a se tornarem gays. O mesmo argumento foi apresentado no Brasil de Bolsonaro, sob a alegação de que o gênero põe em dúvida o caráter natural e normativo da heterossexualidade, e que, uma vez que a ordem heterossexual deixar de ser sólida, uma enxurrada de perversidades sexuais, incluindo zoofilia e pedofilia, tomará a face da terra. [...] Em várias partes do mundo o gênero é representado não apenas como uma ameaça às crianças, à segurança nacional, ou ao casamento heterossexual e à família normativa, mas também como uma conspiração das elites para impor seus valores culturais a ‘pessoas de verdade’, um esquema orquestrado nos centros urbanos do Norte Global para colonizar o Sul Global. O Gênero é retratado como um conjunto de ideais que se opõe à ciência, à religião ou a ambas, ou ainda como um risco à civilização, uma negação da natureza, um ataque à masculinidade ou o apagamento das diferenças entre os sexos. Às vezes, o gênero também é encarado como uma ameaça totalitária ou como obra do demônio, e, dessa forma, disseminado como a força mais destrutiva do mundo, um rival contemporâneo e perigoso de Deus, a ser combatido ou destruído a qualquer custo. (BUTLER, 2024, p.10).

O que Butler nos aponta é que a ameaça da “ideologia de gênero” passa por questões balizadoras para boa parte da população, tais como família, sexualidade e infância. Seria como se o terror do “gênero” reunisse em um só fantasma, vários medos e questões sobre a própria existência. A ação de tornar o “gênero” como inimigo a ser combatido não é algo isoladamente brasileiro.

Ao contrário, a movimentação que ocasiona e propicia a sua possibilidade de eco entre os cristãos – bem utilizado no contexto econômico e político – é a posição do próprio Papa Francisco, que em 2015 declarou que a ‘teoria de gênero’ ameaça a sociedade <sup>15</sup>, que desfigurava os verdadeiros desígnios dos homens e das mulheres. Em suas palavras, seria uma espécie de colonização ideológica ter ensino de gênero nas escolas. Logo:

Se o gênero é uma bomba nuclear, precisa ser desativado. Se é o próprio diabo, todos aqueles que o representam devem ser expulsos da humanidade. O que o papa diz é claramente absurdo e perigoso, mas também bastante tático: quer seja representado como uma arma de destruição, como o diabo, como uma nova versão do totalitarismo, como pedofilia, quer como colonização, o gênero assumiu um número surpreendente de formas fantasmáticas, eclipsando tanto seu uso acadêmico quanto seu uso cotidiano. Como consequência, fazer circular a ideia dos poderes destrutivos do gênero é uma maneira de produzir um medo existencial que possa ser

<sup>15</sup>Disponível

em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2024/03/01/papa-francisco-chama-estudos-de-genero-de-ideologia-horrivel-que-ameaca-a-humanidade.ghtml>. Acesso em: 23 jun. 2024.

explorado por quem deseja ampliar os poderes estatais na esperança de retornar a uma ordem patriarcal ‘segura’. O medo é alimentado de modo que aqueles que prometem aliviá-lo possam emergir como forças de redenção e restauração. Ele é produzido e explorado para mobilizar as pessoas e apoiar a destruição de vários movimentos sociais e de políticas públicas entendidas como organizadas pelo gênero. (BUTLER, 2024, p. 12-13).

Não era a primeira vez que o Papa Francisco misturaria política e o retorno à moralidade cristã. Depois das massivas e impactantes manifestações de junho de 2013, que fizeram eclodir um novo patamar de polarização política no Brasil, o Papa conseguiu reunir mais de três milhões de pessoas durante a Jornada Mundial da Juventude, realizada no mês seguinte (julho) no Rio de Janeiro. Na ocasião, o Papa declarou que os jovens que saíram às ruas queriam ser protagonistas de mudanças, oferecendo uma resposta cristã à crise política que o país vivia (ALONSO, 2023).

Essas declarações vindas da maior figura do catolicismo no mundo não passam despercebidas por seus seguidores. De outro lado, diversos pastores evangélicos também reforçaram o caráter destrutivo das políticas dos governos do PT, apontando o caráter “imoral” de ações governamentais em relação à família. Vai ficando cada vez mais nítido que a intenção de consolidar uma identidade cristã em torno de um projeto de sociedade necessita vetar o crescimento de uma ideia de pluralidade, visto que isso impediria a existência de uma nação forte, sem conflitos (MENDONÇA, 2021).

Dessa forma, os movimentos feministas e LGBTQIA +, que prezam justamente pela pluralidade e respeito às diferenças, se tornam os inimigos número um desse campo político que vai se consolidando como pólo aglutinador dos descontentes e amedrontados pelo futuro incerto. A escolha de um inimigo em comum fornece densidade e facilita o reconhecimento entre si de um determinado grupo. Como dizia Freud em seu famoso *Psicologia das massas e Análise do Eu*, quanto mais um indivíduo percebe que determinada ideia cresce, maior a possibilidade de conexão e reconhecimento em direção ao mesmo movimento.

Além disso, aliado ao que Butler nos diz sobre a facilidade que a simplicidade do termo “gênero” possui de englobar diversos medos e diferentes questões, Freud também nos diz que “Os sentimentos mais grosseiros e mais simples têm maiores possibilidades de se difundir dessa maneira numa massa” (FREUD, 2016, p. 63). Assim, o que se tem como desenho final dessa orquestrada movimentação política de base cristã neoconservadora é a captura do medo causado pela manipulação do que seria “gênero”, criando assim uma grande ameaça capaz de ser compreendida pelas massas.

Ao ter o gênero como alvo, alguns proponentes dos movimentos antigênero afirmam estar defendendo não apenas os valores da família, mas os valores em si; não apenas um modo de vida, mas a vida em si. O fantasma que alimenta as tendências fascistas é aquele que busca totalizar o campo social, infundindo na população o medo quanto ao seu próprio futuro existencial – ou melhor, explorando medos existentes e dando uma forma totalizante à causa deles. Seria tentador dizer que ‘gênero’ é um Significante vazio por que, a partir do momento em que ele atrai e mobiliza medos de várias ordens da sociedade, incluindo a econômica e a ecológica, já não se refere mais a nada que possamos entender como gênero. Trata-se, no entanto, de um significante que é menos vazio que sobredeterminado absorvendo, da história social e do discurso político, ideias brutalmente diferentes sobre o que ameaça o mundo. Além disso, ‘gênero’ designa, até mesmo no imaginário cotidiano, certa maneira de viver o corpo, de tal sorte que a vida e o corpo constituem seu campo de operação. A vida corporal está ligada à paixão e ao medo, à fome e à doença, à vulnerabilidade, à penetrabilidade, à relacionalidade, à sexualidade e à violência. (FREUD, 2016, p. 14).

Seria tentador simplificar também a análise sociológica da última década apontando que o eleitor brasileiro teria inclinações fascistas, no entanto este mesmo país elegeu por duas vezes um ex-metalúrgico e logo após a primeira presidenta mulher. Essa é uma questão que também permeia as análises sociológicas estadunidenses, que igualmente se perguntam como um país que elegeu seu primeiro presidente negro por duas vezes consecutivas, escolheu Donald Trump como seu sucessor.

Uma das possíveis respostas parece nos ajudar a traçar um paralelo: uma crescente crise de representação que as democracias liberais vêm sofrendo somado à uma forte postura de preservação das formas de dominação e organização da sociedade. Tanto Trump como Jair Bolsonaro transcendiam seus próprios partidos, foram figuras que se conectavam diretamente com a população que se sentia paulatinamente apagada pela “correção política” (CASTELLS, 2018) que os governos mais progressistas insistiam em institucionalizar, dando voz e lugares a outros sujeitos e outras possibilidades de organização social – como a familiar.

## **2.2 O gênero, a democracia e a psicanálise na ascensão do bolsonarismo**

Muitas das produções utilizadas até aqui tentam fazer uma conexão entre o contexto de vulnerabilidades e instabilidades políticas e sociais com a produção de anseios e medo que, equacionados de determinada forma pelos neoconservadores, resultam em um elemento determinante na ascensão e consolidação de Jair Bolsonaro como figura expoente desse movimento, chegando a ocupar a cadeira de Chefe de Estado brasileiro.

“A identificação com Bolsonaro de uma massa de indivíduos (personalidades autoritárias, presentes em todos os segmentos sociais, embora majoritárias apenas no âmbito

da classe média) passa pela mobilização de afetos como o medo, o ódio e o ressentimento moral (Adorno, 2019; Freud, 2020)”, como nos lembra Avritzer (2022, p. 63). Mas outra categoria parece ser mais ajustada para tentar explicar como de fato esse mecanismo é acionado, que seria o de “fantasia”.

Na psicanálise, este termo pode ter definições diversas a depender dos autores. No famoso Dicionário de Psicanálise, da Roudinesco, lê-se na introdução do verbete “Fantasia”:

Termo utilizado por Sigmund Freud\*, primeiro no sentido corrente que a língua alemã lhe confere (fantasia ou imaginação), depois como um conceito, a partir de 1897. Correlato da elaboração da noção de realidade psíquica\* e do abandono da teoria da sedução\*, designa a vida imaginária do sujeito\* e a maneira como este representa para si mesmo sua história ou a história de suas origens: fala-se então de fantasia originária. Em francês, a palavra *fantasme* foi forjada pelos primeiros tradutores da obra freudiana, num sentido conceitual não relacionado com a palavra [vernáculo] *fantaisie*. Deriva do grego *phantasma* (aparição, transformada em “fantasma” no latim) e do adjetivo *fantasmatique* [fantasmático], outrora próximo, por sua significação, de *fantomatique* [fantasmal, fantasmagórico]. (ROUDINESCO, 1998, p. 223).

Roudinesco continua trazendo as diferentes mudanças que o verbete sofre e seu uso por outros psicanalistas, como Melanie Klein e Jacques Lacan – este último, o que nos interessa nesse momento.

De maneira geral, Lacan retoma por sua conta o conceito freudiano de fantasia, mas sublinha desde muito cedo sua função defensiva. No seminário dos anos de 1956-1957, a fantasia é assimilada ao que ele passa a denominar de “parada na imagem”, maneira de impedir o surgimento de um episódio traumático. Imagem cristalizada, modo de defesa\* contra a castração\*, a fantasia é inscrita por Lacan, entretanto — o que difere fundamentalmente da perspectiva kleiniana —, no âmbito de uma estrutura significante, e, por conseguinte, não pode ser reduzida ao registro do imaginário. (p. 224).

Ou seja, diferente de Freud e Klein, Lacan não considera que a fantasia seja um elemento do domínio dos sonhos ou apenas exclusivo da realidade psíquica com exclusão da materialidade. A fantasia, estando no “âmbito de uma estrutura significante”, se encontraria também no registro simbólico, onde a linguagem e a cultura possuem papel central em sua constituição.

Jean Laplanche é outro psicanalista que também trabalha o conceito de fantasia, o qual Judith Butler toma emprestado para desenvolver suas mais recentes reflexões sobre a reação conservadora contra o gênero. A elaboração de Jean Laplanche se aproxima da de Jacques Lacan na medida em que novamente nega a condição totalmente subjetiva da fantasia, localizando-a em uma trama sintática e se constituindo tanto de elementos

inconscientes como de elementos conscientes – ou seja, contendo elementos psíquicos e sociais (Butler, 2024).

O cenário fantasmático não é o mesmo que uma fantasia que você ou eu temos em um momento de distração. É, antes, uma forma de organizar o mundo forjada pelo medo de uma destruição pela qual o gênero é considerado responsável. [...] Consideremos a alegação de que o ‘gênero’ – seja ela qual for – coloca em risco a vida de crianças. Essa acusação é poderosa. Para algumas pessoas, assim que essa acusação é feita, ela se realiza, e as crianças não estão ameaçadas de um mal, e sim ativamente atingidas pelo mal. Quando se chega a essa conclusão repentina, há apenas uma opção: impedir o mal! Acabar com o gênero! O medo de que as crianças sejam prejudicadas, o medo de que a instituição familiar, ou a própria família da pessoa, seja destruída, de que o ‘homem’ seja derrubado, incluindo homens e o homem que alguns de nós somos, de que um novo totalitarismo esteja se impondo a nós, são todos medos sentidos profundamente pelas pessoas que se comprometeram com a erradicação do gênero – da palavra, do conceito, do campo acadêmico e dos vários movimentos sociais que ele passou a representar. Esses medos são, como sugiro aqui, agrupados em uma sintaxe inflamada. [...] Quando Laplanche perguntou sobre a sintaxe da fantasia, ele queria saber sobre os arranjos inconscientes que se baseiam em condensação e deslocamento, uma maneira específica de encadear associações para formar uma unidade complexa que impõe a crença em sua realidade. [...] Laplanche sugere que a ‘ideologia’ se dá quando os códigos culturais penetram nas fantasias mais primevas, nas quais não há uma maneira clara de dissociar o inconsciente da ação da cultura. (BUTLER, 2024, p. 17-18).

Poderíamos nos arriscar a sublinhar a sugestão ‘ideológica’ que Laplanche faz, analisando-a em conjunto com o aspecto da consciência como concentrado na produção filosófica moderna. Assim, chegaríamos à conclusão que a consciência se identifica com o conceito de verdade e conhecimento (o “cogito”) – ou seja, ser consciente ou estar consciente seria uma habilidade que atestaria a capacidade de discernimento ou de razão.

Denise Maria de Oliveira Lima, em sua obra *Diálogo entre Sociologia e a Psicanálise: o indivíduo e o sujeito*, nos auxilia com essa distinção acerca do conceito de “consciência”, que para a psicanálise “não é lugar da verdade, mas do ocultamento, da ilusão, da distorção” (2012, p. 37). Esse trecho nos aproxima da percepção de que a consciência nos ilude - não porque é irreal, mas porque é limitada, visto que media a relação do inconsciente com a experiência prática. Essa conclusão se aproxima da análise que Marx elabora sobre as formas ideológicas da consciência, que por sua vez servem para camuflar o conflito entre as classes e mediar a consciência com a vivência.

Ilusão e camuflagem não significam descolamento total da realidade, já que tanto para a psicanálise como para a análise Marxiana das relações imediatas entre os homens, o modo como essas formas se apresentam aparentam ser verdadeiras – no caso, tanto a fantasia como a ideologia. Um exemplo ilustrativo para melhor compreensão: a luta de classes é camuflada e mediada por diversas formas ideológicas, como a religião ou a política, que

ajudam a ocultar esse conflito; no entanto, tanto a religião como a política aparecem como elementos da realidade, ou seja, a aparência verdadeira dessas formas ideológicas irremediavelmente constituirá parte da consciência.

Um paralelo poderia também ser feito em relação ao conceito de *Linguagem* para a psicanálise: ainda que a linguagem aparente ser um elemento utilizado com plena *consciência*, que explicaria de forma lógica o mundo, ao inverso, seria a forma como se estrutura e precipita o inconsciente; ainda assim, a linguagem existe e media as relações e se inscreve sob determinada sociedade e cultura. É no esforço desse paralelo e aproximação que queremos sedimentar a base para uma das principais reflexões que este trabalho almeja realizar mais a frente. Zizek, no livro considerado sua obra-prima, *A visão em paralaxe*, comenta também um pouco acerca dessa relação fantasia com a objetividade/subjetividade:

[...] é claro que a fantasia, por definição, não é ‘objetiva’ (no sentido ingênuo de ‘existir independentemente da percepção do sujeito’); entretanto, ela não é ‘subjetiva’ (no sentido de ser redutível às instituições vividas de modo consciente pelo sujeito). A fantasia pertence, antes, à ‘categoria extravagante do objetivamente subjetivo – o modo como nos parece as coisas real e objetivamente, ainda que não nos pareçam ser assim’. (ZIZEK, 2008, p. 230-231).

Essa abordagem também nos parece interessante na medida em que se esforça no sentido de desmistificar o sentido semântico da palavra para elevar à uma operação filosófica que demonstra as relações dialéticas entre as operações subjetivas com o Real (nesse caso, o não explicável em palavras). De forma aproximada ao que vínhamos tentando construir aqui, o autor esloveno se questiona em tal momento, ainda sobre sujeito/consciência, objetividade/subjetividade, fantasia/Real: “Assim, a consciência não é o domínio da potencialidade, das opções múltiplas, etc., em oposição à dura realidade singular; a realidade prévia à sua percepção é fluída-múltipla-aberta e a percepção consciente reduz essa multiplicidade espectral e pré-ontológica a uma realidade ontológica totalmente constituída”. (ZIZEK, 2008, p. 234).

O que aproxima a elaboração de Butler à assunção psicanalítica de que os gêneros são contingenciais, é a sua crítica à noção de “gênero” como a-histórica ou ontológica (2024). A ideia que os neoconservadores tentam difundir na sociedade é baseada, por um lado, na ameaça da destruição de formas de organização social tidas como naturais e dos corpos biológicos, e por outro, a da possibilidade de restituição de uma ordem patriarcal que colocasse novamente tudo em seu devido lugar.

A questão é que essa fantasia – ou essa ideologia, no sentido de camuflagem -, na forma como é oferecida sugere uma realidade onde não há espaço para as diferenças, o que desmontava ainda mais os sentidos amplos de uma democracia. Logo, para que esse sonho se concretize, é preciso alimentar paralelamente uma sanha autoritária, pois somente em um regime autoritário seria possível tal rigidez da moral e dos costumes, propiciando o paraíso do paternalismo e o fim do medo que as mudanças acarretam.

O que essa fantasia opera, na prática, é uma organização de uma sintaxe que de fato existe, mas que existia de forma difusa e desalinhada. Se a sintaxe é uma maneira de integrar elementos da linguagem para dar sentido ao mundo, o que os neoconservadores fazem na prática é deduzirem para a sociedade as causas e os efeitos que nos trouxeram até este momento de instabilidades e inseguranças, embrulhando as crises (políticas, econômicas, ambientais, etc) em um só papel de presente, onde no cartão se lê como remetente “ideologia de gênero”.

As elaborações de diversos psicanalistas, além de figurarem em muitas produções filosóficas e sociológicas como reflexões auxiliares e complementares<sup>16</sup>, também acabou ganhando um aspecto mais público durante a ascensão e consolidação de Jair Bolsonaro como figura expressiva da política brasileira. Quanto mais a possibilidade de sua eleição se fortalecia, mais posições públicas pessoais de analistas apareciam, e com a proximidade do pleito, até mesmo grupos inteiros de psicanálise tornaram públicos seus posicionamentos contrários ao candidato.

Desde 2016, com a instauração do processo que levaria ao impeachment da então presidenta Dilma Rousseff, vários psicanalistas deram vida a um coletivo denominado “Psicanalistas Pela Democracia (PPD)”<sup>17</sup>, o qual os mesmos relatam que:

O PPD iniciou com o Ato pelo Apoio Incondicional à Democracia Brasileira no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, no dia 07 de abril de 2016. Esse encontro foi marcado pela diversidade de psicanalistas advindos de diferentes filiações em todo o Brasil. A ocasião se inscreveu na história da psicanálise brasileira como o único ATO conhecido desde que a psicanálise se instalou no país, reunindo centenas de psicanalistas com o propósito de defender e apoiar a democracia brasileira, na ocasião sob risco iminente de um golpe jurídico-midiático-parlamentar, que ocorreria no dia 31 de agosto de 2016.<sup>18</sup>

<sup>16</sup> “Slavoj Žižek e o grupo esloveno, Judith Butler e as feministas que empregam psicanálise, Alain Badiou, Christian Laval e Pierre Dardot, Ian Parker, Erica Burman e o grupo de Manchester, assim como Ernesto Laclau, Chantal Mouffe e a democracia radical e, entre nós, Gabriel Tupinambá testemunham o impacto das ideias de Lacan na teoria política e, em particular, no programa democrático”. (DUNKER, 2022, p. 20).

<sup>17</sup> Disponível em: <https://psicanalisedemocracia.com.br/>. Acesso em: 31 mar. 2023.

<sup>18</sup> Disponível em: <https://sedes.org.br/Departamentos/Psicanalise/boletimonline/wp-content/uploads/2023/09/PPD-carta-final.pdf>. Acesso em: 31 mar. 2023.

Esse *ATO*, como os mesmos gostam de sublinhar, antecipou algo que viria a ser reforçado frente aos acontecimentos que se seguiram com o golpe sofrido por Dilma. Em 2018, após a ida dos candidatos Fernando Haddad e Jair Bolsonaro para o segundo turno das eleições, mais especificamente no dia 10 de outubro de 2018, um manifesto intitulado “Psicanalistas Brasileiros Pela Democracia”<sup>19</sup> foi publicado. Em seu corpo, podemos ler:

O Brasil se encontra num momento crucial de sua história. Nas próximas três semanas estaremos diante de uma escolha que moldará de forma contundente nosso horizonte. Estamos todos sendo convocados a definir de maneira clara que tipo de sociedade queremos ser. As entidades que assinam este Manifesto – Sociedades psicanalíticas, Escolas de Psicanálise e Associações de psicanalistas – vêm a público manifestar sua imensa apreensão diante de um cenário que, de maneira flagrante, vem pondo em risco o Estado Democrático de Direito que com grande esforço conquistamos, e que vem sustentando a sociedade brasileira nos últimos trinta anos. Não podemos deixar que isso aconteça! A democracia é o único fiador de nosso futuro como nação, é o único caminho em direção a uma sociedade livre, justa e fraterna. Para mantê-la é preciso sustentar o direito inalienável de livre expressão de ideias, e de associação – que se traduzem na diversidade política, cultural, religiosa e sexual, e no repúdio a toda forma de preconceito, opressão social, racial ou sexual. É necessário apostar na construção de uma sociedade que busque de forma permanente reduzir a abjeta desigualdade econômica que ainda nos caracteriza. Por isso, instamos todos os brasileiros a usarem conscientemente seu voto como um instrumento de defesa dos valores essenciais da democracia. O momento que vivemos não admite hesitação!

Contando com a assinatura de mais de 60 grupos diferentes, o manifesto aponta para a característica elementar da democracia acerca das diferenças e da livre expressão. Para este conjunto de psicanalistas, tomar uma posição contra Jair Bolsonaro era uma saída para não fortalecer um projeto baseado nos ataques às diversidades. O psicanalista Christian Dunker – que no pós-eleição de Jair Bolsonaro terá milhões de visualizações em vídeos tratando justamente temas que envolvem o presidente -, em seu artigo “O ato cardinal entre psicanálise e democracia: Lacan e política”<sup>20</sup> irá indicar que:

Gostaria de lembrar a afinidade de origem entre psicanálise e democracia. Para os gregos, só é possível democracia se houver também isegoria, ou seja, uso livre da palavra em situação pública. E é pelo uso livre da palavra que o destino político pode ser definido pelos homens e não apenas pelos deuses. É pelo livre uso da palavra e diante dela que nos fazemos iguais, mas também tratamos nossa diferença. Não é um acaso em que o método psicanalítico nasça com a associação livre. Não é indiferente que este presuma um mundo de livres associações, entre desejos e suas sobredeterminações. Portanto, psicanálise e democracia no sentido político dependem dessa possibilidade inédita de tratar pela palavra os conflitos que passam a ter, desde então, textura de palavra. Por isso a democracia se coloca antes do

<sup>19</sup> Disponível em: <https://escolalettrafreudiana.com.br/manifesto-dos-psicanalistas-brasileiros-pela-democracia/>. Acesso em: 15 out. 2023.

<sup>20</sup> Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/estic/article/view/145359>. Acesso em: 15 out. 2023.

direito, da política, da moral e da economia. Ela é a condição pela qual tais domínios podem e devem se submeter.

Durante a campanha, a psicanalista Vera Iaconelli, colunista do jornal Folha de São Paulo, dedicou também algumas de suas publicações ao tema eleitoral. Entre agosto e dezembro de 2018, ela escreveu sete colunas voltadas para a temática, onde quatro destas traziam a questão de gênero como central. Duas delas fazem referência direta sobre o voto das mulheres – tanto as que votam, como as que dizem #EleNão. Mais uma vez, a questão de gênero se impõe como força atrativa de análise política, inclusive entre psicanalistas.<sup>21</sup>

Christian Dunker (que em 2022 lançaria um livro intitulado “Lacan e a Democracia”, dando continuidade ao debate que se instaurou de modo sobressalente a partir do advento desta eleição presidencial) publicou em 05 de agosto de 2018 em seu canal Youtube (que conta com mais de 440 mil inscritos) um vídeo intitulado “A psicanálise e o discurso de Jair Bolsonaro” – vídeo este que até hoje, quase 06 anos depois, continua sendo o mais acessado de seu canal, contabilizando 986 mil visualizações.

Nesse vídeo, Dunker responde a pergunta de uma internauta que questionava se o Bolsonaro seria uma resposta aos movimentos de esquerda. De início, ele aponta para a incitação ao ódio como uma postura do então candidato, lembrando como uma estratégia já descrita por Freud (como citado acima) para dar coesão grupal, situando essa ação dentro de um contexto de “anomia social”, caracterizada pela insegurança, pela desesperança e pelo desalento.

O psicanalista sublinha que talvez existisse naquele momento uma “violação de expectativas”, ocasionadas pela junção de um sentimento anterior de crescimento, de que o país estaria avançando, com um segundo momento de regressão dos indicadores sociais e econômicos – fragilizando assim o sentimento de pertencimento e modulando as expectativas de futuro.

Dunker traz para a reflexão do vídeo as elaborações de Theodor Adorno, com o seu *Ensaio sobre Psicologia Social e Psicanálise*, e o também psicanalista Wilhelm Reich, com o *Psicologia das Massas do Fascismo*. Sobre o primeiro, destaca como as frustrações e decepções com determinadas instituições ou regimes colabora para que as massas passassem a

21

Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/vera-iaconelli/2018/09/mulheres-que-votam-no-bolsonaro.shtml> e <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/vera-iaconelli/2018/09/por-que-ele-nao.shtml>. Acesso em: 07. abr. 2023.

valorizar o que o autor chama de “o pequeno grande homem”, que seria uma figura que fala “como um de nós”, mas que teria um traço extraordinário: ele diz a verdade.

A ideia de que Bolsonaro não estava fazendo um teatro, como os demais candidatos, visto o grau de declarações controversas que dava, fornecia uma imagem de autenticidade, de posições verdadeiras – “este aqui não irá nos decepcionar, pois ele fala o que pensa”. Sobre as elaborações de Reich, ele extrai a fórmula de que líderes fascistas precisam reprimir a sexualidade e ditar os padrões corretos de conduta.

Na reflexão de Dunker no vídeo, seria um modo de falar “vamos abafar a sexualidade, vamos trabalhar”, escolhendo então alvos em comum para toda a sociedade apontar seus canhões: aqueles que representassem qualquer desvio frente a heteronormatividade e a estrutura familiar nuclear burguesa. A esses setores seriam atribuídos modos de satisfação excessivos, que devem ser não apenas criticados, mas veementemente combatidos. E foi isso que Jair Bolsonaro encarnou.

### 3 ASCENSÃO DE BOLSONARO: DISCURSO E BASE

Muitos estudos se debruçam sobre a trajetória pessoal e política de Jair Messias Bolsonaro, a partir de amplas perspectivas. Não precisamos nos deter profundamente nessa biografia, embora seja importante pontuar os pontos básicos: militar reformado, deputado federal desde 1990, quando disputou uma vaga pelo Rio de Janeiro, na qual saiu vitorioso – e depois disso, ganhou todas as eleições.

É curioso, no entanto, constatar os números de suas eleições: entre 1994 e 2002, embora seguisse se reelegendo, suas votações apresentaram quedas numéricas. Em referência às eleições anteriores, em 1998 teve -8% e em 2002 -14%, voltando a crescer na eleição de 2006 – porém ainda menor que a de 1994. Em 2010, Bolsonaro obteve 21% a mais que na eleição anterior, obtendo 120.646 votos. O surpreende aparece em 2014: o parlamentar cresce vertiginosos 436%, somando um total de 646.572 votos (BASSO, 2019). O que ocorreu entre estas duas últimas eleições que pudessem servir de explicação para essa explosão de adesão?

Embora na Câmara desde 1990, Bolsonaro começou a tomar proporções mais avantajadas a partir da condensação dos elementos que foram se entrelaçando, como demonstrado nos pontos anteriores. Suas posições a partir de 2011 começam a extrapolar a esfera da câmara dos deputados, fazendo com que suas declarações figurassem de modo permanente nas manchetes dos principais veículos jornalísticos desde o começo da década de 2010.

Como visto no capítulo anterior, o que visualizamos nesta década foi o crescente embate entre as políticas institucionalizadas advindas das pautas feministas e LGBTQIA + e grupos cristãos (evangélicos e católicos) que construíram uma base parlamentar sólida. A linha crescente de Bolsonaro acompanhou essa disputa, que começou a se tornar ainda mais promissora depois do golpe de 2016.

Desde o governo de Michel Temer (2016-2018), a retirada de direitos sociais e a adoção de políticas antipopulares têm sido acompanhadas do que chamamos de ‘moralismo compensatório’ (BIROLI, 2017), algo que se tornaria mais agudo com a vitória de Jair Bolsonaro nas eleições presidenciais de 2018. A pauta de gênero tem sido a ponta de lança. Ela permite ativar e produzir referências eleitorais nas quais o conservadorismo moral tem peso, inclusive em relação a outros aspectos das identidades e das adesões. Contudo, ela é também uma agenda ideológica genuína, isto é, não se trata de acenos, mas sim de políticas concretas que procuram, a partir do executivo, restringir o acesso a direitos e produzir novos enquadramentos para políticas públicas e diretrizes de médio prazo. (AVRITZER, 2021, p. 343).

Tido como uma figura inexpressiva a maior parte dos mandatos na década de 1990, o forte alinhamento do deputado com as posições contrárias ao avanço das pautas feministas e de diversidade sexual lhe proporcionou uma relevância que ninguém previa se consolidar – ao ponto de se tornar não apenas pré-candidato à presidência, mas de demonstrar força muito antes da oficialização do seu nome na disputa.

A expressiva acumulação de forças de Bolsonaro ocorreu ao longo do período do primeiro mandato de Dilma Rousseff (2011-2014). Desde então, são os seguintes eixos do discurso parlamentar: militarismo, antipetismo/corrupção, rigor penal e “kit gay”. O diferencial de sua atuação nesses anos é justamente a mobilização de temas relacionados à moral sexual, que não compunham seu repertório anteriormente. (BASSO, 2019, p. 187).

Os tópicos a seguir são fruto do levantamento feito a partir das matérias da Folha de São Paulo, utilizando o mecanismo de busca no site oficial. Foram mais de 200 páginas de busca analisadas, cada uma com 25 matérias ou colunas, ultrapassando a cifra de 5 mil manchetes. Com a totalidade desse conteúdo, espera-se dar corpo e densidade, a partir das fontes, aos elementos que sustentam parte da hipótese desta pesquisa, no sentido de demonstrar que havia um terreno onde não apenas existia uma disputa em relação às pautas de gênero e sexualidade, mas um discurso que se baseia e se norteia pela violência e tentativa de submissão de uma parte da sociedade à outra, a partir da posição de poder fálica.

### **3.1 Bolsonaro contra as minorias – 2011-2016**

No dia 28 de março de 2011 Bolsonaro deu uma entrevista ao então programa de televisão CQC, onde dizia que nenhum de seus filhos poderia ser gays pois estes teriam recebido uma “boa educação” e respondendo a um questionamento da cantora Preta Gil sobre o que aconteceria se um de seus filhos namorasse com uma mulher negra, disse que seus filhos não foram criados em ambiente de promiscuidade como o dela. Essa declaração colocou Jair Bolsonaro em diversas manchetes no início deste ano, a partir do mês de março.

O caso foi lido como de racismo, mas o próprio deputado afirmou, como demonstra a matéria do dia 31 de março da Folha de São Paulo intitulada “Bolsonaro diz ‘se lixar’ para críticas de gays” que “entendeu errado a pergunta. Afirmou que, na realidade, pensou que a cantora se referia a um “relacionamento homossexual”<sup>22</sup>.

---

<sup>22</sup>Disponível: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff3103201123.htm>. Acesso em: 23 set. 2023.

Em uma declaração rebatendo as duras críticas que vinha recebendo pela declaração no programa de televisão, Bolsonaro questiona: "Agora criaram a Frente Gay [na Câmara]. O que esse pessoal tem para oferecer? Casamento gay? Adoção de filhos? Dizer pra vocês, jovens, que se tiverem um filho gay é legal, vai ser o orgulho da família? Esse pessoal não tem nada a oferecer". Esse acontecimento inaugura um processo de pedido de cassação do então deputado por quebra de decoro. Mas além disso, começa a consolidar sua sequente aparição em manchetes envolvendo casos relacionados à homofobia e misoginia.

Ainda no dia 31 de março de 2011, em uma matéria intitulada "Não admito apologia ao homossexualismo, diz Bolsonaro"<sup>23</sup>, o deputado critica fortemente o que chama de "kit gay", se referindo ao material que o ministério da educação planejava distribuir nas escolas com o intuito de enfrentar a homofobia no ambiente escolar. A matéria faz referência ainda à uma entrevista de rádio onde o deputado havia dito que o crescimento de gays na sociedade era consequência do "consumo de drogas, promiscuidade, o meio em que ele [o jovem] acaba vivendo, achando que tudo democrático é bacana".

Ali começaria a cruzada de Bolsonaro contra o "kit gay". No mês seguinte, no dia 14 de abril de 2011, a manchete da folha estampava "Bolsonaro discute na Câmara com deputado e critica 'cartilha gay'"<sup>24</sup>, em meio a um debate caloroso entre os deputados Marcos Feliciano (DEM-SP) e o deputado Luiz Alberto (PT-BA), que discutiam sobre a obrigatoriedade do ensino religioso nas escolas. Bolsonaro pediu a fala e aproveitou a situação para falar sobre o que chamou de "cartilha gay".

No mesmo mês, no dia 27, voltaria a atacar a iniciativa do governo<sup>25</sup>, onde na matéria podemos ler "Bolsonaro voltou a dizer que nenhum pai pode 'ter orgulho de ter um filho gay' e atacou o 'kit gay' - vídeos anti-homofobia que o Ministério da Educação estuda distribuir às escolas". Em maio do mesmo ano, Bolsonaro passa a ter uma postura ativa para fora do congresso em torno da pauta, distribuindo panfletos "anti gays" em escolas do Rio de Janeiro<sup>26</sup>. Parte do conteúdo da matéria diz:

---

<sup>23</sup>Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/896687-nao-admito-apologia-ao-homossexualismo-diz-bolsonaro.shtml>. Acesso em: 24 abr. 2023.

<sup>24</sup>Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2011/04/901859-bolsonaro-discute-na-camara-com-deputado-e-critica-cartilha-gay.shtml>. Acesso em: 24 abr. 2023.

<sup>25</sup>Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/poder/908104-bolsonaro-volta-a-atacar-kit-gay-do-ministerio-da-educacao.shtml>. Acesso em: 24 abr. 2023.

<sup>26</sup>Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/914163-deputado-bolsonaro-leva-panfleto-antigay-a-escolas-do-rio.shtml>. Acesso em: 24 abr. 2023.

Apresento alguns dos 180 itens deste que chamo Plano Nacional da Vergonha, onde meninos e meninas, alunos do 1º Grau, serão emboscados por grupos de homossexuais fundamentalistas, levando aos nossos inocentes estudantes a mensagem de que ser gay ou lésbica é motivo de orgulho para a família brasileira', diz o folheto na primeira de suas quatro páginas. Segundo a leitura de Bolsonaro, que é capitão da reserva do Exército, o Plano Nacional de Promoção da Cidadania e Direitos Humanos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais do governo cria de 'cotas para professor gay', 'batalhões policiais gays nos Estados', 'Bolsa Gay' e 'MST Gay'. Mas o principal alvo é o que o deputado chama de 'kit gay', material didático antidiscriminação preparado pelo Ministério da Educação que será distribuído a escolas públicas. No material há filmes em que adolescentes descobrem que são gays. 'Querem, na escola, transformar seu filho de 6 a 8 anos em homossexual. Com o falso discurso de combater a homofobia, o MEC, na verdade incentiva a homossexualidade nas escolas públicas do 1º grau e torna nossos filhos presas fáceis para pedófilos', diz o panfleto do deputado. O MEC diz que o material ainda está sob análise, mas deve ser distribuído no segundo semestre somente em escolas do ensino médio, cujos alunos têm 14 anos ou mais. O uso será opcional.

No dia seguinte Bolsonaro protagonizaria uma discussão com a então senadora Marinor Brito<sup>27</sup> (PSOL-PA), em um contexto onde a comissão de direitos humanos do senado suspendeu a sessão que iria discutir o projeto de lei que criminalizaria a homofobia no Brasil.<sup>28</sup> Na ocasião, Bolsonaro tinha em mãos os mesmos panfletos distribuídos no seu estado no dia anterior. Passados alguns dias, no dia 01 de junho de 2011, aconteceria um ato de grupos religiosos em Brasília para denunciar e combater o projeto de criminalização da homofobia<sup>29</sup>, no qual Bolsonaro protagonizaria mais um caso que rendeu manchetes de jornais envolvendo sua relação com o público LGBTQIA +, quando jogou água em uma drag queen e disse manifestantes se comportavam feito lixo – se referindo a um grupo LGBTQIA + que também se fazia presente.<sup>30</sup>

Em novembro de 2011, a Folha de São Paulo publicou uma matéria que envolvia, uma vez mais, declarações de Bolsonaro se referindo à sexualidade e direcionando seu discurso a uma mulher – no caso, a então presidenta da república, Dilma Rousseff. A manchete abre as aspas do deputado “‘Se seu negócio é amor com homossexual, assumo’, diz

<sup>27</sup> A senadora já pontuaria em declaração por conta desta situação que o modo como Bolsonaro tratava outra parlamentar denunciava um certo ódio às mulheres. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/multimedia/videocasts/915003-bolsonaro-tem-aversao-a-mulher-diz-senadora-marinor-brito.shtml>. Acesso em: 29 set. 2023.

<sup>28</sup> Lei aprovada apenas oito anos depois, em 2019.

<sup>29</sup> Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2011/06/923944-religiosos-fazem-protesto-contraprojeto-que-criminaliza-homofobia.shtml>. Acesso em: 29 set. 2023.

<sup>30</sup> Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2011/06/924131-bolsonaro-joga-agua-em-drag-queen-durante-protesto-em-brasilia.shtml>. Acesso em: 29 set. 2023.

Bolsonaro a Dilma”<sup>31</sup>. Em mais uma ação contrária ao que ele denominava de “kit gay”, a matéria narra:

São 180 itens. O kit gay não foi sepultado ainda. Dilma Rousseff, pare de mentir! Se gosta de homossexual, assumo! Se o seu negócio é amor com homossexual, assumo, mas não deixe que essa covardia entre nas escolas do primeiro grau! Tudo o que foi tratado ontem foi com a temática LGBT para os livros escolares. Criam aqui bolsa de estudo para jovem LGBT, estágio remunerado para lésbicas, gays, bissexuais etc.’E continuou: ‘Então, pessoal, é o presente de Natal que a Dilma Rousseff está propondo para as famílias pobres do Brasil. Ou seja, o dia em que a maioria da garotada nas escolas for homossexual, está resolvido o assunto... Será que o [Fernando] Haddad [ministro da Educação], como prefeito de São Paulo, vai implementar a cadeira de homossexualismo nas escolas do 1º Grau?

No início de fevereiro de 2012, ano em que se realizaria eleições municipais, Bolsonaro já começaria a se manifestar contra a candidatura de Haddad à prefeitura de São Paulo, “denunciando” que Haddad seria o “candidato do kit gay”, pregando inclusive um material na porta de seu gabinete na Câmara dos deputados<sup>32</sup>.

Figura 1 - Jair Bolsonaro apontando para cartaz em que acusa Fernando Haddad de ser o candidato do Kit Gay



Fonte: Uol, 2012.

<sup>31</sup>Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/poder/1011527-se-seu-negocio-e-amor-com-homossexual-assumo-diz-bolsonaro-a-dilma.shtml>. Acesso em: 13 mar. 2023.

<sup>32</sup>Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2012/02/1045829-haddad-e-o-candidato-do-kit-gay-diz-cartaz-no-gabinete-de-bolsonaro.shtml>. Acesso em: 13 mar. 2023.

Em junho do mesmo ano, volta a ser notícia e vira manchete da Folha de São Paulo a declarar que era contra a parada gay, afirmando que o Estado estaria promovendo uma "conduta inadequada, que é reprovada pela população", virando *Trend Topic* no então Twitter<sup>33</sup>. No mesmo mês aconteceria uma audiência pública na câmara dos deputados para tratar sobre o que se chamava de “cura gay”, puxada para tratar sobre o PL do então deputado João Campos (PSDB-GO) que propunha reverter uma resolução do Conselho Federal de Psicologia que veta os profissionais da área tratarem a homossexualidade como doença. Mais uma vez, Bolsonaro utilizaria o momento para trazer à tona o debate sobre as cartilhas propostas pelo governo para tratar do combate à homofobia nas escolas.<sup>34</sup>

Em março de 2013 aconteceria algo que consolidaria a presença e o forte combate dos discursos neoconservadores na câmara dos deputados: o Pastor Marcos Feliciano virava presidente da Comissão de Direitos Humanos<sup>35</sup>, algo que certamente daria mais fôlego e holofotes para as posições dessa ala da direita cristã sobre projetos relacionados aos temas de sexualidade e direitos das mulheres.

Em outubro deste ano, a comissão aprovaria um projeto que permitia templos religiosos de vetar a participação de homossexuais<sup>36</sup>, tendo o reforço de Bolsonaro como relator da matéria. No ano seguinte (2014), o PT retornou à presidência da comissão (que havia tido Feliciano como presidente no ano anterior devido à uma desistência do PT no período), mas Bolsonaro e Feliciano disseram que tinham a intenção de permanecerem membros pois identificam aquele espaço como estratégico.<sup>37</sup> Embora a presidência tenha ficado com o deputado Assis do Couto (PT-PR), Bolsonaro que disputava a vaga perdeu por apenas dois votos de diferença, o que já sinalizava a força que os deputados da bancada conservadora tinham no processo.<sup>38</sup>

<sup>33</sup>Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/paineldoleitor/ultimasdasredessociais/1104130-bolsonaro-diz-que-e-contra-parada-gay-e-vira-alvo-de-tuiteiros.shtml>. Acesso em: 20 set. 2023.

<sup>34</sup>Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/1111961-conselho-de-psicologia-nao-participa-de-audiencia-sobre-cura-gay.shtml>. Acesso em: 20 set. 2023.

<sup>35</sup>Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2013/03/1242216-pastor-e-eleito-presidente-da-comissao-de-direitos-humanos.shtml>. Acesso em: 20 set. 2023.

<sup>36</sup>Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/10/1357578-comissao-de-feliciano-aprova-projeto-que-libera-templo-de-acolher-gay.shtml>. Acesso em: 22 set. 2023.

<sup>37</sup>Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2014/02/1414311-feliciano-e-bolsonaro-devem-compor-comissao-de-direitos-humanos.shtml>. Acesso em: 22 set. 2023.

<sup>38</sup>Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2014/02/1418171-por-2-votos-bolsonaro-perde-chance-de-presidir-direitos-humanos.shtml>. Acesso em: 22 set. 2023.

Já no final de 2014, em dezembro, aconteceria mais um episódio que ficaria marcado na trajetória do deputado Bolsonaro: em uma discussão acalorada que envolvia a instalação da Comissão da Verdade e da apuração de crimes cometidos por militares na ditadura, quando da contrariedade da defesa da deputada Maria do Rosário (PT-RS), em um bate-boca subsequente, Bolsonaro disse que não a estupraria porque ela não merecia.<sup>39</sup> A matéria da Folha de São Paulo relembra que essa não era a primeira vez que Bolsonaro havia dito isso a Maria do Rosário:

Esta é a segunda vez em que Bolsonaro, na condição de deputado, diz que não estuprará Maria do Rosário porque ela não merece. Em novembro de 2003, ele discutiu com ela, que era deputada, diante das câmeras da RedeTV! no Congresso Nacional. A então deputada acusou Bolsonaro de promover violência, inclusive violência sexual: ‘O senhor promove sim’, dizia a deputada. ‘Grava aí que agora eu sou estuprador’, retrucou o pepista. ‘Jamais iria estuprar você, porque você não merece’, acrescentou.

Essa ação levaria mais uma vez à uma representação contra Bolsonaro no Conselho de Ética da Câmara. Dias depois, vice-procuradora-geral da República, Ela Wiecko, enviou ao STF (Supremo Tribunal Federal) uma denúncia contra o deputado Jair Bolsonaro (PP-RJ) pelo crime de incitação pública ao estupro. Após essas movimentações, Bolsonaro declararia que “Congresso não é convento”.<sup>40</sup> Esse contexto acabou propiciando, contrariamente às posições conservadoras, que o senado tivesse mais força e agilidade em aprovar o projeto que incluía no código penal o crime de feminicídio.

Aparentemente a fala de Bolsonaro densificou os argumentos favoráveis ao endurecimento de práticas de violência contra mulheres, como a então senadora do PT Gleisi Hoffman chegou a afirmar em declaração: “O Brasil assistiu estarecido uma situação envolvendo a violência contra a mulher, um pronunciamento do deputado Jair Bolsonaro, da tribuna da Câmara, incitando ao estupro, ofendendo uma colega. Uma resposta contundente a essa situação é a votação do projeto”.<sup>41</sup>

O ano de 2015 já se inicia com Bolsonaro figurando como um dos deputados que apresentaria naquele semestre um pedido de Impeachment da presidenta Dilma Rousseff à

---

<sup>39</sup>Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2014/12/1559815-para-rebater-deputada-bolsonaro-diz-que-nao-a-estupraria.shtml>. Acesso em: 15 out. 2023.

<sup>40</sup>Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2014/12/1563174-conselho-abre-processo-bolsonaro-diz-que-congresso-nao-e-convento.shtml>. Acesso em: 15 out. 2023

<sup>41</sup>Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2014/12/1563964-em-resposta-a-bolsonaro-senado-tipificacao-o-crime-de-feminicidio.shtml>. Acesso em: 15 out. 2023

presidência da Câmara (à época, presidida pelo então deputado Eduardo Cunha)<sup>42</sup>. Dois dias depois estavam convocados atos contra o governo da presidenta, e Bolsonaro afirmaria que as movimentações nas ruas sustentavam o seu pedido.<sup>43</sup> Entre abril e setembro do mesmo ano, o deputado foi condenado tanto pela declaração proferida na entrevista do programa do CQC acima citada, como pela agressão verbal à Maria do Rosário, sobre estupro – dois casos nos quais ele recorreria.

O ano de 2016 seria marcado por mais casos correlatos: em setembro, enquanto ainda era réu no STF sob a acusação de incitação a estupro, Bolsonaro se exaltou novamente em uma sessão da câmara que tinha como tema uma discussão sobre a cultura do estupro e proteção às vítimas – sessão essa presidida justamente por Maria do Rosário.<sup>44</sup>

A matéria da Folha que relata o acontecido encerra o texto com a seguinte informação: “O deputado do PSC afirma que pretende disputar a Presidência da República em 2018. Segundo a última pesquisa do Datafolha, em julho, ele aparece, no principal cenário, com 7% das intenções de voto. Sua rejeição é de 19%”. Mesmo depois dos escândalos envolvendo o deputado nos pelo menos últimos cinco anos, seu nome já era considerado para a candidatura de 2018.

Um importante detalhe deste ano, além dos desdobramentos acerca dos processos sobre racismo, homofobia e incitação ao estupro, é que o ano de 2016 foi decisivamente marcado pelo impeachment da primeira presidenta mulher que o Brasil já teve, com o processo encerrado no dia 16 de agosto. Bolsonaro, como visto, figurava entre um dos parlamentares que deu entrada em um pedido na câmara e que publicamente sustentava o discurso anticorrupção como base para o impedimento da presidenta.

No entanto, seu discurso na declaração de voto durante o processo tinha centralidade na exaltação da ditadura, não apenas lembrando e celebrando o nome de Brilhante Ustra, mas o definindo como “o terror de Dilma Rousseff”, fazendo referência às torturas sofridas por ela enquanto uma jovem presa política do regime militar.

O ano de 2017 se inicia com uma declaração que elevaria o tom de violência contido nos discursos que indicavam e eram já analisados como misóginos por parte de

---

<sup>42</sup>Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2015/03/1602379-bolsonaro-apresenta-a-camara-pedido-de-impeachment-d-e-dilma-rousseff.shtml>. Acesso em: 15. out. 2023.

<sup>43</sup>Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2015/03/1603173-protestos-apoiam-meu-pedido-de-impeachment-diz-bolsonaro.shtml>. Acesso em: 15 out. 2023.

<sup>44</sup>Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/09/1813237-acusado-de-incitar-estupro-bolsonaro-se-exalta-em-sessao-sobre-o-tema.shtml>. Acesso em: 15 out. 2023.

Bolsonaro – e que trariam para a tônica do seu discurso o elemento armamentista que perduraria por sua campanha (virando algo como marca registrada) e que se consolidaria em políticas do seu governo. Em março, Mônica Bergamo publica uma coluna com o título “Porte de armas acabaria com 'mimimi' de feminicídio, diz Bolsonaro”<sup>45</sup>. O conteúdo narrava:

O deputado federal Jair Bolsonaro (PSC-RJ) defendeu em vídeo o porte de armas "para todos, inclusive para as mulheres" e disse que, com a medida, será possível "acabar com o 'mimimi', acabar com essa história de feminicídio. "Com arma na cintura, vai ter é homicídio", afirmou, rindo.

O vídeo foi publicado nesta quarta (8), Dia Internacional da Mulher, por Carla Zambelli, coordenadora do NasRuas, um dos movimentos que apoiaram o impeachment da presidente Dilma Rousseff.

Na postagem, parte dos usuários criticou a fala de Bolsonaro, que foi entendida como uma apologia ao homicídio. A maioria dos comentários, no entanto, era de apoiadores do deputado.

Bolsonaro é réu em processo do STF sob acusação de incitar o estupro durante discussão com a deputada Maria do Rosário (PT-RS). Na ocasião, Bolsonaro afirmou que Rosário "não merecia ser estuprada".

Segundo a última pesquisa Datafolha, Bolsonaro tem quase 10% das intenções de voto na corrida presidencial para 2018.

Importante notar que entre setembro do ano anterior até o mês de março, Bolsonaro cresceu três por cento nas intenções de voto, enquanto seus processos eram noticiados e suas posturas cada vez mais notadamente violentas. Em maio, o parlamentar já aparecia em segundo lugar nas pesquisas<sup>46</sup>, inclusive sendo questionado se em um provável corpo ministerial escolhido por ele, haveriam cargos ocupados por mulheres e gays, respondendo que “não vou ter cota de lésbica”<sup>47</sup>.

---

<sup>45</sup>Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2017/03/1865159-porte-de-armas-acabaria-com-mimimi-de-feminicidio-diz-bolsonaro.shtml>. Acesso em: 12 nov. 2023.

<sup>46</sup>Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2017/05/1880042-segundo-no-datafolha-bolsonaro-e-reu-sob-acusacao-de-incitar-estupro.shtml>. Acesso em: 12 nov. 2023.

<sup>47</sup>Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2017/03/1865771-nao-e-a-imprensa-ou-o-stf-que-vai-falar-o-limite-para-mim-diz-bolsonaro.shtml>. Acesso em: 12 nov. 2023.

Assim seguiria boa parte do seu discurso durante o ano, variando entre declarações de cunho extremamente violentos<sup>48</sup> e novas falas homofóbicas<sup>49</sup>, mas um novo elemento surge em sua narrativa: o alinhamento com o então presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, se referindo ao patriotismo e o direito ao armamento pessoal que é facilitado pela legislação estadunidense<sup>50</sup>. No entanto, é importante salientar que a campanha de Donald Trump também foi marcada por discursos racistas, machistas e homofóbicos – e ainda assim, saiu vitorioso contra a sua concorrente, Hillary Clinton.

No mesmo mês em que Bolsonaro afirma esse reconhecimento no presidente dos Estados Unidos, o filósofo e professor de gestão de políticas públicas da USP, Pablo Ortellado, escreve uma coluna na Folha chamando a atenção para essa característica “antissistema” que essa “nova direita” parecia sustentar<sup>51</sup>. No artigo, o professor afirma que “Esse ativismo brada contra a universidade e as escolas, os artistas e os meios de comunicação, acusados de elitismo, globalismo, esquerdismo e de tentar destruir a família e a moral convencional.

O estranhamento que essas acusações nos causam se deve a uma novidade: ao contrário da antiga, a nova direita é anti-sistêmica, ou, pelo menos, se vê como antissistêmica”. Ortellado salienta que desde o final dos anos 60, as pautas consideradas de esquerda que versavam sobre o combate ao racismo, ao machismo e a homofobia cresceram ao longo do tempo, parecendo alcançar um certo patamar de “valores dominantes” dentro das democracias liberais, mas ressalta que “Isso não quer dizer que esses valores sejam efetivamente respeitados”.

Ainda assim, ele reflete como de alguma forma o establishment político foi aos poucos sendo orientado por essas noções de igualdade, ainda que com resistência e nem sempre com políticas públicas que contemplassem a totalidade das reivindicações dos movimentos de esquerda, essa incorporação de “valores” pelo sistema possibilitava que a “nova direita” pudesse se reconhecer e se colocar como rebelde, contra o sistema. Termina o

<sup>48</sup> “Bolsonaro diz que, no Exército, sua 'especialidade é matar” Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2017/06/1897435-minha-especialidade-e-matar-diz-jair-bolsonaro.shtml>. Acesso em: 15 nov. 2023.

<sup>49</sup> “Bolsonaro ironiza em rede social orientação sexual de jornalista americano” Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2017/09/1915701-bolsonaro-ironiza-em-rede-social-orientacao-sexual-de-jornalista-americano.shtml>. Acesso em: 15 nov. 2023.

<sup>50</sup>Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2017/10/1925626-o-trump-serve-de-exemplo-para-mim-diz-bolsonaro-em-visita-aos-eua.shtml>. Acesso em: 15 nov. 2023.

<sup>51</sup>Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/pablo-ortellado/2017/10/1931733-a-direita-agora-e-contrario-o-sistema.shtml>. Acesso em: 15 nov. 2023.

artigo afirmando, como muitos outros articulistas e cientistas sociais, que o mundo se encontrava em uma crise.

Ortellado também fez menção, dentre os acontecimentos recentes envolvendo polêmicas políticas nas redes, o caso do pedido de cancelamento de um seminário que a filósofa Judith Butler realizaria no SESC Pompeia, em São Paulo. O seminário se realizou no dia 07 de novembro de 2017<sup>52</sup> e embora tivesse como temática “Os fins da democracia” e sua participação fosse em torno da pauta, os manifestantes que realizaram atos e mobilizações virtuais na tentativa de derrubar a programação, se colocavam contra sua presença por visualizarem nela a encarnação da “ideologia de gênero”<sup>53</sup>.

Na matéria da folha que comentava sobre o seminário, lia-se “Manifestantes contrários carregavam faixas e cartazes com dizeres como ‘Menino nasce menino #XoJudith’, ‘Não à ideologia de gênero’ e ‘Meus filhos minhas regras’. Eles queimaram um boneco caracterizado como uma bruxa e que exibia a imagem do rosto de Butler.”

Esses últimos elementos reúnem, de forma entranhada, praticamente todos os elementos que consideramos importantes ao início da investigação. Desde o começo da década de 2010, Bolsonaro figurava nas manchetes a partir das declarações sobre uma série de preconceitos e violências, como o racismo, a homofobia e a misoginia, com direito a processos por conta de declarações consideradas criminosas. No entanto, no ano de 2017, talvez por conta de sua pré-candidatura à presidência da república, Bolsonaro se vê às voltas com outros temas e acaba dando mais contorno à característica antistêmica que os neoconservadores acabariam por encarnar.

Além disso, o elemento da violência, muito visível em suas crescentes declarações sobre armamento, começaria a sedimentar o caminho para uma das suas marcas de campanha: a mão que simula, em gesto, uma arma. Tudo isso sob a necessidade de reordenar uma sociedade fluída, que não respeitaria os papéis de gênero, os desígnios divinos acerca do sexo biológico e da sexualidade e a importância da família tradicional cristã.

---

<sup>52</sup>Disponível

em:

<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/11/1933437-manifestantes-pro-e-contr-judith-butler-protestam-no-sesc-pompeia.shtml>. Acesso em: 15 nov. 2023.

<sup>53</sup>Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/11/1933437-manifestantes-pro-e-contr-judith-butler-protestam-no-sesc-pompeia.shtml>. Acesso em: 15 nov. 2023.

### 3.2 A consolidação do Mito – 2018

O ano de 2018 já se inicia com pesquisas presidenciais que consideravam o cenário em que o ex-presidente Lula não participaria caso fosse impedido de participar. Lula era investigado na operação Lava-Jato e já havia sido condenado em primeira instância. Dessa forma, a possibilidade de Lula ser preso ficava cada vez mais maior e as pesquisas começavam a incluir a modalidade estimulada com este cenário. Em 31 de janeiro, a Folha publica uma matéria que anunciava “Sem Lula, Bolsonaro lidera a disputa por vaga no segundo turno se acirra”, o que demonstra que a importância de Bolsonaro na disputa estava consolidada.<sup>54</sup>

Frente ao fenômeno que parecia se fortalecer, a Folha de São Paulo resolveu reunir algumas pessoas que votariam em Bolsonaro para discutir temas específicos e escutar dos motivos para a destinação desse voto.<sup>55</sup> No tema LGBTQIA+, vemos:

Figura 2 - Manifestantes do União da Juventude Socialista dão beijo gay em protesto contra Bolsonaro



Fonte: Alan Marques - 11.fev.14/Folhapress

<sup>54</sup> Bolsonaro aparece em primeiro lugar no principal cenário sem Lula, com 18%. Ele supera Marina Silva (Rede), Ciro Gomes (PDT), Geraldo Alckmin (PSDB) e Luciano Huck (sem partido). Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/01/1954606-sem-lula-disputa-por-vaga-no-segundo-turno-se-acirra.shtml>. Acesso em: 13 nov. 2023.

<sup>55</sup>Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/03/mais-seguranca-e-menos-privilegios-para-minorias-eleitores-de-bolsonaro-dizem-por-que-votam-nele.shtml>. Acesso em: 13 nov. 2023.

Ninguém do grupo diz ser contra pessoas do mesmo sexo se relacionarem. O problema, segundo o octeto, é privilegiar a ‘pauta gay’ em detrimento de outras, como educação e saúde. ‘Minorias históricas tomaram conta da agenda, e as maiorias foram deixadas de lado. Por que essas pessoas têm cota? [A orientação sexual] é uma questão de foro tão íntimo, a educação vem dos pais’, afirma Patrícia. ‘Banalizaram tanto, começaram a se expor tanto... Não estou criticando o homossexualismo’, diz Priscila. ‘Mas hoje é quase um crime quem é hétero. Você não vê homem e mulher se atracando, que nem vê [gays] no metrô, no shopping, para mostrar que são [homossexuais]. Não sei se é para atrair olhares, para mostrar a questão da homofobia.’

Há, segundo a manicure, ‘uma força muito grande para algo que infelizmente não é importante’. Thiago também defende que a questão não seja prioritária. ‘Isso que incomoda. Morei em Guaianases. Pessoas na linha municipal de ônibus colocam celular na meia [por temerem assalto], e os intelectuais vivem em sua bolha delirando sobre ideologia de gênero enquanto pessoas estão com medo de morrer.’ Os oito do grupo de debate se declaram heterossexuais.

Sobre o caso Maria do Rosário:

Figura 3 - A deputada Maria do Rosário (PT) protocola queixa-crime no Supremo Tribunal Federal contra o colega Jair Bolsonaro



Fonte: Sérgio Lima - 16.dez.14/Folhapress

Se a pessoa te xinga e você xinga de volta, não é crime. Ainda que ele tivesse falado coisas piores”, afirma Patrícia. Para Maria Cristina, diante de alguém “que estava defendendo um assassino”, Bolsonaro até que foi “extremamente educado”. A manicure Priscila esperava mais: “Talvez daria um tapa na cara dela, foi uma agressão”. As mulheres da mesa elogiam um projeto de lei de Bolsonaro que prevê castração química a estupraadores.

Ao final da matéria, se observa uma lista resumida com os motivos de apoio ao presidencial:ável:

#### POR QUE ELES QUEREM BOLSONARO.

Eleitores dizem apoiar um candidato firme e de fora do sistema

- a) Bolsonaro é tido como um político à parte da roubalheira que contaminou Brasília; denúncias contra o deputado são minimizadas por seus eleitores
- b) A educação militar do capitão da reserva é benquista para impor ordens e regras à barafunda política no país
- c) Seu clamor por uma população mais bem armada contra bandidos ecoa bem em meio a uma crise nacional na segurança pública
- d) Admiradores de Bolsonaro destacam como ponto positivo ser, segundo eles, um pária para a mídia profissional —vista como esquerdista
- e) O discurso linha-dura com condenados por estupro é outra qualidade ressaltada; o deputado tem um projeto de lei que propõe castração química para esse tipo de criminoso
- f) O presidencial:ável não cede ao campo progressista, que pesaria a mão na defesa de direitos de minorias como LGBTQ, deixando para escanteio outras áreas, segundo seus eleitores
- g) A imigração é vista como preocupante se quem chega não quer se adaptar à cultura brasileira, alusão a refugiados sírios, por exemplo; em 2015, ao jornal goiano *Opção*, Bolsonaro disse: “A escória do mundo está chegando ao Brasil, como se nós não tivéssemos problema demais para resolver”
- h) O estilo bateu, levou do parlamentar na Câmara virou um ativo eleitoral; Bolsonaro não faria média só para seguir as regras do marketing político e seria, portanto, mais autêntico.

Como Ortellado havia indicado em sua coluna no final de 2017, a nova direita se considera antissistema e esse levantamento com eleitores de Bolsonaro demonstra que isso de fato parecia ter algum eco na base social alinhada ao seu discurso. Uma coisa que Castells (2018) chama atenção é justamente como a impressão de que as pautas por políticas favoráveis à mulheres, LGBTQIA+ e população negra acabou gerando uma anomalia histórica: os homens brancos e héteros passaram a se sentir excluídos, se voltando então contra esse sistema corrompido que não olharia mais para os seus interesses.

Na manchete da matéria onde a Folha conduz as perguntas aos eleitores, se lê que seus anseios giravam entre duas coisas: mais segurança e menos privilégios para as minorias, o que ilustra essa ideia de que as pautas de diversidade, reparação histórica e direito das mulheres eram vistos como privilegiadas dentro do cenário político, mesmo a própria

realidade não fornecesse elementos que confirmassem esse “privilégio”. Essa posição pode ser analisada sob a luz de uma reflexão de Butler sobre a contradição de frações da população com “direitos minoritários”, como mulheres e LGBTQIA+ aparecerem como privilegiados:

Onde quer que se opere, o fantasma traz consigo uma euforia sádica por se ver livre de novas restrições éticas aparentemente impostas pelas pautas feministas e LGBTQIA + ou por apologistas da transversalização da perspectiva de gênero. O que é notável e perturbador é a maneira como essa campanha moral se deleita em experimentar várias formas de negar a própria existência de outros, despojá-los de direitos, recusar sua realidade, restringir liberdades básicas, envolver-se em formas desavergonhadas de ódio racial e controlar, rebaixar, caricaturar, patologizar e criminalizar essas vidas. O ódio alimentado e racionalizado pela retidão moral, e todas as pessoas prejudicadas e destruídas por movimentos odiosos são apresentadas como as verdadeiras agentes da destruição. Essa projeção e inversão estruturam o cenário fantasmático do ‘gênero’. Ficamos, assim, com duas perguntas: quem quer destruir quem? E de que modo as formas de sadismo moral compartilhado e crescente se manifesta como uma ordem virtuosa? (BUTLER, 2024, p.16).

Outra questão curiosa sobre a entrevista é que, embora os entrevistados reconhecessem que Bolsonaro era o candidato que mais prezava pela pauta da segurança, o deputado não havia se manifestado sobre o assassinato de outra parlamentar de seu estado, a vereadora Marielle Franco, ocorrido alguns dias antes.<sup>56</sup>

Ainda em março, Bolsonaro fez uma visita a cidade de São José dos Pinhais, no Paraná, onde foi carregado nos ombros de seus apoiadores sob gritos de “mito”.<sup>57</sup> Essa alcunha acompanharia Bolsonaro por toda a sua campanha.

Em 12 de abril de 2018, após prisão de Lula, o jornalista e mestre em Ciência Política Bruno Boghossian escreve uma coluna na Folha intitulada “Sem Lula, discurso anti sistema deve ganhar espaço na eleição”<sup>58</sup>. Parecia cada vez mais consolidado e nítido que essa narrativa, que já havia colaborado com a eleição de Donald Trump, iria também ser uma marca, talvez decisória, no pleito daquele ano. Ele escreve:

Candidatos empacotados como outsiders ou que ostentem discursos de ruptura têm potencial para atrair tanto eleitores lulistas desencantados quanto aqueles que

<sup>56</sup>Embora Bolsonaro sempre estivesse pronto a dar declarações fortes acerca do tema da segurança, quando do assassinato de Marielle e Douglas, um de seus assessores respondeu que Bolsonaro não daria nenhuma declaração pois seria “muito polêmica”. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/03/opiniao-de-bolsonaro-sobre-morte-de-marielle-seria-polemica-demais-diz-assessor.shtml>. Acesso em: 13 nov. 2023.

<sup>57</sup>Uma explicação de Lévi-Strauss para o termo sustenta que *mito é uma solução da imaginação para um conflito ou uma contradição que não foi levada a cabo na realidade*.

<sup>58</sup>Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/bruno-boghossian/2018/04/sem-lula-discurso-antisistema-deve-ganhar-espaço-na-eleicao.shtml>. Acesso em: 13 nov. 2023.

ficaram satisfeitos com a prisão do ex-presidente e passaram a cobrar uma depuração completa do sistema.

As eleições municipais de 2016 surfaram na agitação pós-impeachment para fabricar prefeitos que destoavam do figurino tradicional da política, mas a onda pareceu refluir. Com um quadro cada vez mais desgastado, a disputa presidencial pode dar novo fôlego a esse fenômeno.

A partir desse mês de abril, com Lula fora do páreo, a maior parte das aparições de Bolsonaro nas manchetes da Folha de São Paulo não passam mais a ficarem acumuladas por declarações polêmicas. Ainda que ocorram, ganham um status mais secundário. Bolsonaro começa a focar suas declarações em acenos para outros setores que não a ala neoconservadora que já o apoiava: além de posições sobre economia, possíveis composições ministeriais e a escolha do vice, é curioso também notar que Bolsonaro tenta muitas vezes reverter ou amenizar declarações ou posições passadas.

Em 24 de abril, por exemplo, em uma análise sobre a entrevista que o pré-candidato cedeu ao apresentador Datena<sup>59</sup>, ele nega ter dito em algum momento que era a favor de que mulheres ganhassem menos que homens no mercado de trabalho. A matéria então resgata:

Em 2014, ao jornal Zero Hora, Bolsonaro disse: ‘Entre um homem e uma mulher jovem, o que o empresário pensa? Poxa, essa mulher está com aliança no dedo. Daqui a pouco engravida. Seis meses de licença-maternidade (...) Por isso que o cara paga menos para a mulher’. Em 2016, em entrevista à apresentadora Luciana Gimenez na RedeTV!, Bolsonaro falou sobre o que tinha dito ao jornal gaúcho: ‘eu não empregaria [homens e mulheres] com o mesmo salário. Mas tem muita mulher que é competente’. Segundo o IBGE, as mulheres ganham em média R\$542 a menos do que os homens no Brasil. Na última terça-feira, o deputado disse que a declaração dada à Rede TV! buscava explicar sua posição sobre o tema e que considera injusto usá-la para dizer que hoje ele diz isso sobre esse assunto. Perguntado sobre sua opinião atual, disse não ter nenhuma.

Em outra matéria do mês de maio<sup>60</sup>, lê-se:

Com uma extensa lista de declarações e atitudes polêmicas nos seus 30 anos de vida pública, o presidenciável Jair Bolsonaro (PSL) busca provar na Justiça, nas redes sociais e em entrevistas que não é racista, homofóbico ou misógino. Para isso, usa vídeos amistosos com amigos negros, como o relato de que salvou um colega negro

<sup>59</sup>Disponível

<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/04/agencia-lupa-a-entrevista-de-jair-bolsonaro-a-datena.shtml>.

Acesso em: 13 nov. 2023.

<sup>60</sup>Disponível

<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/05/bolsonaro-cita-clodovil-e-colega-negro-para-rebater-acusacoes-de-preconceito.shtml>. Acesso em: 13 nov. 2023.

em:

em:

da morte em 1978, e a troca de amabilidades com o costureiro e deputado Clodovil, morto em 2009, entre outros recursos.

Em junho do mesmo ano, Bolsonaro diz que a questão do ódio é secundária, e que estupro mesmo seria o valor do ICMS<sup>61</sup>, demonstrando mais uma vez que mesmo não se descolando totalmente das questões que o alçaram à posição que estava, havia uma tentativa clara de se distanciar de uma imagem ofensiva e ostensiva contra mulheres.

Uma outra matéria da Folha de São Paulo do mesmo mês parece ajudar a entender essa tentativa: segundo o periódico, a maior parte do eleitorado indeciso até aquele momento era composto por mulheres: segundo o Datafolha, 41% das eleitoras brasileiras responderam no início daquele mês que se as eleições fossem naquele momento, não sabiam em quem votar ou votariam branco ou nulo<sup>62</sup>.

Outra análise do jornal no mês seguinte reafirma que um dos maiores focos de rejeição de Bolsonaro era entre o eleitorado feminino e nordestino<sup>63</sup>. Uma das explicações seria que muitas mulheres foram centralmente beneficiadas por programas de governo de Lula e Dilma, como o Minha Casa, Minha vida, que privilegiava a aquisição dos imóveis às mulheres chefes de família – uma quebra de paradigma profunda com o ideário que o patrimônio familiar devia ficar sob responsabilidade dos homens.

“Bolsonaro faz ofensiva para rebater acusações de misoginia”<sup>64</sup> é o título de uma matéria de 19 de julho de 2018, que revela um conteúdo curioso de como, mesmo com a tentativa de se aproximar das eleitoras mulheres, ficava visível como era difícil modificar o conteúdo de sua trajetória. Essa, em especial, merece ser transcrita em sua maior parcela:

Numa tentativa de rebater as acusações de misoginia, o capitão reformado Jair Bolsonaro (PSL-RJ) foi aconselhado a difundir mensagens de apoio feminino à sua campanha ao Palácio do Planalto.

Nos últimos dias, ele e seus filhos publicaram ou replicaram vídeos em que mulheres aparecem afirmando que votarão em Bolsonaro.

---

<sup>61</sup>Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/06/hoje-o-gordinho-virou-mariquinha-diz-bolsonaro-ao-criticar-politicamente-correto.shtml>. Acesso em: 13 nov. 2023.

<sup>62</sup>Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/06/maioria-entre-indecisos-mulheres-de-menor-renda-podem-definir-eleicao-presidencial.shtml>. Acesso em: 13 nov. 2023.

<sup>63</sup>Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/07/candidatos-ao-planalto-tem-focos-de-rejeicao-que-perduram-no-tempo.shtml>. Acesso em: 13 nov. 2023.

<sup>64</sup>Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/07/bolsonaro-faz-ofensiva-para-rebater-acusacoes-de-misoginia.shtml>. Acesso em: 13 nov. 2023.

"Sou mulher, sou mãe e sou Bolsonaro. Ele tem projetos para nos defender da pedofilia, da pornografia e da ideologia de gênero", diz uma mulher que se identifica apenas como Gih, e diz ser de Passos, em Minas Gerais.

Em outro trecho, da mensagem retuitada na terça (17) pelo pré-candidato, outra mulher diz que o deputado é quem pensa verdadeiramente no empoderamento feminino. "Só quem se preocupa com a mulher é quem pensa em punição e propõe punição severa para violadores de mulheres, estupradores, como por exemplo a castração química", afirma. "Só quem é defensor da mulher é quem é capaz de pensar no verdadeiro empoderamento feminino, que é a concessão de posse de arma de fogo para o cidadão de bem, para que ele possa se defender."

Além das redes sociais, o pré-candidato deve intensificar agendas com participação de mulheres. Nesta quinta-feira (19), ele participa em Goiânia do lançamento do PSL Mulher do estado de Goiás.

Outra medida que deve ser adotada é a inclusão em seu programa de governo de políticas em prol das mulheres. Assessores próximos a Bolsonaro não detalharam que medidas devem ser defendidas, mas citaram como exemplo ações para coibir a violência contra a mulher e criação de vagas em creches.

O deputado do PSL nega a prática de discriminação contra mulheres. Ele responde a duas ações penais no STF (Supremo Tribunal Federal) sob acusação de incitação ao estupro e injúria contra a deputada Maria do Rosário (PT-RS).

Em entrevista à apresentadora Luciana Gimenez, na RedeTV!, ele também defendeu no passado pagamento diferenciado para mulheres e homens. "Eu não empregaria [homens e mulheres] com o mesmo salário. Mas tem muita mulher que é competente", disse.

Segundo a última pesquisa Datafolha, de junho, o pré-candidato tem 23% das intenções de voto entre os homens e apenas 11% entre as mulheres.

Em 05 de agosto daquele ano, Bolsonaro anunciaria o general Hamilton Mourão (PRTB), fortalecendo a imagem militar que sempre lhe foi característica. Para nós, no entanto, um outro acontecimento seria mais importante naquele momento. Segundo a matéria do periódico, Bolsonaro havia afirmado que “‘não compete ao outro lado’, o do homem, dizer se a mulher deve ou não interromper uma gravidez”<sup>65</sup>. O presidenciável tentava, a todo custo, não comprometer sua imagem – mas isso servia para ambos os lados, como é possível perceber em outro trecho da matéria:

Embora diga que a mulher tem o poder da decisão, diz que, como parlamentar, votaria contra legalizar o aborto —e, se eleito chefe do Executivo, exerceria seu poder presidencial e vetaria uma lei pró-aborto eventualmente aprovada pelo Congresso. ‘Mas se o Congresso derrubar o veto, aí eu não posso fazer nada’, completa. Em janeiro, o canal oficial do presidenciável no YouTube postou uma entrevista em que ele enfatiza essa posição —cara entre seu eleitorado, de tendência conservadora. ‘Se depender do meu voto, a legalização do aborto não será dada nesse sentido’, afirma.

<sup>65</sup>Disponível

<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/08/homem-nao-deve-intervir-na-decisao-da-mulher-sobre-aborto-diz-bolsonaro.shtml>. Acesso em: 13 nov. 2023.

Ao final, um registro importante:

Pesquisa DataFolha publicada no fim de 2017 revelou que a maior parcela dos brasileiros é favorável à criminalização do aborto. A tendência, contudo, é de queda: em dezembro de 2016, 64% dos entrevistados diziam que a mulher que interrompe uma gravidez deve ser processada e ir para a cadeia. Um ano depois, a taxa caiu para 57%.

Esses dados são úteis se contrastados com as afirmações dos eleitores de Bolsonaro entrevistados meses antes pela Folha de São Paulo, que diziam ser contra a minoria privilegiada, se referindo à população negra, mulheres e população LGBTQIA +.

As propostas de governo e de composição ministerial começaram a ganhar mais peso no processo da campanha, e nesse sentido a chapa de Bolsonaro/Mourão planejava oficializar em uma primeira versão do seu plano de governo as propostas que se materializariam, caso fossem eleitos. Na matéria de 08 de agosto que trata sobre o tema<sup>66</sup>, já se dizia sobre a exclusão do Ministério dos Direitos Humanos – uma vez mais confirmando sua tendência sobre o tema.

Existe, ainda, um trecho curioso: “De acordo com um dos participantes da elaboração do documento, as propostas têm como referência o governo do ex-presidente dos EUA Ronald Reagan, um dos expoentes do liberalismo”. Se retomarmos as referências do ponto 1.2. deste trabalho, recordaremos que a plataforma neoconservadora nos EUA que é observada por Wendy Brown e outros autores se constitui e se consolida justamente durante a campanha de Ronald Reagan.

Depois da publicação do plano de governo, outra análise é feita demonstrando a construção contraditória que Bolsonaro vinha trilhando em sua campanha<sup>67</sup>.

O presidenciável Jair Messias Bolsonaro (PSL-RJ) nega que os trechos de seu programa de governo que defendem a liberdade para ‘escolhas afetivas’ sejam uma tentativa de cativar eleitores da comunidade LGBT.

O candidato, que há anos enfatiza seu combate ao que chama de ‘kit gay’ nas escolas, não vê as passagens como uma abertura a grupos com os quais têm travado uma relação tensa.

---

<sup>66</sup>Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/08/em-plano-de-governo-bolsonaro-quer-detalhar-cortes-em-ministerios.shtml>. Acesso em: 13 nov. 2023.

<sup>67</sup>Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/08/bolsonaro-nega-que-defesa-de-liberdade-de-escolha-afetiva-seja-a-ceno-a-gays.shtml>. Acesso em: 13 nov. 2023.

‘Não [é aceno à comunidade LGBT]. Você vai no parágrafo 2º do artigo 226 da Constituição: para efeito de proteção do estado é considerada família a união entre um homem e uma mulher. Se alguém quiser achar que dois homens ou duas mulheres são uma família, que proponha a mudança da Constituição’, disse. O trecho ao qual se refere o parlamentar, na verdade, está no parágrafo 3º do artigo citado.

O programa de governo, lançado nesta terça-feira (14), defende a liberdade para as pessoas se relacionarem com quem quiserem e formarem famílias com quaisquer configurações, sem interferências externas.

‘Liberdade para as pessoas, individualmente, poderem fazer suas escolhas afetivas, políticas, econômicas ou espirituais’, diz trecho.

‘Os frutos de nossas escolhas afetivas têm nome: família! Seja ela como for, é sagrada e o Estado não deve interferir em nossas vidas’, afirma outro trecho do programa.

A aparente contradição entre candidato e programa surpreende pelas maneiras que Bolsonaro encontrou para confrontar os grupos LGBT nos últimos anos.

Em novembro de 2017, o Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro confirmou a condenação de Bolsonaro por dano moral coletivo, com pagamento de multa de R\$ 150 mil, por ter dito em programa de TV que nunca havia passado na cabeça ter um filho gay, porque seus filhos tiveram ‘boa educação’, com pai presente.

O presidenciável também já declarou que ter um casal gay como vizinho desvaloriza a sua casa. ‘Se eles andarem de mãos dadas, derem beijinho, vai desvalorizar.’

Desde 2011, Bolsonaro chama de ‘kit gay’ a distribuição de material sobre diversidade sexual nas escolas.

Alguns dias depois, a empresária Luiza Trajano, dona do Magazine Luiza, promoveu um debate entre os presidenciáveis que tinha como foco discutir as plataformas de todos os candidatos centrando nas propostas voltadas para o público feminino<sup>68</sup>. O debate sobre o papel da mulher em espaços de governo e a questão da diferença salarial entre os gêneros foram os tópicos mais desenvolvidos. Bolsonaro não aceitou o convite.

A temática das mulheres continua sendo um trampolim e também um calo na candidatura de Bolsonaro. Na pesquisa Datafolha de 22 de agosto, dias depois do encontro promovido por Luiza Trajano, crescia a rejeição em relação ao capital entre as eleitoras mulheres<sup>69</sup>, que em dois meses saltou de 34% para 43%, mesmo com os esforços de amenizar sua postura notadamente misógina. “O candidato do PSL é o que tem a maior disparidade entre o voto de homens e mulheres”, afirma a matéria.

---

<sup>68</sup>Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/08/em-evento-de-mulheres-candidatos-prometem-parcela-feminina-e-m-governo.shtml>. Acesso em: 13 nov. 2023.

<sup>69</sup>Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/08/cresce-a-rejeicao-das-mulheres-a-jair-bolsonaro-aponta-pesquisa-datafolha.shtml>. Acesso em: 13 nov. 2023.

No dia 28 de agosto, em uma entrevista concedida ao Jornal Nacional – que fazia rodadas de sabatina com todos os presidenciáveis – tanto a questão da diferença salarial entre mulheres reapareceu, com Bolsonaro indicando que cabe ao ministério do trabalho resolver o problema e insinuando que a apresentadora (Renata Vasconcellos) ganhava menos que William Bonner; e a apresentação do livro infantojuvenil “Aparelho Sexual e Cia.”, editado pela Cia. das Letras, que o candidato agitava afirmando que havia sido distribuídos pelo Ministério da Educação para as escolas brasileiras – fato checado e tido como enganoso por parte da matéria<sup>70</sup>.

Ali se concentrava o discurso que Bolsonaro tanto agitou nos últimos anos: o terror de que os governos do Partidos dos Trabalhadores havia transformado o Estado em uma ferramenta à serviço da ideologia de Gênero e do incentivo a homossexualidade. No dia seguinte, a Folha publicou uma matéria que examinaria o teor do livro e a (não) veracidade da compra do material pelo Ministério da Educação e sua suposta distribuição nas escolas<sup>71</sup>. Porém agora, o “estrago” já estava feito, e as declarações de Bolsonaro tomariam corpo nas correntes de *WhatsApp* e em outras redes sociais, alimentando uma *Fake News* que teria um peso relevante na campanha.

Bolsonaro seguia aprofundando seus ataques na direção da diversidade sexual, tentando cada vez mais atrelar quaisquer medidas de combate à homofobia e educação sexual à uma forma de incentivo a homossexualidade e pedofilia, alastrando o terror do fim da família cristã e do perigo que as crianças corriam sob um governo petista. Em contrapartida, o candidato permanecia tentando modular sua imagem frente ao eleitorado feminino, como ocorreu mais uma vez no dia 30 de agosto, quando Bolsonaro se reuniu com eleitora em Porto Alegre<sup>72</sup>:

O candidato chegou à Casa do Gaúcho por volta das 11h30 e discursou por menos de um minuto, dizendo valorizar a importância da mulher: ‘Sou casado, tenho uma filha de sete anos de idade, que depois de quatro [filhos] homens mudou, sim, minha vida. E muito’, afirmou.

‘Afim de contas, entre um filho moleque, que a gente costuma muitas vezes falar um palavrão, dar um chute no traseiro dele, dar um pescoção, com a menina é

---

<sup>70</sup>Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/08/livro-exibido-por-bolsonaro-nunca-foi-adotado-pelo-mec-diz-edit-ora.shtml>. Acesso em: 13 nov. 2023.

<sup>71</sup>Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/08/livro-exibido-por-bolsonaro-nunca-foi-adotado-pelo-mec-diz-edit-ora.shtml>. Acesso em: 13 nov. 2023.

<sup>72</sup>Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/08/bolsonaro-se-reune-com-eleitoras-em-porto-alegre.shtml>. Acesso em: 13 nov. 2023.

diferente, isso amolece o nosso coração. Nos faz realmente pensar cada vez mais na importância de vocês [mulheres] e nos valores familiares'. No ano passado, o candidato havia dito que 'deu uma fraquejada' quando teve uma filha após ter quatro filhos.

Bolsonaro voltou a falar sobre suas propostas para reduzir a violência contra a mulher, como o porte de armas e a imposição da castração química para progressão de regime de condenados por estupro.

A primeira semana de setembro de 2018 seria marcada por um dos episódios mais impactantes da disputa eleitoral: o candidato Jair Bolsonaro foi vítima de uma facada durante um ato de rua, realizado em Juiz de Fora (MG)<sup>73</sup>. Esse acontecimento se tornaria o centro do debate político, que se desdobraria em debates sobre a escalada da violência na política, sobre o quadro de saúde do candidato, sobre sua participação nos debates, sobre quem seria a pessoa que tentou matá-lo e sobre como tudo isso iria repercutir no resultado do pleito. Obviamente que esse episódio serviu para fortalecer o discurso de que Bolsonaro era perseguido e de que isto atestava o medo de que seus opositores tinham de sua vitória – fortalecendo e coesionando ainda mais sua base contra um inimigo em comum.

Com Bolsonaro momentaneamente fora dos eventos oficiais, foi a vez do vice de sua chapa, o General Hamilton Mourão (PRTB), dar declarações polêmicas. Na semana seguinte ao ataque que Bolsonaro sofreu, Mourão afirmou em um evento que “famílias pobres ‘sem pai e avô, mas com mãe e avó’ são ‘fábricas de desajustados’ que fornecem mão de obra ao narcotráfico.”<sup>74</sup>, atestando a ideia de que apenas famílias chefiadas por homens são capazes de manter ordem e garantir uma criação digna para as crianças.

O colunista e filósofo Pablo Ortellado faz uma nova publicação na Folha ainda em setembro,<sup>75</sup> onde o mesmo tenta distinguir Bolsonaro do fascismo tradicional ou de um “Trump tropical”. Ortellado, que também é professor de Gestão de Políticas Públicas da USP, recorre ao fato de que Bolsonaro nem é de fato nacionalista – apesar do uso das simbologias –, visto que não defende em seu programa pautas nacionalistas concretas; nem uma reprodução direta do trumpismo, que também possui um traço marcante no debate comercial e econômico. O professor aponta, então, para uma característica central do candidato do PSL: “Bolsonaro é um soldado das guerras culturais, pondo no centro do seu discurso temas morais como a

---

<sup>73</sup>Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/09/bolsonaro-leva-facada-durante-ato-de-campanha-em-juiz-de-fora.shtml>. Acesso em 22 nov. 2023.

<sup>74</sup>Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/09/so-mostrei-o-que-e-uma-constatacao-diz-mourao-sobre-casa-so-com-avos-e-maes-ser-fabrica-de-desajustados.shtml>. Acesso em 22 nov. 2023.

<sup>75</sup>Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/pablo-ortellado/2018/09/nao-e-o-que-parece.shtml>. Acesso em 22 nov. 2023.

sexualização da infância, a escola sem partido, o porte de armas, a punição aos criminosos e o antifeminismo”.

O mês de setembro também foi marcado pela emergência de uma campanha virtual que ficou conhecida pela hashtag #EleNao, que denotava contrariedade à figura de Jair Bolsonaro. No mês anterior, foi criado no Facebook um grupo intitulado “Mulheres Unidas Contra Bolsonaro”, que no período do uso da hashtag já contava com mais de 2 milhões de participantes. Esse grupo ajudou a disseminar a campanha virtual, que acabou por alcançar também inúmeras celebridades, sendo postado até mesmo por artistas internacionais que estavam de olho na disputa eleitoral, como a cantora Madonna.

Aqui no Brasil, os últimos dez dias do mês de setembro ficariam marcados pelo engajamento cada vez mais de opiniões públicas de celebridades mulheres, impulsionadas pela onda virtual de contrariedade a Bolsonaro. No dia 23 de setembro, atraindo milhões de seguidores, a cantora Anitta fez uma postagem em suas redes<sup>76</sup>:

Depois de ser pressionada pelos fãs para se posicionar politicamente com relação às eleições presidenciais, Anitta postou um vídeo neste domingo (23) aderindo à campanha #EleNao, em repúdio a Jair Bolsonaro (PSL).

A cantora foi desafiada por Daniela Mercury nas redes sociais a apoiar o movimento. Em seu vídeo, Anitta convidou Claudia Leitte, Ivete Sangalo e Preta Gil a fazerem o mesmo.

‘Quero aproveitar essa oportunidade para deixar claro de uma vez por todas que eu não apoio o candidato Bolsonaro’, diz Anitta.

A matéria traz ao final o seguinte texto:

Outras celebridades e artistas têm se posicionado contra o candidato Bolsonaro nas redes sociais e também aderiram à #EleNao. Entre eles, a influencer Kéfera, Bruna Marquezine, Sasha, Maria Ribeiro e Claudia Raia. Pablo Vittar encerrou sua parceria com uma marca de calçados recentemente, após descobrir que o dono da grife, o empresário catarinense Victor Vicenza, estava apoiando o candidato à Presidência Jair Bolsonaro.

Outras famosas fariam publicações ainda mais engajadas, convocando para os atos que ocorreriam nos estados, convocados para o dia 29 de setembro, utilizando justamente o hashtag #EleNao como identidade para as ações. Na matéria<sup>77</sup>, além de citar algumas dessas artistas, podemos também ler a justificativa da atriz Bruna Linzmeyer:

---

<sup>76</sup>Disponível em: <https://f5.folha.uol.com.br/celebridades/2018/09/anitta-se-posiciona-contrabolsonaro-e-convida-famosas-a-aderir-campanha.shtml>. Acesso em 22 nov. 2023.

<sup>77</sup>Disponível em: <https://f5.folha.uol.com.br/celebridades/2018/09/bruna-linzmeier-leticia-sabatella-e-outros-artistas-convocam-ato-contrajair-bolsonaro.shtml>. Acesso em 22 nov. 2023.

Bruna Linzmeyer, Paula Lavigne, Letícia Colin, Dira Paes, Letícia Sabatella e outras artistas compartilharam vídeos em suas redes sociais convidando seus seguidores e, principalmente, seguidoras, a comparecerem aos atos marcados para o dia 29 de setembro contra o candidato à presidência Jair Bolsonaro.

‘Ele não porque meu corpo de mulher e sapato merece andar na rua sem ser violentada e eu mereço ganhar o mesmo salário que um homem, que tem a mesma profissão que eu, ganha’, diz Bruna Linzmeyer em seu vídeo.

O engajamento de artistas e a explosão da campanha #EleNao nas redes fortaleceu ainda mais o componente de gênero nessa reta final das eleições. As campanhas de televisão do PT e do PSDB aproveitaram o tema e colocaram inserções e tempo oficial de TV para se traçar uma linha nítida de distinção entre seus candidatos e Bolsonaro<sup>78</sup>.

No caso das peças de propaganda do candidato do PSDB, Geraldo Alckmin, houve uso direto da hashtag que estava em alta nas redes e também uma fala da candidata a vice em sua chapa, Ana Amélia (PP), que relembra episódios agressivos de Bolsonaro em relação à mulheres e homossexuais – incluindo as imagens de Bolsonaro empurrando a deputada Maria do Rosário em 2003. Além disso, a propaganda também trouxe o dado de que “No Brasil, 30 milhões de famílias brasileiras são chefiadas por mulheres.

Para o vice de Bolsonaro, famílias só com mães e avós são “fábricas de desajustados”, lembrando a recente fala do general Hamilton Mourão. Nas inserções de Fernando Haddad, houve também maior destaque para a sua vice, Manuela D’Ávila (PCdoB), que inclusive vinha sofrendo uma série de ataques virtuais devido à *fake news* que traçavam uma suposta conexão da então deputada estadual (RS) com o Adélio Bispo, o responsável pela facada em Jair Bolsonaro<sup>79</sup>.

No mesmo dia, a Folha publicava um editorial voltado totalmente para a análise do voto das mulheres, intitulado “Como elas votam”, indicando a rejeição de 49% desse eleitorado em relação à Bolsonaro<sup>80</sup>, demonstrando mais uma vez como a divisão entre os votos de homens e mulheres parecia ser um elemento sintomático deste pleito.

---

<sup>78</sup>Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/09/na-televisao-pt-e-psdb-miram-voto-feminino.shtml>. Acesso em: 15 dez. 2023.

<sup>79</sup>Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/09/manuela-relata-ameaca-e-vai-ao-tse-pedir-protecao-da-pf.shtml>. Acesso em: 15 dez. 2023.

<sup>80</sup>Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/opinioao/2018/09/como-elas-votam.shtml>. Acesso em: 15 dez. 2023.

No entanto, não seria correto ver todas essas movimentações como um indicativo de que a força de Bolsonaro diminuía. Em outra matéria do mesmo dia<sup>81</sup>, podemos observar outros efeitos da movimentação #EleNao, no que diz respeito à reação dos apoiadores do capitão reformado. Por um lado, as ameaças pessoais que personalidades vinham sofrendo, como a cantora Marília Mendonça, que declarou que ela e toda a sua família, incluindo a sua mãe, estavam sofrendo ataques – o que a levaria a recuar no apoio e publicação da *hashtag*, sendo substituído pelo o que ela declarou como “profundo silêncio em qualquer questão que seja política”.

Por outro lado, a base eleitoral de Bolsonaro também fez uma movimentação de “unfollow” (deixar de seguir) em diversos artistas que apoiavam a crescente onda do #EleNao. Entre os dias 16 e 26 de setembro, momento em que essa ação coordenada de mulheres contrárias a Bolsonaro vai se estabelecendo, o candidato teve o impressionante aumento de 600 mil em número de seguidores. Esse dado poderia apontar em como a posição ativa de mulheres no combate aberto à candidatura de Bolsonaro gerou uma reação ainda mais forte dos apoiadores do capitão – demonstrando como o posicionamento político de mulheres é um marcador importante nesse cenário.

Ainda na reação dos apoiadores de Bolsonaro às postagens de celebridades ao movimento #EleNao, o mesmo jornal publicou uma matéria que analisava algumas dessas ações coordenadas. Lê-se:

Se, de um lado a campanha #EleNao, contra o candidato Jair Bolsonaro (PSL), mobiliza artistas a gravar vídeos com seus motivos para não eleger o deputado federal; de outro, militantes do capitão reformado têm mobilizado correntes para rebater o movimento.

Em comentários no YouTube, internautas pró-Bolsonaro se organizam para responder vídeos do #EleNao, além de marcar as publicações com “não gostei”.

No WhatsApp, circula uma corrente com números de “gostei” e “não gostei” de vídeos favoráveis ao #EleNao apurados até às 14h30 desta terça-feira (25). A corrente incentiva internautas a reagirem contra a campanha aderida por artistas.

Até as 14h desta quarta-feira (26), por exemplo, um vídeo do YouTube em que Daniela Mercury convida mulheres a participarem de protesto organizado neste sábado (29) recebeu 16 mil “gostei” contra 935 mil “não gostei”.

O vídeo, que já soma quase 2 milhões de visualizações, foi publicado em uma conta chamada Dilma Resistente, que tem pouco mais de 6 mil inscritos.<sup>82</sup>

<sup>81</sup>Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/columnas/nelsondesa/2018/09/reacao-a-elenao-se-alastra-e-ja-forca-profundo-silencio.shtml>. Acesso em: 15 dez. 2023.

<sup>82</sup>Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/09/videos-da-campanha-elenao-recebem-enxurrada-de-nao-gostei.shtml>. Acesso em: 15 dez. 2023.

A efervescência causada pelas movimentações do #EleNao culminaram em atos disseminados nacionalmente no dia 29 de setembro.<sup>83</sup> Um grupo no Facebook estaria organizando atos em torno de 30 cidades espalhadas por todo o país. Além de ato no Brasil, também estavam previstos manifestações em outras cidades do mundo – segundo a matéria, “em Berlim (Alemanha), Buenos Aires (Argentina), Paris (França), Londres (Inglaterra), Lisboa (Portugal), Nova York (EUA) e Washington (EUA).”, devido à dimensão à nível internacional que as eleições brasileiras havia tomado.

A ideia de que os debates comumente atribuídos de forma mais central às disputas eleitorais (como seriam os de teor econômico e de políticas públicas) estariam tendo um impacto secundário nas redes de apoiadores de Bolsonaro, pode ser vista em uma matéria da Folha de São Paulo publicada no dia 27 de setembro de 2018 – dez dias antes do primeiro turno das eleições.<sup>84</sup>

Doze vezes mais influentes que a página oficial de Jair Bolsonaro no Facebook —que tem 6,4 milhões de curtidas—, páginas mais populares de apoiadores do candidato geraram 38 milhões de compartilhamentos desde o início da campanha eleitoral, em 16 de agosto.

O conteúdo das páginas pró-Bolsonaro foi analisado por um estudo da USP. A pesquisa classificou a campanha feita pelos fãs do capitão reformado como anti sistêmica, conservadora e, em dissonância com propostas econômicas do candidato, pouco liberal.

O monitoramento levantou um total de 41 mil postagens que geraram 38 milhões de compartilhamentos na rede social. Entre elas, 150 publicações, feitas por 40 páginas, concentraram 8 milhões de compartilhamentos —o que significa que elas viralizaram.

[...] A pesquisa revela que são os temas morais que mais repercutem entre os grupos analisados. Os militantes pró-Bolsonaro “não estão preocupados com segurança e corrupção, mas, sim, preocupados em rejeitar as instituições, como a política e a imprensa”, diz um dos autores do estudo, o filósofo Pablo Ortellado, colunista da Folha. “Bolsonaro não ganhou um terço do eleitorado discutindo propostas, mas discutindo moral”, concluiu.

Há conflito também entre o que dizem as postagens e o pensamento econômico que Bolsonaro defende em sua própria campanha. Ele se aliou ao banqueiro Paulo Guedes, defensor do liberalismo econômico e nome forte para o ministério da Fazenda caso Bolsonaro vença. Pela pesquisa, as páginas de apoio ao candidato no Facebook têm se mostrado pouco interessadas no assunto.

---

<sup>83</sup>Disponível

<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/09/mulheres-convocam-atos-pelo-pais-contr-bolsonaro.shtml>.

Acesso em: 15 dez. 2023.

<sup>84</sup>Disponível

<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/09/na-internet-fas-de-bolsonaro-esquecem-economia-e-defendem-conservadorismo.shtml>. Acesso em: 15 dez. 2023.

em:

em:

‘Chama a atenção que os temas morais, como o papel das mulheres, o porte de armas, a punição a criminosos, a sexualização na infância e outras questões dessa natureza dominam a campanha; com exceção de menções pontuais à redução de impostos e da burocracia, praticamente não aparecem temas de política econômica ou de políticas sociais’.

Chega, então, o dia dos atos convocados sob a temática do “#EleNão”. A manchete da matéria da Folha no dia dizia “Ato de mulheres contra Bolsonaro reúne milhares em mais de 30 cidades: manifestações contra o candidato relacionaram deputado a atitudes machistas e misóginas,<sup>85</sup> e trazia os dados referentes às cidades (no Brasil e no mundo) que realizaram os atos.

Nas ruas, as expressões ‘Ele não’ e ‘Mulheres contra Bolsonaro’ apareceram em camisetas, pintadas no corpo de manifestantes e em gritos. O roxo, cor escolhida para representar o ato, também podia ser visto em roupas, estandartes e faixas, junto a reivindicações de tolerância, respeito e amor. O mote ‘Mulheres contra Bolsonaro’ era frequente.

A professora Madalena Peixoto, 65, disse participar da manifestação em São Paulo para ‘impedir que a ditadura volte’. Na opinião dela, o presidenciável é ‘fascista, machista e a favor da cultura do estupro’.

No dia 01 de outubro, semana que ocorreria o primeiro turno das eleições, a Folha deu um espaço de coluna para duas mulheres, Antonia Pellegrino e Manoela Miklos, editoras do blog #AgoraÉQueSãoElas, onde as duas fariam uma análise dos atos ocorridos no dia 29 de setembro e sobre a decisão das urnas que se aproximava:

Falta menos de uma semana para o primeiro turno e precisamos com urgência avançar na compreensão do que aconteceu no fim de semana. Nosso destino que está em jogo. Então guardaremos o louvor à capacidade sem igual das mulheres, em especial das feministas, de pilotar o ato político mais relevante da nossa história desde as jornadas de junho de 2013. E vamos propor duas reflexões que demandam toda atenção.

Primeiro, precisamos entender o que aconteceu no sábado. Brasileiras convocaram o país para, num coro que congregou uma população diversa e plural, rejeitar um discurso político que não pertence ao campo democrático e que flerta reiteradamente com o autoritarismo (seja celebrando nosso triste passado, seja apontando para a possibilidade de futuro que o remonte).

Fomos para rua e convidamos todas e todos para o rechaço e escracho de um candidato que é machista e homofóbico. Mas quem acha que as mulheres marcharam sábado contra o machismo é politicamente míope. Não compreendeu a dimensão do que se deu.

Nós marchamos porque estamos disputando o poder. Porque temos o que dizer sobre os projetos de país que cada chapa postulante à Presidência representa. E não desejamos que a faixa seja passada em janeiro para alguém que ameace o regime democrático, a liberdade, os direitos humanos.

<sup>85</sup>Disponível

em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/09/atos-de-mulheres-contr-bolsonaro-reunem-milhares-em-mais-de-30-cidades.shtml>. Acesso em: 15 dez. 2023.

No dia 01 de outubro, a Folha publica um artigo de opinião assinado pela filósofa estadunidense Nancy Fraser (destacada intelectual no debate de gênero e democracia) e Mayra Cotta (na época, doutoranda em política na New School for Social Research). O artigo narra de início que a experiência de ascensões autoritárias não é exclusividade do Brasil e aqui, como em outros lugares, as mulheres vinham tomando para si o papel de denunciar os ataques que essas figuras causam à democracia e à sociedade em geral.

Não é por acaso que a candidatura que celebra a ditadura militar e é entusiasta da tortura e da violência institucionalizada no Estado é a mesma candidatura que ataca as sexualidades não hétero e que não quer que gênero seja ensinado nas escolas. A mobilização que vimos no sábado, e que continua firme e forte para além dos protestos, não apenas é contra uma candidatura específica, mas contra um projeto político que precisa ser derrotado. Precisamos expurgar do nosso arsenal político o recurso a respostas autoritárias para os momentos de crise. Esse tipo de “solução” está profundamente arraigado numa estrutura masculina e racista de sociedade. E precisamos recusar veementemente a reprodução desta violência que está nos nossos lares e na nossa política, se retroalimentando. A nossa resposta precisa ser mais democracia, mais participação das mulheres em todos os espaços de poder, desde à família até o Congresso. As relações de gênero e a distribuição desigual dos papéis sociais e dos privilégios entre homens e mulheres são parte dessa crise —e por isso nós mulheres estamos à frente desta resistência.

Ortellado publica mais uma coluna, intitulada “Estamos escutando?”<sup>86</sup>, onde aponta com todas as letras a síntese que a sistematização dessas sequenciais publicações jornalísticas tenta promover. Nela, o professor da USP afirma que apenas escutando com atenção as queixas dos eleitores, se poderia ter respostas alternativas àquelas que o candidato autoritário oferecia. Dentre outros motivos, os eleitores:

Parecem estar muito incomodados com as mudanças nos costumes trazidas pelos movimentos feminista e LGBT e veem essas transformações como uma ameaça à organização tradicional da família. Sentem que esses grupos identitários estão antecipando a sexualidade das crianças e as estão forçando a questionar as orientações sexuais e os papéis de gênero tradicionais numa etapa em que são muito vulneráveis.

Um dia antes do primeiro turno das eleições, curiosamente é publicada uma coluna de Mario Sergio Conti intitulada “Porre, porrete e psicologia das massas” – fazendo referência ao famoso livro de Freud. Nela podemos ler:

---

<sup>86</sup>Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/pablo-ortellado/2018/10/estamos-escutando.shtml>. Acesso em: 15 dez. 2023.

Das tardes na Paulista às pesquisas eleitorais, o movimento das massas pela opressão se exacerbou. As explicações políticas, econômicas e sociológicas são indispensáveis. Mas algo sempre parece se lhes escapar: a irracionalidade bestial do fenômeno.

Por que o encantamento com a boçalidade? Por que milhões ficam surdos à razão e se insurgem contra os próprios interesses? Para obter indícios de respostas é produtivo conhecer as especulações de um clássico sobre o tema, "Psicologia das Massas e Análise do Eu", de Freud.

Escrito no entreguerras, o livro teve como móvel a crise da civilização europeia, com a transformação do iluminismo em selvageria. Seguindo Le Bon, Freud diz que, ao se dissolver na massa, o indivíduo solta seus impulsos inconscientes, comete atos contrários a seu caráter e costumes.

O líder, um demagogo teatral, propaga a energia libidinal que une os indivíduos na massa. Os que veem a sexualidade como vergonhosa acatam aquele que diz que eles não devem se reprimir —devem, isso sim, reprimir aqueles que evidenciam a sua sexualidade.

É o caso do aerotrem que atropela gays. Da ira de Bolsonaro contra a curiosidade indecente das crianças em relação à sexualidade. Como o inconsciente do líder fala diretamente ao inconsciente dos indivíduos, a massa fica imune à argumentação fundada na lógica.

O triunfo da irracionalidade se dá por meio de sugestão e contágio. A sugestão faz com que insinuações agressivas sejam aceitas como verdades. É o caso das fake news. Elas se disseminam porque reforçam aquilo em que a massa já acreditava. A realidade não importa.

As fake news se espalham por meio do contágio. Ou seja, da união dos sedentos por submissão, que se juntam numa turba onipotente. Hoje, o contágio prescinde até da massa real, concreta: o WhatsApp faz com que células isoladas virem manadas desembestadas em poucos minutos.

No Brasil destes dias a combustão de neuroses particulares em paranoia coletiva parece iminente. A descrença na ação racional, porém, só pode ser barrada por ela mesma: a consciência racional.

Àquela altura, parecia nítido que haviam coisas além da política tradicional em jogo. A aparição ocasional das leituras freudianas sobre o fascismo, a política do desejo, as questões sexuais, tudo isso denunciava uma atmosfera atípica. Obviamente que outros elementos, amplamente estudados, fortaleceram o discurso de Jair Bolsonaro: o militarismo e o combate à corrupção certamente se encontram nessa aparente tríade do que pode ter sido a fórmula que levou Bolsonaro ao patamar que chegou. No dia 08 de outubro, o país teve a notícia não apenas que teríamos segundo turno, mas que o capitão da reserva tinha uma margem de vantagem razoável sobre o segundo colocado, Fernando Haddad.

### 3.3 O segundo turno

Em um intervalo de 20 dias, o Brasil teria que decidir quem seria o próximo presidente da república. Contra muitas análises desde quando se lançou pré-candidato até o começo da campanha, Bolsonaro seguiu crescendo sem retroceder uma única vez. Chegou ao segundo turno com 46% contra 29% de seu oponente, mesmo sem ter participado de nenhum dos últimos debates alegando fragilidade física como consequência do atentado à facada que sofrera no mês que antecedeu as eleições – embora o próprio médico tenha afirmado que a escolha de ir ou não era pessoal, pois do ponto de vista médico seu quadro era considerado estável.

Após o resultado do primeiro turno, foram analisadas mais 52 páginas de busca, cada uma contendo 25 resultados, totalizando 1.300 matérias. Diferente do levantamento prévio, que trazia componentes de gênero e diversidade sexual em quase todas as páginas, no intervalo até o segundo turno outros temas ficaram mais em voga nas manchetes: o caráter antidemocrático de Bolsonaro e sua base de apoiadores, o apelo militarista, os acenos ao mercado e as avaliações acerca dos impactos da operação Lava-Jato na disputa.

No entanto, o elemento da violência permanece, o conflito entre os dois pólos que seguiam na disputa até mesmo se acirra, levando a acontecimentos trágicos como a morte do capoeirista baiano Mestre Moa do Katendê<sup>87</sup>. A primeira matéria que nos chama a atenção já no dia 09 de outubro fala sobre um jogo online chamado “Bolsomito 2K18”, onde o personagem principal, Jair Bolsonaro, “luta contra feministas, sem-teto, gays, negros e petistas”<sup>88</sup>. A escolha dos adversários não parece ser aleatória: denota as parcelas historicamente agredidas por Bolsonaro e posteriormente por parte de seu eleitorado.

Nos chama atenção a manchete do dia seguinte, onde a autora Soraya Chemaly fornece comentários sobre como os movimentos feministas poderiam contribuir para a ascensão de líderes de direita<sup>89</sup>:

---

<sup>87</sup>Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2018/10/moa-do-katende-ajudou-a-formar-identidade-musical-afro-brasileira.shtml>. Acesso em: 15 dez. 2023.

<sup>88</sup>Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2018/10/jogo-traz-bolsonaro-exterminando-feministas-sem-teto-gays-e-negros.shtml>. Acesso em: 15 dez. 2023.

<sup>89</sup>Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/10/movimentos-feministas-podem-contribuir-para-ascensao-de-lideres-de-direita-diz-autora.shtml>. Acesso em: 15 dez. 2023.

[...] toda a movimentação feminista, por outro lado, tanto no país americano quanto no resto do mundo, pode acabar contribuindo para a ascensão de líderes populistas de direita, como resultado de uma reação masculina contra o ativismo das mulheres. É o que afirma Soraya Chemaly, autora do livro recém-lançado "Rage becomes her: the power of women's anger" (A raiva fica bem nela: o poder da fúria das mulheres, sem edição no Brasil) e uma das diretoras do Women's Media Center, organização que luta por uma maior visibilidade de mulheres na mídia.

"As mulheres têm confrontado o ideal fundamental de masculinidade, no qual o homem é o protetor e provedor", diz. "Quando as mulheres conseguem cuidar delas mesmas, isso coloca em risco o poder e o privilégio dos homens."

Duas matérias do dia 11 de outubro demonstram, mais uma vez, a escalada violenta que a disputa eleitoral estava propiciando. Ameaças de morte e agressão física são relatadas em ambas, onde os principais alvos seriam gays, lésbicas, pessoas trans e negros.<sup>90</sup> As editoras do blog #AgoraÉQueSãoElas publicam, então novamente uma matéria analisando essa reação ainda mais truculenta que agudizava o cenário político<sup>91</sup>:

Em 1991, a premiadíssima escritora americana Susan Faludi publicou o icônico "Backlash". A obra tinha como subtítulo, numa tradução livre, "A guerra não-declarada às mulheres americanas". O tema era a reação que se deu na década de 1980 às conquistas feministas das duas décadas anteriores. Nas suas 550 páginas, a autora examinou cuidadosamente as falsas premissas do imaginário antifeminista da direita conservadora que chegou ao poder nos EUA presidido por Ronald Reagan.

Ao fim, a autora concluiu magistralmente: o backlash é uma tendência histórica que se verifica quando há avanços nas agendas de direitos e consiste num efeito rebote. Aqueles cujos privilégios estavam garantidos sob a velha norma sempre irão, agonizantes, tentar se reorganizar e partir violentamente para o contra-ataque com o objetivo de restaurar a ordem que lhes convinha. Cabe aos movimentos por direitos, liberdade e igualdade defender seus êxitos para que o efeito rebote não seja feliz na sua ânsia por retrocesso.

Independentemente do resultado das eleições, o movimento de mulheres precisa estar preparado. Há um backlash, ele está em curso. Evidentemente, uma eventual vitória do candidato Jair Bolsonaro, do PSL, representa maior perigo aos direitos das mulheres. Mas o discurso conservador, machista e autoritário que o candidato articulou reiteradas vezes está por toda parte. Já brotava na internet faz tempo. Agora transbordou das redes sociais e ganhou as ruas.

[...] A caixa de Pandora foi aberta. Todos os dias, surgem relatos que confirmam que estamos diante de um backlash. O movimento de mulheres tem convivido com um amplo espectro de reações cada vez mais brutais aos avanços dos últimos anos. As experiências relatadas vão de ameaças virtuais a atos de violência abomináveis. O que as mulheres devem fazer diante desse contexto? Resistir. Desenhar estratégias inteligentes, cuidar de si, cuidar umas das outras e, com muito brio, resistir. (grifos nossos).

<sup>90</sup>Disponível

em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/fernanda-mena/2018/10/bolsonaro-e-evocado-em-ataques-e-intimidacoes-contra-pessoas-lgbt-mas-a-culpa-e-dele.shtml>.

e <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2018/10/pichacao-pro-bolsonaro-em-cursinho-pede-morte-aos-negros-e-aos-gays.shtml>. Acesso em: 15 dez. 2023.

<sup>91</sup>Disponível

em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/antonia-pellegrino-e-manoela-miklos/2018/10/o-backlash-chegou.shtml>. Acesso em: 15 dez. 2023.

Na mesma semana, grupos da comunidade LGBTQIA+ formavam turmas para aprender técnicas de autodefesa<sup>92</sup>. Segundo a matéria, 1.500 pessoas estariam trocando experiências e dicas sobre como se proteger em casos de abordagens violentas de apoiadores de Bolsonaro. O cenário era preocupante e parecia se alinhar com as análises que se atentavam ao caráter antidemocrático das declarações do presidenciável. Afinal, como respeitar a diversidade sem democracia?

Na esteira das demarcações das mulheres, outro ato #EleNão fora convocado, dessa vez para o dia 20 de outubro. Segundo a cobertura da Folha de S. Paulo, as manifestações não tiveram a mesma adesão que a primeira.<sup>93</sup> Três dias depois, Bolsonaro voltaria a dar uma declaração polêmica envolvendo esses públicos mais afetados pela escalada da violência, dizendo que era preciso “acabar com coitadismo de nordestino, de gay, de negro e de mulher”<sup>94</sup>, defendendo que políticas afirmativas – como as desenvolvidas pelos governos do Partido dos Trabalhadores – reforçavam o preconceito. Com a proximidade da decisão eleitoral, a comunidade LGBTQIA + que vinha sofrendo ainda mais com a reação conservadora, se engajaria nas redes para tentar contribuir com a virada de votos.<sup>95</sup>

Nos 20 dias que separaram os turnos, houve uma coluna feita por uma psicanalista, Vera Iaconelli, que nos vale ler na íntegra, pela diferenciação que faz sobre a prática clínica e a posição política de um destes profissionais:

Declarações públicas contra a candidatura de Jair Bolsonaro feitas por instituições psicanalíticas têm gerado polêmica. Alguns se perguntam se caberia ao psicanalista declarar sua posição publicamente, por se tratar de um profissional que supostamente se absteria de emitir opiniões políticas.

Mas, afinal, qual a posição política de um psicanalista?

Para o psicanalista pouco importa em quem seu paciente vai votar, pois quer o paciente fale do Bolsonaro, do cachorro ou da sogra, ele só fala de si mesmo, em infinitas versões. O espaço da análise é criado justamente para propiciar uma espécie de "vácuo subjetivo" do analista e promover a subjetividade do paciente. Essa é a condição "sine qua non" para ajudarmos o analisante a se escutar. Sustentamos uma cena na qual ele pode contracenar consigo mesmo e descobrir suas motivações e desejos inconscientes. Trabalho difícil, fruto de anos de análise do analista, de

<sup>92</sup>Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/apos-denuncias-de-violencia-lgbts-criam-grupos-de-seguranca-e-buscam-aulas-de-autodefesa.shtml>. Acesso em: 15 dez. 2023.

<sup>93</sup>Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/atos-ele-nao-se-repetem-pelo-pais-mas-com-adesao-menor.shtml>. Acesso em: 11 out. 2023.

<sup>94</sup>Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/vamos-acabar-com-coitadismo-de-nordestino-de-gay-de-negro-e-de-mulher-diz-bolsonaro.shtml>. Acesso em: 11 out. 2023.

<sup>95</sup>Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/com-medo-de-bolsonaro-lgbts-se-engajam-para-votar-nas-redes.shtml>. Acesso em: 11 out. 2023.

supervisão e de estudo que nos permite manter aquilo que Freud chamou de posição abstinente.

Muito além de não se envolver amorosamente com o paciente, a abstinência é a negatividade que se cria para que o outro possa se manifestar. Exemplo banal: digamos que eu atrase 15 minutos para iniciar uma sessão. Um paciente me dirá que achou que eu não gostava de atendê-lo, por isso me demorava. Outro dirá que imaginou que eu gostava mais do paciente anterior, com quem eu teria ficado mais tempo. Outro, ainda, revelará a fantasia de que eu estaria lhe dando alta. Não me cabe responder a eles que eu estava no banheiro. Afinal, é nessa ausência de resposta que surge o mais importante: suas fantasias de rejeição, ciúmes, superioridade. Abstenho-me de me justificar, não por falta de educação ou arrogância, mas porque as questões pessoais do paciente estão em primeiro lugar sempre e devem ser escutadas com respeito e consideração.

O que se revela, quando o analista se abstém de ocupar o espaço da sessão, é aquilo que faz o paciente sofrer, mas que ele mesmo desconhece. Nesse ponto a ética do analista é não julgar e permitir que o paciente escolha o que fazer com o que descobre de si. A sessão trata menos do encontro entre paciente e analista do que do encontro do paciente consigo mesmo, sustentado pela abstinência do analista.

Se nosso trabalho se baseia no exercício diário dessa abstinência, como podemos vir a público repudiar um candidato e declarar nossa intenção de voto?

Existem diferenças entre o espaço da clínica e o espaço público. No primeiro, o profissional deve se abster de emitir opiniões, enquanto que, no outro, nem sempre ele pode se furtar a fazê-lo. Ambos os espaços são regidos pela mesma direção política: da ética do desejo, do direito à singularidade e do exercício da fala.

Isso significa que não podemos compactuar com qualquer forma de discurso social que repudie as diferenças individuais ou cerceie a palavra. Qualquer proposta política que propagandeie o uso do outro como bode expiatório daquilo que não queremos reconhecer em nós é anti psicanalítico e deve ser combatido como tal.

Em momentos históricos críticos, de ameaça à ordem democrática e opressão das minorias, são os textos de Freud que nos servem de alerta. "Psicologia das Massas e Análise do Eu" (1921), escrito entre guerras, é um marco dos estudos sobre nossa tendência ao autoritarismo. A psicanálise sempre se posicionou inequivocamente contra o fascismo e o assujeitamento, cabe aos psicanalistas estarem à altura dela hoje.

No dia 28 de outubro de 2018, Jair Bolsonaro foi eleito presidente do Brasil.

#### 4 REFLEXÕES A PARTIR DA SOCIOLOGIA E A PSICANÁLISE

Durante vários momentos no decorrer deste trabalho, sublinhamos o caráter não natural de algumas categorias ou narrativas tidas como tal. O retorno à uma determinada ordem patriarcal não necessariamente historizada por quem a propaga como natural<sup>96</sup>, o gênero como algo natural, a ordem como algo natural. E o que surge a partir dessas ideias de condições ontológicas é uma ação contínua que visa preservar ou reconquistar esse “estar” ou um modo de “ser” natural, no enfrentamento a tudo e a todos que ameacem esse estado supostamente harmônico das coisas e da vida em sociedade. É de suma importância para nós sublinhar uma outra categoria que também não é natural: a civilização – ou a cultura.

A construção de Freud acerca do mal-estar na civilização (1930) se dá justamente a partir do entendimento de que para que os homens se constituam em sociedade, que consigam organizar um sistema de códigos e condutas, é necessário dar um sentido natural para nossa existência. A cultura seria então “a soma integral das realizações e regulamentos que distinguem nossas vidas das de nossos antepassados animais, e que servem a dois intuítos, a saber: o de proteger os homens contra a natureza e o de ajustar os seus relacionamentos mútuos” (FREUD, 1930/1996i, p. 96). Para que esta sociedade se desenvolva, é preciso conter os instintos mais naturais existentes em nós, como o sexo e a violência, é preciso desenvolver mecanismos de controle dos corpos e das relações. E é imperativo que todos os sujeitos que adentram na cultura estejam de acordo com esse “sacrifício” e o medo de que estes elementos naturais se sobreponham seria permanente.

Acreditamos que, por pressão das necessidades da vida, a civilização foi criada à custa da satisfação instintual e, em grande parte, está sendo constantemente recriada, quando o indivíduo recém-ingresso na comunidade humana novamente sacrifica a satisfação instintual em prol do todo. Entre as forças instintuais assim empregadas, os impulsos sexuais desempenham um papel importante: eles são sublimados, isto é, desviados de suas metas sexuais e direcionados para metas socialmente mais elevadas, não mais sexuais. Essa construção, no entanto, é instável: a domesticação dos instintos sexuais é precária; em cada indivíduo que se junta à obra da cultura, persiste o perigo de que seus instintos sexuais se neguem a tal emprego. A sociedade não crê em ameaça maior à sua cultura do que aquela que viria da libertação dos instintos sexuais e do retorno deste as suas metas originais. Ela não gosta de, portanto, de ser lembrada dessa parte delicada de seus fundamentos, não tem interesse nenhum que seja reconhecida a força dos instintos sexuais e seja demonstrado a cada indivíduo a importância da vida sexual; ao contrário, optou,

---

<sup>96</sup> “Transformar em arma esse temível fantasma do ‘gênero’ é algo essencialmente autoritário. O retrocesso na legislação progressista certamente é alimentado pela retaliação, mas retaliação é uma mera descrição do momento reativo desse cenário. O projeto de reconduzir o mundo a um tempo anterior ao ‘gênero’ promete o retorno a uma sonhada ordem patriarcal que pode nunca ter existido, mas que ocupa o lugar da ‘história’ ou da ‘natureza’ – uma ordem que apenas um Estado forte pode restaurar”. (BUTLER, 2024, p.13).

com propósito educativo, por desviar atenção de toda essa área. (FREUD, 2014, p. 29-30).

Se cada novo indivíduo recém-ingresso na sociedade precisaria novamente fazer o processo de abdicar destes instintos, e o faz a partir desta mesma cultura na qual ele se vê inserido – a exemplo do “é menino ou menina?”, quando ainda não se tem nem mesmo um bebê, mas um feto – é necessário que nada nem ninguém bagunce esse esquema. Esse processo, aliás, é incessante, em termos de conformação de gênero e papéis sociais a eles associados, na modernidade. Como podemos observar nessa reflexão de Butler (2024):

Consideremos, no entanto, que a atribuição do sexo não é simplesmente o anúncio do sexo percebido em um bebê, mas também a comunicação de um conjunto de desejos e expectativas adultas. [...] A menina continua a ser tornada menina; o menino continua sendo tornado menino; e essas práticas de ir tornando alguém menina ou menino são repetidas não apenas pelos pais mas também por uma série de instituições que recebem a criança com quadrinhos a serem assinalados e normas a serem corporificadas. Em certo sentido, a atribuição do sexo não acontece apenas uma vez. (p. 34).

Mas porque então existiria um mal-estar, se a produção de cultura, se a constituição de uma civilização é direcionada justamente para condensar os indivíduos em modos de ser e agir que conseguiriam ajustar a vivência de todos? No *O futuro de uma ilusão* (1928), texto que Freud se dedica a estudar as religiões e a religiosidade, ele aponta que a cultura

Inclui todo o conhecimento e capacidade que o homem adquiriu com o fim de controlar as forças da natureza e extrair a riqueza desta para a satisfação das necessidades humanas; por outro, inclui todos os regulamentos necessários para ajustar as relações dos homens uns com os outros e, especialmente, a distribuição da riqueza disponível. (FREUD, 1928/1996h, p. 16).

Além de objetivamente percebermos que não existe uma sociedade onde as necessidades são satisfeitas e nem a riqueza disponível é distribuída, o projeto da civilização como natural nos coloca um paradoxo. Por um lado, as metas sexuais precisam ser sublimadas para que haja a viabilidade de construção e reprodução de um sistema organizado como a civilização; por outro, pela civilização não ser ela mesma um sistema natural, ela está sempre em constante tensão com os elementos naturais que se encontram recalçados. O sentimento de que algo nos falta, algo nos escapa ou algo foi perdido.

Além das metas sexuais, a questão da violência também é algo central a ser dominado e contido pela cultura de modo que a sociedade possa se desenvolver. Freud questiona o famoso “amar ao próximo como a si mesmo”, na chave de que a tentativa de extirpar o caráter da violência inata dos seres humanos é uma meta inatingível. O que acontece é que para o estabelecimento da própria civilização, o componente da violência deve ser contido e sacrificado em nome da possibilidade de ser partícipe de determinada sociedade – caso não, a arbitrariedade de um indivíduo poderia agir de acordo com suas vontades.

*Homo homini lupus* [O homem é o lobo do homem]; quem, depois de tudo o que aprendeu com a vida e a história, tem coragem de discutir essa frase? Via de regra, essa cruel agressividade aguarda uma provocação, ou se coloca a serviço de um propósito diferente, que poderia ser atingido por meios mais suaves. Em circunstâncias favoráveis, quando as forças psíquicas que normalmente a inibem estão ausentes, ela se expressa também de modo espontâneo, e revela o ser humano como uma besta selvagem que não poupa os de sua própria espécie. (p. 76-77).

Aliás, a crítica à religião não parece à toa, se percebermos o traço distintivo que Freud dá para o estabelecimento do direito e da justiça, o que qualificaria as relações sociais da modernidade. Se a agressividade estaria apenas em contenção, jamais seria exterminada, nem mesmo pelos ensinamentos ‘divinos’. Freud estaria às voltas na tentativa de compreensão do movimento das pessoas recorrerem à religião como canal para o fim do sofrimento – e os limites dessa tentativa. Ao escrever para um amigo e testar a recepção do texto anterior que havia escrito sobre essa temática (*O futuro de uma ilusão*), Freud escreve logo nas primeiras páginas do *Mal-estar* o retorno da carta:

Eu lhe enviara a pequena obra em que trato a religião como ilusão, e ele respondeu que estava de acordo com o meu juízo sobre a religião, mas lamentava que eu não tivesse apreciado corretamente a fonte da religiosidade. Esta seria um sentimento peculiar, que ele próprio jamais abandona, que ele viu confirmado por muitas pessoas e pode supor existente em milhões de outras. Um sentimento que ele gostaria de denominar sensação de 'eternidade', um sentimento de algo ilimitado, sem barreiras, como que 'oceânico'. Seria um fato puramente subjetivo, não um artigo de fé; não traz qualquer garantia de sobrevivência pessoal, mas seria a fonte da energia religiosa de que as diferentes igrejas e sistemas de religião se apoderam, conduzem por determinados canais e também dissipam, sem dúvida. (FREUD, 2010, p. 14-15).

Para seu amigo, o que está em jogo não é a comprovação efetiva de um ser superior ou a garantia de uma vida posterior – embora, obviamente, essas suposições os sirvam -, mas o que instauraria toda essa energia: algo que transcenderia a experiência

peçoal, talvez até mesmo corporal, de uma pessoa, um sentimento “oceânico”. Seria desta energia que as igrejas se apropriariam e canalizariam. Como o próprio Freud afirma, “A vida, tal como nos coube, é muito difícil para nós, traz demasiadas dores, decepções, tarefas insolúveis.” (p.28) e nossa busca nesse mundo seria obviamente transcender este sofrimento. A religião seria em sua visão uma construção coletiva de tentativa dessa fuga, mas como uma espécie de delírio:

É de particular importância o caso em que grande número de pessoas empreende conjuntamente a tentativa de assegurar a felicidade e proteger-se do sofrimento através de uma delirante modificação da realidade. Devemos caracterizar como tal delírio de massa também as religiões da humanidade. Naturalmente, quem partilha o delírio jamais o percebe. (FREUD, 2010, p.38).

Embora o caráter delirante da religião seja denunciado por Freud, o importante seria notar a tentativa de fugir das possibilidades de um sentimento de desamparo. A busca pela felicidade, um programa instituído pela cultura e impossível de ser plenamente alcançado, criaria formas de se associar, formas de projetar ou de construir essa *ilusão* – a religião seria uma dessas formas.

A constituição da civilização, ou seja, das postulações acerca das condutas, da moral e da regulação das relações, é um movimento contínuo que se baseia permanentemente no distanciamento da natureza e na naturalização de si mesma. No entanto, um outro problema inerente a esse processo seria justamente a transformação contínua que as sociedades experimentam – o que denunciaria a sua não-naturalidade. Não é à toa que uma das obras mais famosas do sociólogo Norbert Elias se chama *O processo civilizador*.

Elias se propôs a compreender como, no processo de constituição das sociedades está interligado com a estrutura psicológica individual, de modo que a própria compreensão da transformação da consciência e as transformações do Estado não poderiam ser compreendidas separadamente (ELIAS, 1993). Elias era leitor de Freud e inclusive toma emprestado alguns elementos de sua elaboração psicanalítica, como a libido e o superego para desenvolver suas hipóteses acerca da realização da civilização.

Brandão (2001) faz uma reflexão acerca do caráter do controle e do autocontrole contido na obra de Norbert Elias, a partir da noção de que para a civilização se estruturar, é necessário criar tipos de controle que perpassam a relação com a natureza, com os semelhantes e consigo mesmo.

Mas não é só o monopólio da força física que irá modificar o comportamento das pessoas após a Idade Média. A modificação ocorrida na estrutura social existente na

Idade Média para a nova estrutura social que passa a existir na Idade Moderna, especialmente a progressiva ascensão da burguesia como classe social dominante dentro dos Estados nacionais recém-formados, constituirá um dos fatores mais importantes na modificação dos costumes e hábitos, com o consequente aumento do controle dos impulsos individuais. Enquanto modificação da estrutura de personalidade dos indivíduos, o aumento no nível de controle dos impulsos individuais pode ser explicitado pelo controle exercido pelo Estado sobre o indivíduo, através de suas leis, ou também pelo controle exercido por outros indivíduos dentro do convívio social, ou ainda, o controle exercido pelo próprio indivíduo sobre si mesmo, o chamado autocontrole. O autocontrole é o código social de conduta, gravado tão fortemente no indivíduo que torna-se um elemento constituinte do próprio, agindo até quando o indivíduo encontra-se sozinho. Já fazendo uso das descobertas de Freud (Cf. Elias, 1994, p. 263), Elias identifica esse elemento como superego, o qual acompanha constantemente as transformações sofridas pela estrutura social e pela própria estrutura de personalidade do indivíduo. A força adquirida em nossa sociedade pela instalação do superego no indivíduo, e sua explicitação na forma de autocontrole, “são reflexo de um desenvolvimento histórico particular, são resultado de um processo civilizador” (Elias, 1994, p. 189). Progressivamente, a mudança na forma das qualquer um antes dele, as interdependências decorrentes da divisão de trabalho na produção dos meios das relações humanas acarretará uma mudança mais importante, o aumento da “compulsão de policiar o próprio comportamento”, ou seja, o aumento da importância do controle do indivíduo sobre os seus próprios atos sociais, o autocontrole, em detrimento das outras formas de controle social. (BRANDÃO, 2001, p.108).

Elias destacou o processo de monopólio da violência por parte do Estado e a reorganização psíquica que esse movimento carrega. Os indivíduos eram agora impelidos a controlar uma série de determinados comportamentos e assegurar que tanto um como os outros agissem de maneiras delimitadas, previsíveis. Os mecanismos de controle, tanto dos modos de relação, como da violência, estariam então intimamente ligados com o autocontrole psíquico dos indivíduos que compõem essa sociedade. Aqui vemos a influência direta da elaboração do conceito de superego de Freud na obra de Elias. E aqui poderíamos retornar à questão do mal-estar como produto dessa contínua sublimação e controle, com uma atualização contextual. O descompasso contido na promessa de realização individual na cultura e as limitações que ela mesmo fornece, segue se afirmando, mudando as sociedades.

Quase 100 anos depois da obra de Freud (publicada em 1930), poderíamos extrair o que se configuraria como mal-estar? Dunker tenta pensar a partir de uma reorganização social que o Brasil estaria vivendo nos últimos vinte anos.

Deixamos de nos pensar a partir de divisões como campo ou cidade, desenvolvimento e subdesenvolvimento, nacional e estrangeiro, e passamos a tematizar nossas divisões internas em termos da distribuição de recursos ou renda e de acesso a bens simbólicos como saúde, justiça e educação. O deslocamento social da relá para a pobreza, da pobreza para a classe média, bem como da classe média para cima e para baixo tornou-se real. Isso produziu uma modificação estrutural do mal-estar. O mal-estar é uma noção intuitivamente acessível, mas difícil de conceitualizar. Todos nós já passamos por aquela situação na qual o que deveria ter

ficado tácito e pressuposto vem à tona, revelando um desencontro de expectativas e rasgando o semblante de nossa representação social. Algo análogo teria acontecido nesta nova configuração do mal-estar quando ficou claro que alguma coisa havia se rompido nos pactos que formaram a brasilidade até então. **Há um descompasso entre a transformação e a nomeação da transformação. O mal-estar é a experiência desta zona de indeterminação, anomia e contingência que acompanha toda transformação, mas também todo fracasso transformativo;** por isso seu afeto fundamental foi pensado por Freud como sendo a angústia e suas variações mais próximas: sentimentos de culpa, desamparo e ansiedade expectante. (DUNKER, 2015, p. 242-243, grifos nossos).

Como pudemos acompanhar nas partes anteriores deste trabalho, um dos elementos dessa referida crise da democracia se daria também numa chave da quebra de expectativas, da incapacidade dos governantes cumprirem com as agendas de bem-estar, com a crise de representação e de credibilidade do sistema político. Em meio a tudo isso, a concretização de pautas dos movimentos feministas e LGBTQIA + em políticas públicas, estremecendo a ordem familiar cristã secular do Brasil, demonstrando que uma transformação dessas configurações estava em andamento – logo, precisaria ser barrada e combatida.

O pacto social que a constituição democrática havia fundado, onde se estabelecia uma certa noção de igualdade entre todos, parece se romper aos olhos daqueles que acreditam que as “os políticos do establishment, alegam, têm um fetiche equivocado pela diversidade” (YASCHA, 2019, p. 23). Como chegamos a observar inclusive em uma das matérias da Folha de S.Paulo, onde alguns eleitores de Bolsonaro são entrevistados, o que se acredita é que existe um favorecimento a esses setores frente aos homens comuns – mesmo que isso não se comprove na prática. Essa sensação violaria esse pacto, gerando uma espécie de ressentimento.

E como aponta Dunker (2015), o ressentimento não seria aquela pessoa que está incomodada por perder, mas por acreditar que o próprio jogo é injusto, estando convicto que o outro tem mais poderes do que realmente tem, sendo necessário então modificar a configuração onde essa operação se torna possível. O ressentimento seria uma das expressões desse mal-estar. Um outro poderia ser compreendido a partir da ideia de *objeto intrusivo*, que segundo ele, seria a causa de um sofrimento que se configura a partir da noção de que alguém está em um território que me é próprio, que algo ou alguém está desequilibrando uma certa suporta harmonia, colocando em risco nossa existência – o que explicaria, para o autor, a emergência da homofobia, por exemplo.

Junto a isso, o componente da instabilidade econômica como efeito da crise financeira que seguia seu curso desde 2008 e com a instauração da operação Lava-jato, que

destacava o aspecto de corrupção do sistema, geraram um terreno sólido para o enfrentamento às democracias e também iluminaram os flancos que esta batalha poderia ser empreendida: o combate ao sistema e à todos que gozam da possibilidade aberta da democracia – como as chamadas “minorias”. Yascha (2019, p. 31) nos diz:

A estabilidade pregressa da democracia terá sido criada por condições que não existem mais? A resposta pode ser sim. [...] durante o período de estabilidade democrática, a maioria dos cidadãos gozou de rápida melhora de seu padrão de vida. De 1935 a 1960, por exemplo, a renda de uma família americana típica dobrou. De 1960 a 1985 voltou a dobrar. Desde então estagnou. [...] Conforme os cidadãos ficaram cada vez mais ansiosos com o futuro, passaram a ver a política como um jogo de soma zero – um jogo em que todo ganho para imigrantes ou minorias será obtido à sua custa.

A reação contra as pautas e movimentos feministas e LGBTQIA+ se dá, então, nessa esteira que soma um certo nível de delírio coletivo proporcionado pela experiência religiosa, pelo ressentimento da quebra do pacto que designava a igualdade de todos quando as pautas destes movimentos são incorporadas ao governo, e pela ansiedade e insegurança em relação ao futuro, já que a aparente curva crescente de melhoria de vida estacionou.

Embora interpretada como uma reação aos movimentos progressistas, a ideologia antigênero é impulsionada por um desejo mais forte, qual seja, a restauração de uma sonhada ordem patriarcal em que um pai é um pai; uma identidade sexuada nunca muda; as mulheres, consideradas ‘mulheres desde o nascimento’ retomam suas posições naturais e ‘morais’ dentro do lar; e a população branca detém uma supremacia racial incontestada. O projeto, no entanto, é frágil, uma vez que a ordem patriarcal que ele procura restaurar nunca existiu da forma que se busca efetivar no presente. ‘Gênero’, aqui, é um cenário psicossocial, uma forma pública de sonhar, pois o passado que proponentes antigênero procuram restaurar é um sonho, um desejo, até mesmo uma fantasia, que irá restabelecer uma ordem fundada na autoridade patriarcal. O recrutamento para o movimento contra a ideologia de gênero é um convite a se juntar a um sonho coletivo, talvez uma psicose coletiva, que acabará com o medo e a ansiedade implacáveis que afligem tantas das pessoas que vivenciam a destruição climática em primeira mão, ou a violência generalizada e a guerra brutal, a expansão dos poderes policiais ou a intensificação da precariedade econômica. (BUTLER, 2024, p. 20).

#### 4.1 A práxis da socioanálise

Um dos desafios desse trabalho é tentar explorar as aproximações entre a sociologia e a psicanálise frente ao fenômeno de ascensão de Jair Bolsonaro à presidência. Embora vários sociólogos já tenham sido citados e trabalhados, gostaria que nos detivéssemos de maneira mais sobressalente alguns conceitos-chaves de Pierre Bourdieu que parecem

oferecer uma leitura ainda mais refinada e talvez aproximada sobre os elementos acumulados ao longo desta escrita.

Bourdieu, embora seja conhecido por ser um dos maiores sociólogos do século XX, tem como formação original a filosofia, seguindo depois para a antropologia estrutural. É a partir da experiência que ele tem na Argélia<sup>97</sup> que ele começaria a desenvolver seus conceitos mais famosos na sociologia, como o de *habitus*. Essa “pré-história” do percurso do Bourdieu é importante, se levarmos em consideração sua perspectiva de teórico da própria teoria – que estaria intimamente ligada à uma de suas últimas produções, *Esboço de auto-análise* (2005). Foi observando a experiência prática de mudança na sociedade argelina que ele pôde desenvolver a ideia que nos parece ser útil para efeito de histerese, como podemos observar no trecho do seu livro *An invitation to reflexive sociology* escrito junto com Wacquant (1992, p. 124-125):

A situação que observei na Argélia, em que camponeses dotados de um *habitus* pré-capitalista foram subitamente desenraizados e lançados num cosmos capitalista [...] é uma ilustração [da histerese]. Outro exemplo é dado pelas conjunturas históricas de natureza revolucionária em que as mudanças nas estruturas objetivas são tão rápidas que os agentes cujas estruturas mentais foram moldadas por essas estruturas anteriores tornam-se obsoletos e agem importunamente (à contratempo) e com propósitos contrários; pensem no vazio, por assim dizer, à maneira daqueles idosos de quem podemos justamente dizer que estão ‘fora de sincronia’. Em suma, a dialética contínua de esperanças subjetivas e oportunidades objetivas, que está em ação em todo o mundo social, pode produzir uma variedade de resultados que vão desde o ajuste mútuo perfeito (quando as pessoas passam a desejar aquilo a que estão objetivamente destinadas) até a disjunção radical”. (Tradução livre).

O *habitus* a qual Bourdieu se refere serve como uma espécie de mecanismo de reprodução, uma série de valores, concepções e formas de ver e agir no mundo que estão inculcados dentro de um contingente de pessoas dentro de uma sociedade ou de um campo específico (a religião, a academia, a política). Uma série de regras internalizadas de maneira não consciente que ordenam e designam as formas de conduta, estabelecendo o que pode ou não ser feito ou realizado pelos agentes, reduzindo ou limitando o horizonte de transformação possível.

Essa noção ter surgido a partir daquelas primeiras experiências de campo na Argélia nos serve como um bom exemplo: o que Bourdieu estava observando era a mudança de uma sociedade que estava sendo colonizada e que seus integrantes estavam sendo empurrados para assumirem um novo *habitus*, vinculados às normas de conduta dos

---

<sup>97</sup> Bourdieu vai à Argélia pela primeira vez devido ao serviço militar obrigatório, em 1955, mas depois retorna como professor na Universidade de Argel, em 1957.

colonizadores. Embora a palavra “*habitus*” suscite de forma mais direta a ideia de hábito, na teoria de Bourdieu ela está mais associada ao hábito do monge, um tipo de vestimenta própria que se usa e que designa, para você e para a sociedade, sua posição e ação. Assim, o que estaria acontecendo na Argélia e o que aconteceria em outros momentos de tensão política, como ele aponta no trecho, seriam momentos em que se pode visualizar o contato, embate ou divergência entre *habitus* diferentes em um mesmo campo.

Após seu retorno à França, Bourdieu se dedicou a estudar e tentar compreender, a partir de uma investigação bastante aprofundada sobre a educação, como o *habitus* era um elemento fortemente arraigado nos agentes sociais. Uma de suas famosas questões era: se o acesso ao ensino em Paris é universal, e existe uma ideia dentro do senso comum de que a educação seria um mecanismo de ascensão social, porque as divisões de classe pareciam permanecer intactas?

Juntamente com Jean-Claude Passeron, outro renomado sociólogo francês, Bourdieu começaria a investigar o modelo educacional francês, seguindo em boa parte da sua obra na exploração desse objeto para falar sobre esse mecanismo de reprodução que se configuraria como capitais simbólicos, através de *habitus* disseminados em determinados campos. Embora, na prática, uma pessoa muito pobre possa ter sua vida modificada pela trajetória escolar, para Bourdieu essa não é a regra, mas a exceção – sendo ele mesmo um exemplo disso. Esse ponto é crucial, pois a sua experiência de vida, em que ele trata no *Esboço de auto-análise* (2005), não está ali apenas para descrever os passos de sua trajetória, mas como um reforço que ele mesmo faz para registrar o que ele chamava de **sociologia reflexiva**.

Essa elaboração forneceria uma **política de socioanálise**, uma práxis que demonstraria que o conhecimento adquirido a partir do rompimento aparentemente ontológico entre as condições materiais e subjetivas, entre campo e *habitus*, pode ser uma ferramenta de desnaturalização do mundo social, propiciando uma postura ética de mudança. A socioanálise seria, então, não apenas um conhecimento que se extrai de estudos dos objetos no mundo social, mas dos determinismos sociais que moldam a subjetividade individual. Gabriel Peters (2021), professor do departamento de Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco, escreve na página de divulgação do Laboratório de Estudos de Teoria e Mudança Social, do mesmo departamento, que:

Se a ideia de que a sociologia reflexiva pode contribuir para uma política da transformação do mundo social está bem assentada, menos notada na obra de Bourdieu é a sugestão correlata de que ela pode funcionar como uma ferramenta

ética de *autotransformação*. Ainda que os paralelos entre os retratos do agente humano oriundos da teoria da prática e da psicanálise não devam ser exagerados, não há dúvida que a noção de “socioanálise” cunhada por Bourdieu alude deliberadamente ao projeto intelectual de Freud. Em ambos os casos, temos uma visão inicial da subjetividade humana como governada, em larga medida, por forças interiores a respeito das quais ela própria não possui uma consciência nítida e, portanto, um domínio racional. Segundo a sociologia reflexiva de Bourdieu e a psicanálise de Freud, o primeiro passo para a conquista de uma margem de liberdade em relação a tais determinismos inconscientes é a expansão da consciência para os seus domínios. O ganho de autoconsciência, nas duas perspectivas, não pode advir da mera introspecção, mas dos instrumentos intelectuais propiciados por uma visão científica da subjetividade humana. Na sua luta contra os sofrimentos psíquicos enfrentados por seus pacientes, Freud elegeu como lema fundamental da terapia psicanalítica o princípio: “onde havia id, que passe a haver ego” (*Wo Es war, soll Ich Werden*). Conforme o fundador da psicanálise, quanto menor o acesso do ego consciente aos impulsos inconscientes em operação na subjetividade, mais o indivíduo é escravo e juguete de tais impulsos que ele não compreende nem controla. A capacidade de exercer um controle racional sobre a própria conduta depende, nesse sentido, do acesso consciente a esses impulsos que até então controlavam o indivíduo à margem de sua vontade e conhecimento.

A concepção de liberdade como autodomínio racional em Freud, assim como em Bourdieu, deriva de um racionalismo *ético* que, ao mesmo tempo, não mantém ilusões quanto aos formidáveis obstáculos que se opõem à autoconsciência e à autodeterminação. O “inconsciente” perseguido por Bourdieu, no entanto, é distinto daquele esquadrihado por Freud. Recorrendo frequentemente à afirmação de Durkheim segundo a qual “o verdadeiro inconsciente é a história”, a teoria do *habitus* introduziria o adendo: “a história feita corpo”. A autoanálise informada pelo pensamento de Bourdieu se dirige às disposições mentais e corpóreas mais profundamente interiorizadas por uma subjetividade ao longo de sua trajetória de socialização. Na medida em que tal interiorização é muito anterior ao acesso à reflexividade sociológica, o autoanalista é obrigado a reconhecer que, pelo menos inicialmente, não é ele quem “possui” seu *habitus*, mas é o seu *habitus* que o possui. Em diversos momentos, Bourdieu não teve reboços em repisar o quanto tal modo de análise é desencantador, pois não nos pinta como seres dotados de um “núcleo” irredutível ao mundo, mas como criaturas moldadas nos seus domínios mais íntimos por condicionamentos sociais. Segundo sua teoria da socialização, como vimos, tais condicionamentos derivam de condições sócio-históricas de início exteriores a nós, mas, então, interiorizadas nas nossas próprias subjetividades.

De acordo com Bourdieu, no entanto, na medida em que os determinismos sociais não são leis da natureza, reconhecer as forças que agem sobre nós é adquirir um instrumento cognitivo e prático para dominar tais forças.”<sup>98</sup>

O efeito de histerese apareceria depois na obra de Bourdieu, em *Homo Academicus* (1988), onde ele sugere que um dos gatilhos das manifestações estudantis iniciais que culminariam no grande movimento de maio de 68 surge justamente da decepção objetiva frente à esperança subjetiva: uma massa de estudantes que estariam percebendo que todos os seus esforços em se qualificar academicamente e a conquista de um diploma, não lhe garantiam vagas de empregos condizentes com esse processo – muitas vezes, não garantiam qualquer emprego.

<sup>98</sup>Disponível em: <https://blogdolabemus.com/2021/09/09/bourdieu-em-pilulas-10-a-politica-da-socioanalise/>. Acesso em 13 ago. 2023.

Ali estavam então um número considerável de estudantes que agiam dentro de uma determinada ordem de um campo, e que a partir da experiência de uma quebra dos anseios e expectativas passam a agir de outro, demonstra a desnaturalização do *habitus*. Esse efeito de histerese, então, poderia ser designado como um dispositivo que aponta para a possibilidade real de quebra entre a aparente conjunção ontológica entre *habitus* e campo.

Poderíamos pensar, então, que o que estamos pontuando em diversos momentos desse trabalho de “ameaça da ideologia de gênero” ou “ameaça do gênero” está ligada ao ponto de conflito entre o que os movimentos relacionados a essa posição possuem frente a sociedade em que estão inseridas. De um lado, enxergamos um sequencial (mesmo que pequeno) acúmulo de vitórias de pautas desses movimentos, ao serem atendidas pelos espaços institucionais e o desdobramento prático delas em políticas públicas.

Do outro, um sistema político que ao longo das décadas não dava eco para as questões relacionadas à políticas voltadas diretamente para mulheres, LGBTQIA+, negros. Curiosamente, a ascensão de Bolsonaro, um político pouco expressivo nacionalmente, que não possuía de início apoio de grandes figuras políticas ou do mercado, se deu em meio à sua defesa de manter um *habitus* que ainda figurava em boa parte da sociedade brasileira, com regras de condutas incompatíveis com essas tentativas de transformações.

O efeito de histerese nesse contexto poderia ser observado pela mudança de *habitus* dos sujeitos implicados na movimentação organizada por mudanças estruturais. Mulheres, gays, lésbicas, pessoas trans, negros e negras, fazem parte de segmentos que por diversas décadas tiveram um *habitus* interdito de ser questionado e reproduzido incessantemente. Este *habitus* ainda se reproduz: em cada declaração de que a mulher deve cuidar do lar, em afirmar que homens só podem casar com mulheres, ao combate às cotas raciais, e na assimilação positiva que mulheres, gays e negros ainda assumem dessas regras de conduta.

Na perspectiva da própria sociologia, seria interessante também pensar que observar essas mudanças a partir dessa ótica de desnaturalização do mundo social e de seus objetos clássicos (nesse caso, a política e a economia), propiciaria o reforço de uma sociologia reflexiva. E parece interessante também pensar que a questão da naturalização do mundo social e da cultural, em Bourdieu e em Freud, são pontos de partida em comum para apontar os mecanismos de reprodução social e mental. E que é no conflito que se gera entre a objetividade e a subjetividade que parece emergir possibilidades de mudanças.

## 4.2 Uma perspectiva do não-todo

O desenvolvimento desse trabalho se deu na tentativa de sistematizar, por uma perspectiva de análise com categorias definidas, os acontecimentos políticos da última década, com o intuito de demonstrar o componente de gênero como central para a ascensão da figura de Jair Bolsonaro. No âmbito da análise sociológica, pudemos contar com a categoria de neoconservadorismo para auxiliar na observação dos agentes sociais engajados nesse processo.

Na esfera das reflexões sobre gênero, nos detivemos sobre como a autora Judith Butler o explorou no seu mais recente livro – que não tem paralelo com o modo como ela veio desenvolvendo as críticas filosóficas ao conceito, mas os usos políticos do que veio a se chamar “ideologia de gênero”. Como gancho, avançamos um pouco no terreno da psicanálise a partir do sentido de fantasia que a mesma se apropria para densificar sua análise. No entanto, aqui nos interessa ainda avançar na elaboração sobre a mulher e o feminino em psicanálise, com a finalidade de refletirmos como essa área poderia fornecer reflexões auxiliares ao cenário posto.

Já exploramos anteriormente como as categorias de “homem” e “mulher” são contingenciais para a psicanálise, ou seja, não-ontológicas. Nosso intuito é avançar para “masculino” e “feminino”, especialmente como trabalhadas nas produções de Sigmund Freud e Jacques Lacan. Para Freud, feminino e masculino está conectado ao destino das pulsões, a própria regulação do funcionamento psíquico (MAURANO; SOUZA, 2023, p. 19).

Embora exista uma vasta produção feminista apontando equívocos, naturalizações e esquemas freudianos que fortaleceriam a ideia de que as mulheres seriam inferiores aos homens (como a ideia de que a masculinidade é ativa e a feminilidade passiva), Freud operou um significativo avanço nesse tema em suas últimas elaborações.<sup>99</sup> Depois de três décadas nas quais suas formulações pareciam dar pequenos passos na direção de desvincular a primazia do pênis e da posição masculina, em 1933 na conferência intitulada “Feminilidade”, ele afirma

---

<sup>99</sup>Não foi apenas em Lacan que o falo foi destronado de seu aspecto biológico. “O pivô de toda essa querela em torno do monismo fálica deve-se ao fato de o falo ter sido tomado como equivalente ao pênis, confusão que pode ter sido alimentada pelos primeiros textos de Freud em que a referência ao pênis era recorrente. No entanto, é preciso despreender a sutileza do deslocamento operado por Freud em 1923 quando diz que 'não é uma primazia dos órgãos genitais, mas uma primazia do falo' o que ele coloca como ponto central em suas formulações (FREUD, 1923, p.158). A partir do reconhecimento da diferença, que é consequência mesmo do desenvolvimento da linguagem, já que as palavras diferenciam as coisas, inclusive para substituí-las; a observação credita imaginariamente à presença do pênis um valor de diferenciador ao qual a cultura veio agregar sentidos valorativos dos mais pertinentes aos mais equivocados.” (FREUD, 2010, p.74).

que “só existe uma libido, que está à serviço tanto da função sexual masculina quanto da feminina. A ela própria não podemos atribuir nenhum sexo.”

Jacques Lacan, que tomaria desde o início a tarefa de retornar à Freud e seus escritos, tentaria algumas vezes durante o seu percurso, tratar sobre o tema do falo em uma perspectiva de significante – ou seja, conectado à linguagem. No texto “A significação do falo”, contido nos *Escritos* (1998), Lacan inicia indicando que existiriam “sequelas” resultantes do complexo da castração (tanto no homem como na mulher), e que a tentativa de compreensão dessas consequências não poderiam de forma alguma serem perseguidas em qualquer redução biológica.

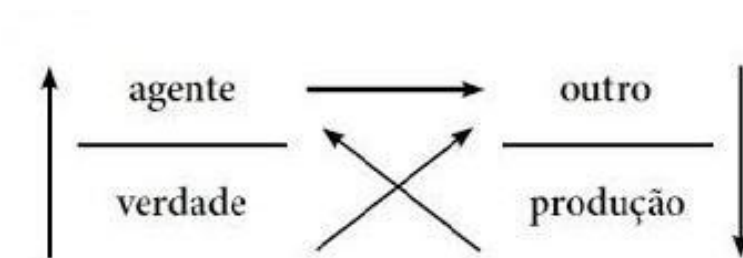
O falo é, portanto, o significante que falta no campo do Outro, para que o sujeito resgate a unidade do seu ser, outrora empenhada no acesso à fala. Lacan o definiu como significante do desejo (do Outro), aquele que completaria a bateria significante, garantindo a consistência do desejo: ‘aí se assina a conjunção do desejo, dado que o significante fático é sua marca, com a ameaça ou a nostalgia do falta-a-ser’. (LACAN, 1958a/1998, p.701 *apud* LEÃO, 2010, p.114).

A noção de falo como significante da falta passaria a sustentar o modo o desejo estrutura a relação sexual, que nos será útil mais a frente. Aqui nos interessa perceber que a elaboração acerca do falo está mais ligada às trocas no plano simbólico do que à uma naturalização do biológico, como na ilustração interessante que Dunker faz<sup>100</sup> ao dizer que o falo seria como o dinheiro papel, algo que possui uma materialidade sem conter o valor efetivo do que representa, funcionando como um meio para as nossas trocas. Mais a frente, no momento de seu ensino a partir da década de 1970, Lacan avançaria um pouco mais nessas questões, mas para isso precisaríamos entender melhor a questão do “homem” e “mulher” no desenvolvimento dessa teoria.

A partir dos seminários 16 e 17, Lacan começa a revisitar e revisar algumas de suas formulações acerca das pulsões – que antes ainda se detinha em um estado corporificado, para uma noção de operador do laço social. Nesse momento, o ensino de Lacan sustentará a noção do que se nomearia discursos. Cada um dos quatro discursos descritos (Mestre, Universitário, Histórica e Analista) possuem, em si, quatro posições (figura 3), onde o semblante se constrói na posição acima e à esquerda, sobre a verdade, em relação com o outro, de onde algo se produz.

<sup>100</sup> Disponível em: [https://youtu.be/N\\_GAiKm2Bcw?si=-IHnBZwv7YInGj\\_A](https://youtu.be/N_GAiKm2Bcw?si=-IHnBZwv7YInGj_A). Acesso em: 22 jun. 2024.

Figura 4 - Lugares de Discurso



Fonte: LACAN, 1992.

Para os fins deste trabalho, não se faz necessário adentrarmos propriamente em cada um dos discursos, mas de se apropriar da dinâmica que um discurso implica a partir dessas posições propostas por Lacan. O semblante ocuparia, nesse caso, a posição onde se encontra o “agente”, um lugar onde se individualiza o discurso. Embora o local do agente tenha tomado contornos próprios nos discursos propostos por ele, estes se dão para fins de práxis clínica. Seria no movimento dos discursos que um psicanalista poderia conduzir a direção do tratamento.

Para nós, o que importa é que o local do agente exprime sempre um semblante, uma espécie de aparência do enunciador. Ora, se para a psicanálise, homens e mulheres enquanto gênero são contingenciais, o que importaria para a psicanálise enquanto método clínico seriam as posições de discurso em cada sujeito opera. No entanto, isso não exclui o fato de que na relação das trocas, no laço social, cada sujeito encarna ou sustenta um semblante pelo qual é visto e por onde endereça, sempre em relação com um outro (LACAN, 1009).<sup>101</sup>

Esta noção nos é importante porque admitira a ideia de que, à priori, “homem” e “mulher” poderiam ser tomados como semblantes. Essa ficção, novamente, não designa que não há lastro material para tal criação. São nas manifestações culturais que se sustentam o que seria “homem” e “mulher” – ou seja, os semblantes denotam o que aparece em um determinado laço social. A título de ilustração, mais uma vez podemos recorrer à um paralelo com a obra de Marx – já que o próprio Lacan (2009) o faz:

A dimensão do semblante foi introduzida pelo engano fundamental denunciado como tal pela subversão marxista na teoria do conhecimento, numa certa tradição que atingiu seu auge com o discurso hegeliano, ao passo que, correlativamente, instaurou-se um semblante em função do peso e da medida, se assim posso dizer, a serem tomados como moeda sonante. Não é à toa que emprego essas metáforas,

<sup>101</sup>O Seminário, livro 18: De um discurso que não fosse semblante.

visto que é em torno do dinheiro, em torno do capital como tal, que gira o eixo da denúncia que faz residir no fetiche esse não-sei-quê que tem que ser repostado em seu lugar por uma reviravolta do pensamento, na medida em que é, muito precisamente, semblante. A singularidade desta observação é a conta certa para nos fazer perceber isso. Nessa denúncia se enuncia algo que se coloca como verdade. Em nome dessa verdade, emerge, promove-se a mais-valia, como sendo a mola do que era sustentado até então por um certo número de desconhecimentos deliberados e que tem que ser reduzido a seu semblante. (p.153-154).

Como Lacan mesmo assinala, Marx teria sido o responsável pela ideia de sintoma antes de Freud justamente por desvendar dentro do sistema de produção, a célula básica que faria semblante para a produção de mais-valia – um semblante em função “do peso e da medida”, a mercadoria. Lacan, no entanto, faz uma advertência que nos é útil: “Mas não basta – assinalei eu e a história o demonstra – que se produza essa irrupção de verdade para que o que se sustenta nesse discurso denunciado seja derrubado” (LACAN, 2009. p 154).

Da mesma forma que o fato de Marx ter identificado essa operação no modo de produção, e que a denúncia da consequente exploração que se gera seja afirmada pelos agitadores políticos, não faz com que o capitalismo seja derrubado, as noções de “homem” e “mulher” na sociedade não desapareceriam por completo porque a filosofia, a psicanálise ou os feminismos apontam os limites, fragilidades ou aspectos de performance que constituem essas identidades no laço social.

Como efeitos de discurso, Lacan chegaria à conclusão que a dialética entre verdade e semblante residiria no termo “relação sexual” (2009, p.154) e que o resultado dessa análise dialética demonstraria que, em suma, “não há relação sexual”, justamente por esses semblantes serem efeitos de linguagem, não possibilitando um encaixe perfeito, onde dois fariam UM. Para isso, avançamos em outra elaboração lacaniana, referente a tábua de sexuação, onde poderemos observar os semblantes, as formas de gozo e as fantasias.

A tábua de sexuação (figura 04) é desenhada por Lacan nos seminários 19 e 20, em um esquema onde encontraremos os lados “homem” e “mulher” (semblantes). Importante sublinhar novamente que esses “lugares” são efeitos de linguagem, não podendo ser considerado condições biológicas. Esses efeitos que constituem os semblantes, que por sua vez se precipitam no laço social que vivemos, constituiriam modalidades de gozos diferentes, tendo do lado do “homem” o gozo masculino, gozo fálico.

Essa modalidade de gozo só seria possível por que o conjunto “homem” se constituiria a partir da exceção mítica, o chamado “pai da horda primitiva”<sup>102</sup>, aquele homem que em algum momento teria gozado de todas as mulheres e que teria escapado à castração.

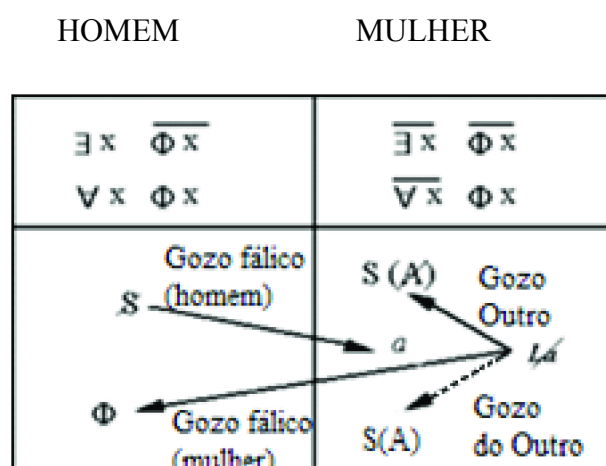
---

<sup>102</sup>FREUD, 1974.

Do lado do semblante “mulher”, se observaria que haveria não uma, mas duas modalidades de gozo: um também fálico e o gozo feminino (também chamado de gozo outro). A diferença dessa definição se dá em uma noção do que Lacan chamaria de lógica “não-toda”, pelo fato de não existir um conjunto natural de mulheres que se organizariam por uma mítica própria como categoria universal.

Daí seu famoso e polêmico aforisma de que “A mulher não existe”, não negando a existência das mulheres, mas pontuando que cada mulher é singular em sua existência. A posição de sujeito masculina tomaria a mulher por objeto causador do desejo, porém a mulher não tomaria o homem no lugar de sujeito, mas no lugar do falo – “A relação sexual não existe” -, restando ainda um gozo estritamente feminino, que dispensaria a lógica fálica para obtenção de satisfação.

Figura 5 - Tábua de Sexuação



Fonte: LACAN, 2008.

Esse brevíssimo resumo de uma das partes mais complexas do ensino de Jacques Lacan nos serve não como uma tentativa de psicanalisar as pessoas envolvidas no fenômeno, como Bolsonaro, Haddad, Maria do Rosário, Manuela D’Ávila ou quem quer que seja. Esse condensado teórico faz emergir a noção da posição onde se realiza um gozo não sexual, uma satisfação que comporta uma lógica não-toda, que suportaria a castração, a falta, que admitira a impossibilidade de nos fazermos UM – o gozo feminino.

Caso nos dispuséssemos a propiciar uma perspectiva do não-todo como um elemento dentro das análises do fenômeno da ascensão de Bolsonaro como figura

organizadora de uma sintaxe de fantasia, poderíamos pensar o semblante “mulher” como portador desse local feminino. Nos atendo ao fato de que as mulheres se realizam em sua singularidade, não formando conjuntos naturais, o laço social expressaria uma condição do ser mulher que estaria em chave aberta de transformação – objetivando a possibilidade de suportar jeitos de ser no mundo que não se guiassem por uma lógica propriamente fálica.

Se a posição fálica se estabelece pela relação com a castração, na tentativa do Sujeito de restituir algo que lhe falta (ambos homens e mulheres podem seguir nessa direção), a posição do feminino existente no lado do semblante “mulher” (ou seja, com aquele sujeito que suporta e sustenta essa posição de agente) permite a possibilidade de lidar com uma posição castrada, podendo então encontrar uma posição que comporte a possibilidade da não completude, de se permitir um Sujeito faltoso, não-todo.

No livro *A saga do feminino na psicanálise*, as autoras Joana Souza e Denise Maurano tentam investigar, sob a luz da psicanálise, por que as mulheres seriam alvos de violências pelo fato de serem mulheres (a exemplo do feminicídio). Na tentativa de enxergar como a psicanálise poderia auxiliar no entendimento desse fenômeno, as autoras sustentam que:

[...] essa violência extrapola a dimensão mais evidente do universo da mulher, alcançando também uma camada da sociedade que se alinha com algo relativo ao feminino. Incluem-se aí as chamadas minorias e, portanto, também os negros, os indígenas, a população LGBTQIA+ e toda uma lista de desprivilegiados no modus operandis de nossa sociedade. (SOUZA; MAURANO, 2023, p. 20).

A sugestão das autoras se arvora no entendimento que esses segmentos ditos “minorias”, que há décadas lutam por direitos e reparações em uma sociedade que deveria permitir formas diversas de se colocar no mundo, de desejar, de construir discurso, estariam em uma posição relativa ao feminino pois estes já viveriam em uma lógica de despossuídos do falo. O que estes segmentos propõem, essa possibilidade de diversidade amparada pelo Estado, causaria uma descentralização do falo como elemento organizador dentro de um laço social?

Será que a barbárie que se instala na cultura, não seria a expressão da barbárie também presente nas subjetividades, como um dado da estrutura psíquica? A democracia, à semelhança do feminino, parece evocar o horror nos adeptos do conservadorismo, os intitulados 'cidadãos de bem'. Se o fascismo abomina a democracia é porque talvez ela, de algum modo, pode ser identificada com o feminino(SOUZA; MAURANO, 2023, p. 22).

Aqui, mais uma vez parece conter um indício de que a característica da pluralidade, da diversidade, das possibilidades de um conjunto em aberto, que só podem ser

reivindicadas e conquistadas dentro de um sistema que possibilite igualmente uma pluralidade de pensamentos e posições, dariam até mesmo à Democracia um caráter feminino – logo, a ser combatido.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória e a eleição de Jair Bolsonaro atraiu e atrai uma gama enorme de pesquisadores, que tentam analisar por diversas óticas e a partir de diferentes suportes teóricos, os motivos que explicariam a sua ascensão. Em pleno século XXI, era de fato de se admirar que uma figura pública que se expressasse de maneiras tão vulgares e violentas encontrasse tanto eco no seio de uma sociedade que tentava avançar nos direitos e redução de desigualdades. A relação entre o que vem se avaliando como crise das democracias, o surgimento e fortalecimento de figuras autoritárias em diversos países e a agenda contra as pautas e movimentos feministas e LGBTQIA + parece ser um quadrante importante neste ‘retrato’ conjuntural.

O componente de gênero, tanto quanto estabelecido como uma ameaça, mas também nas expressões mais significativas de negação da figura do então presidenciável, pode nos demonstrar indícios de que o conflito entre o autoritarismo e a democracia encontra nesse componente suas possibilidades de fortalecimento. Não à toa que, por parte dos grupos religiosos alinhados com o bolsonarismo, a principal agenda tanto na esfera civil como na institucional, o combate aos avanços políticos e culturais dos segmentos que eles observam como alinhados com a “ideologia de gênero”.

Exatamente no dia do primeiro turno das eleições de 2018, o jornal Folha de S. Paulo publicou uma matéria que dizia que “Bolsonaro é onipresente em igreja de esposa e culto de ‘cabra-machos’”.

[...] Exclua a repórter e a moça que vendia camisetas da igreja, ali estão ‘5.000 homens cabra-macho, macho-homem, porque tem macho e fêmea, o resto é arranjo’, como diz Malafaia no púlpito, uma das várias tiradas que fazem dele um pária das causas progressistas.

Pesquisas Datafolha apontam que metade dos evangélicos optariam por Bolsonaro neste pleito, considerando só os votos válidos. Em quatro igrejas que a **Folha** visitou no Rio, camisetas com o rosto do candidato eram o segundo item mais popular, depois da Bíblia.

‘Meu partido é o Brasil’, diz no púlpito, neste domingo (7) de eleição, o pastor Josué Valandro Jr. Palavras associadas à campanha bolsonarista e que também estampam camisetas verde-amarelas de fiéis, com borrões vermelhos para simular a facada que o capitão reformado levou.

[...] Deputado reeleito com a bênção (e a reboque da popularidade virtual) de Malafaia, Sóstenes Cavalcante (DEM-RJ) não tem dúvida: ‘O #EleNão acabou ajudando pra caramba’. Artistas que endossaram o protesto ‘são muito destoadas da dona de casa, do verdadeiro reflexo da mulher brasileira’, afirma.

‘A declaração sobre a filha, mesmo em tom de brincadeira, não foi recheada de felicidade”, diz sobre a palestra no clube Hebraica em que Bolsonaro culpou uma

‘fraquejada’ pela única filha mulher que teve, depois de quatro rapazes. Mas dos males o menor.

Um complemento ao raciocínio de Luiz Cláudio. Minutos antes, o fiel contava que as mulheres que conhece no Irajá, periferia carioca, ‘estão mais preocupadas se os filhos são ameaçados pela ideologia do gênero’, se o Joãozinho vai virar Mariazinha ‘na marra’.

Sóstenes, que é membro da bancada evangélica na Câmara, conta que participa de ‘mais de 500 grupos de direita’ no WhatsApp, e é deles que tira esta certeza: o PT está de parabéns, pois ‘conseguiu um feito que nem Jesus conseguiu, unir todos os evangélicos’.

Isso por ter dado destaque, sobretudo no governo Dilma, a questões de gênero. E, se em algum momento sonhou com o voto evangélico, o partido fez uma grande lambança ao escolher justo Fernando Haddad como seu presidenciável, segundo Malafaia.

‘Haddad foi o autor do kit gay, e aí nós deitamos e rolamos, jantamos o Haddad no mundo evangélico.’ Refere-se ao pacote encomendado em 2011 pelo Ministério da Educação, então sob guarda do petista, para orientar professores a combater a homofobia em sala de aula.

[...] Uma fiel chega e diz que vai da igreja direto para a zona eleitoral. ‘Adivinha em quem vou votar?’ Josué ri. ‘Acho que já sei’<sup>103</sup>.’”

A recorrente reafirmação da masculinidade, o apelo da violência, as insinuações de destruição do seu oponente – como dizer que iria metralhar os “petralhas” – e a negação de todas as outras possibilidades de sexualidade e gênero são uma grande marca de Jair Bolsonaro e sua campanha. Qual o símbolo mais feito por Bolsonaro e seus seguidores durante os anos de 2017 e 2018? Uma mão que simulava uma arma, rendendo episódios impactantes, como o de Bolsonaro ensinando uma criança a reproduzir tal gesto; e várias pessoas simulando armas durante uma “marcha com Jesus”.

Figura 6 - Jair Bolsonaro fazendo gesto de armas com as mãos



Fonte: Google Imagens, 2023.

Figura 7 - Jair Bolsonaro fazendo gesto de armas com as mãos



Fonte: Google Imagens, 2023.

Figura 8 - Jair Bolsonaro fazendo gesto de armas com a mão de uma criança



Fonte: Google Imagens, 2023.

Figura 9 - Jair Bolsonaro fazendo gesto de armas com as mãos ao lado de outras pessoas que sorriem



Fonte: Google Imagens, 2023.

A procura pelo poder fálico, que nos entregaria algo que nos falta e que nos completaria, nos tornaria seres superiores, pode se dar de diferentes formas. A detenção, mesmo que simbólica, de uma arma, indica o teor de violência que a campanha de Bolsonaro imprimia, mas poderia também indicar a necessidade de deter algum símbolo de poder que escamoteasse a inabilidade política que o autoritarismo empreende?

Os apontamentos acerca da mobilização das questões sexuais e de gênero são contundentes, tanto na atual produção filosófica e sociológica, como também expressa no apanhado jornalístico trabalhado nesse projeto. O surgimento da conexão entre psicanálise e esse contexto também se demonstra pelo uso que diversos autores e colunistas fazem a partir das elaborações de Freud. Há conexões suficientes, aparentemente, para afirmar que a psicanálise se encontra também no meio das possibilidades de compreensão do fenômeno.

O intuito de trazer os elementos acerca do mal-estar e do feminino não são tentativas de encaixar a realidade ou determinados sujeitos em um setting analítico e dali extrair qualquer diagnóstico clínico. A reflexão sobre uma perspectiva do não-todo poderia se aliar a tantos outros vieses na tentativa dessa compreensão. Se o falo e obtenção de um prazer fálico diz respeito à tentativa de restituição do Sujeito e, como Lacan nos aponta, é possível existir um outro tipo de gozo que não se encontra nesse registro, os laços sociais onde os semblantes que se associam à esses gozos poderiam expressar tal (mudança de) posição.

A famosa frase de efeito da segunda onda do feminismo, “O futuro é mulher”, é estimulante no sentido de abrir diversos tipos de interpretação. Não poderíamos aqui ter

qualquer condição de sustentar essa afirmação de forma ampla. Mas se levarmos em consideração uma noção de democracia que se coloca como um espaço de pluralidade e diversidade, que sustenta uma narrativa a constituição de uma igualdade de direitos (e não uma igualdade entre seres) e que seria o espaço privilegiado da fala e do uso livre da palavra, como também de disputa e contradição, seria possível assinalar que essa poderia ser uma perspectiva não-toda.

Onde existem formas diferentes de ser e de se obter satisfação, é necessário sustentar a ideia de que não existe uma completude virtual de encaixe entre corpos e desejos. No meio da crise que as democracias se encontram e as respostas autoritárias que estão sendo dadas, não seria irreal encontrar em alguma manifestação a reescritura da famosa frase, lendo-se: “O futuro da democracia é mulher”.

## REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor. **Ensaio sobre psicologia social e psicanálise**. São Paulo: Editora UNESP, 2015.
- ADORNO, Theodor. **A teoria freudiana e o padrão da propaganda fascista**. São Paulo: Margem Esquerda, 2006.
- ALONSO, Ângela. **Treze: a política de rua de Lula a Dilma**. São Paulo: Companhia das Letras, 2023. p. 224.
- AMBRA, Pedro. **Cartografias da masculinidade**. São Paulo: Editora Cult, 2021.
- AMBRA, Pedro. **O que é um Homem?** Psicanálise e História da Masculinidade no Ocidente. São Paulo: Editora Zagodoni, 2022.
- ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2002.
- AVRITZER, Leonardo; KERCHE, Fábio; MARONA, Marjorie (org.). **Governo Bolsonaro: retrocesso democrático e degradação política**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2021.
- BARRETT, Lisa Feldman; BLISS-MOREAU, Eliza. She's emotional. **He's having a bad day**: Attributional explanations for emotion stereotypes. *Emotion*, Washington, v. 9, n. 5, p. 649–658, 2009. DOI: 10.1037/a0016821.
- BATISTA, Julio Cesar; PEREIRA, Athila; UDO, Guilherme (org.). **Histeria e gênero: sexo como desencontro**. São Paulo: nVersos Editora, 2021.
- BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BIROLI, Flávia; MACHADO, Maria das Dores Campos; VAGGIONE, Juan Marco. **Gênero, Neoconservadorismo e Democracia: disputas e retrocessos na América Latina**. São Paulo: Boitempo, 2020.
- BLEICHMAR, Eduardo. **Frequências do inconsciente: sexualidade, cultura, história**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. **Homo academicus**. Traduzido por Maria Lúcia Machado. São Paulo: Edusp, 1988.
- BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: Editora Unesp, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Vozes, 2019.
- BOURDIEU, Pierre; WACQUANT, Loïc. **An Invitation to Reflexive Sociology**. Chicago: University of Chicago Press, 1992. p. 124–125.

BOURDIEU, Pierre. **Esboço de auto-análise**. Tradução de Vera Ribeiro. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Modernidade, identidade e autocontrole: uma análise sociológica**. São Paulo: Cortez, 2001.

BUTLER, Judith. **Quem tem medo do gênero?** São Paulo: Boitempo, 2024.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, Judith. **Discurso de ódio: uma política do performativo**. São Paulo: Editora Unesp, 2021.

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa da assembleia**. Tradução de André Lepecki. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

CASARA, Rubens R. R. **Bolsonaro: o mito e o sintoma**. São Paulo: Editora Contracorrente, 2020.

CASTELLS, Manuel. **Ruptura: a crise da democracia liberal**. Tradução Joana Angélica d'Avila Melo. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

CERTEAU, Michel de. **História e psicanálise: entre ciência e ficção**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

COBERLLINI, Juliano; MOURA, Maurício. **A eleição disruptiva: por que Bolsonaro venceu**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2019.

COSSI, Rafael Kalaf; DUNKER, Christian Ingo Lenz. A diferença sexual de Butler a Lacan: gênero, espécie e família. In: COSSI, Rafael Kalaf (org.). **Faces do sexual: fronteiras entre gênero e inconsciente**. São Paulo: Aller Editora, 2019.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. **Mal-estar, sofrimento e sintoma: uma psicopatologia do Brasil entre muros**. São Paulo: Boitempo, 2015.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. **Lacan e a democracia: clínica e crítica em tempos sombrios**. São Paulo: Boitempo, 2022.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Tradução de Maria José Silveira. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

FREUD, Sigmund. **Amor, sexualidade, feminilidade**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2018.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. Tradução de Pedro Kugelmas. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. Trad. Pedro Kugelmas. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas**, vol. 21. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. O futuro de uma ilusão. Tradução de Pedro Kugelmas. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas**, vol. 18. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. **Psicologia das massas e análise do Eu**. Tradução de Maria Helena Cardoso. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FREUD, Sigmund. **Psicologia das massas e análise do Eu**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FREUD, Sigmund. **Freud (1914-1916) - Obras completas volume 12**: introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras, 2011

FREUD, Sigmund. **Obras completas volume 15**: psicologia de massas e análise do eu e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. Tradução de Pedro Kugelmas. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 14-15.

HABERMAS, Jürgen. **Uma nova mudança estrutural da esfera pública e a política deliberativa**. São Paulo: Unesp, 2023.

IANNINI, Gilson; RODRIGUES, Carla (org.). **Dossiê “Psicanálise entre feminismos e femininos”**. *Revista Cult*, v. 238, set. 2018.

IANNINI, Gilson. **Freud e a emancipação das mulheres**. *Cult*, São Paulo, n. 238, p. 24–25, set. 2018.

KEHL, Maria Rita. **Deslocamentos do feminino**. São Paulo: Boitempo, 2016.

KEHL, Maria Rita. **Ressentimento**. São Paulo: Boitempo, 2020.

LACAN, Jacques. **O Seminário 20**: mais, ainda. Rio de Janeiro: Zahar, 1985

LACAN, Jacques. **Seminário, livro 17**: o avesso da psicanálise (1969-1970). Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

LACAN, Jacques. **Seminário, livro 20**: mais, ainda (1972-1973). Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 11**: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009.

LACERDA, Marina Basso. **O novo conservadorismo brasileiro: de Reagan a Bolsonaro.** Porto Alegre: Editora Zouk, 2019.

LIMA, Denise Maria de Oliveira. **Diálogo entre a sociologia e a psicanálise: o indivíduo e o sujeito.** Salvador: Edufba, 2012.

MELMAN, Charles. **O homem sem gravidade: gozar a qualquer preço.** Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2009.

MOUNK, Yascha. **O povo contra a democracia: por que nossa liberdade corre perigo e como salvá-la.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

PETERS, Gabriel. **A sociologia reflexiva como ferramenta ética de autotransformação.** Texto disponível na página do Laboratório de Estudos de Teoria e Mudança Social, Departamento de Sociologia, Universidade Federal de Pernambuco, 2021.

QUINALHA, Renan. **Contra a moral e os bons costumes: a ditadura e a repressão contra a comunidade LGBT.** São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

ROUANET, S. P. **Teoria crítica e psicanálise.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de Psicanálise.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

ROUDINESCO, Elisabeth. **A família em desordem.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

SAFATLE, V. P.; SILVA JUNIOR, N.; DUNKER, C. I. L. (org.). **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico.** Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

SANTOS, Beatriz. **Normatividade, gênero e teoria psicanalítica: uma reflexão sobre a criação de palavras novas.** *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, p. 23–33, 2018. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/3765/376563027003/>. Acesso em: 12 jun. 2025.

VEIGA, Luciana Fernandes. Cultura política: valores democráticos, preferências políticas, autoritarismo e nova direita. In: AVRITZER, Leonardo; KERCHE, Fábio; MARONA, Marjorie (org.). **Governo Bolsonaro: retrocesso democrático e degradação política.** Belo Horizonte: Autêntica, 2021. p. 391–408.

ŽIŽEK, Slavoj. **A visão em paralaxe.** Tradução de Maria Beatriz Medina. São Paulo: Boitempo, 2008.